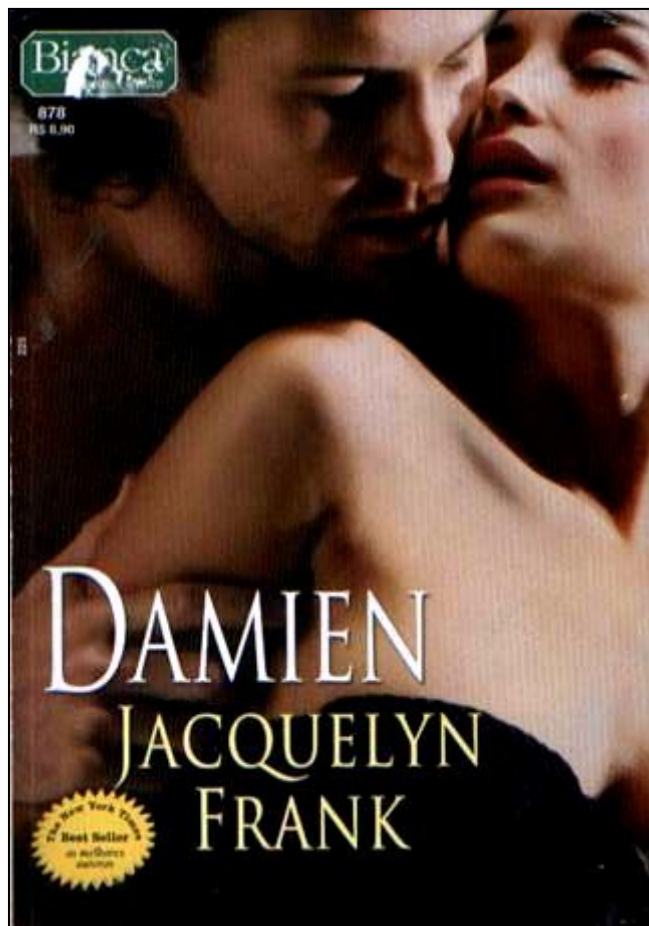


DAMIEN

Jacquelyn Frank



Desde o início dos tempos existem os Nightwalkers - seres noturnos que vivem nas sombras.

Um dos mais poderosos deles é Damien, o príncipe dos vampiros. Mas uma mulher o tentará com um desejo mais forte de tudo que ele conhece e, juntos, eles enfrentarão um inimigo atemorizante e implacável...

Como príncipe dos vampiros, Damien já experimentou todos os prazeres possíveis. Cansado de aventuras, ele agora concentra suas energias em proteger seus semelhantes. A guerra entre humanos e Nightwalkers avança, e quando o inimigo rapta Syreena, a princesa licanthropo, Damien audaciosamente vai atrás e consegue resgatá-la... mas não está preparado para o desejo que aquela mulher lhe desperta!

Dotada de raras capacidades, Syreena cresceu confinada, proibida de fazer contato com outras pessoas, porém a atração que Damien sente por ela é imediata e impossível de resistir. No entanto, o desejo por Syreena pode ter repercussões desastrosas para um homem como Damien, e deixar seus inimigos ainda mais perigosos que antes...



Doação: Mana
Digitalização e Revisão: Alê M.



Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.

Querida leitora,

Quando Damien, o charmoso príncipe vampiro, segue seus instintos para salvar Syreena das forças que ameaçam os Nightwalkers, vê-se irremediavelmente atraído pela princesa licantropo. Determinado, ele enfrenta a resistência dessa criatura única que o encanta e seduz, fazendo-o ansiar pelas sensações negadas durante tantos séculos aos de sua espécie. Porém, enquanto experimentam a poderosa união a que estão destinados, eles têm de enfrentar os traidores que põem em risco o futuro de tantos povos...

Leonice Pomponio Editora

TRADUÇÃO Débora Guimarães

Copyright © 2008 by Jacquelyn Gentilella

Originalmente publicado em 2008 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP

NY, NY —USA

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: DAMIEN

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves Paula Rotta

Vânia Canto Buchala

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Débora Guimarães

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL Andrea Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Andrea Carmassi



© 2009 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10º andar — CEP 05424-010 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Premedia, impressão e acabamento: RR Donnelley

PRÓLOGO

Inglaterra, 1562

Elizabeth riu alto, e o som ecoou pelo salão de baile, apesar de seu estado ofegante. Pressionava com uma das mãos um lado da cintura, justamente onde o corpete costumava reduzir sua capacidade respiratória. Porém, só os mais íntimos saberiam desse detalhe. Para todos na corte, a jovem rainha Bess apenas adotava uma postura elegante ao dançar.

Seu parceiro era implacável, conduzindo-a giro após giro pelos complexos passos da coreografia. Havia poucas pessoas na corte da rainha Elizabeth cuja paixão e energia para a dança se equiparavam à da monarca. Aparentemente, o príncipe romeno com quem Bess dançava não só conseguia acompanhá-la, como a levava ao limite de sua energia.

Robert Dudley, o conde de Leicester, assistia à cena com um olhar sombrio, cobiçoso, e um tique leve, mas revelador, em sua mandíbula. Lorde Burghley não resistiu à oportunidade de provocar o negligenciado favorito da rainha.

— Dudley, parece que nossa Bess está muito impressionada com o príncipe Damien. Não me lembro de ter visto nossa rainha travar amizade tão rapidamente com outro dignitário visitante antes.

Dudley não respondeu de imediato. Era forçado a ver pretendentes de vários países cortejando sua Bess, mas esse príncipe romeno teria o mesmo sucesso de seus antecessores, se pretendia propor casamento à notoriamente caprichosa rainha da Inglaterra.

O coração dela é meu, pensou com ardor.

Mesmo que Cecil organizasse uma parada de belos dignitários interessados em desposá-la, Bess nunca trairia seu coração... ou o dele.

Damien finalmente se curvou para a rainha ao final da dança.

— Você me superou esta noite — a soberana declarou ofegante, deixando-se levar de volta ao trono. — Como aprendeu a dançar nossas danças mais modernas com tanta energia e habilidade?

O príncipe coçou a barba como se considerasse a questão.

— Acho que me empenhei muito. Ouvi dizer que a melhor maneira de atrair a atenção da soberana inglesa é pela dança. — Ele emitiu um suspiro dramático. — E agora que revelei meu ardil, suspeito de que vai me mandar embora e me proibir de voltar a pisar em sua bela pátria.

— Tudo depende de seus motivos para tentar atrair minha atenção.

— Posso inventar um motivo oculto e diabólico, se assim o desejar. Caso contrário, terei de confessar que fui impelido por pura curiosidade.

Elizabeth inclinou a cabeça para trás e riu. Seu charme e seu humor franco causavam escândalo na corte inglesa, mas era evidente que o príncipe não se incomodava. Ela gostava disso. Ficara encantada com Damien desde o momento em que ele a cumprimentara quatro dias atrás. O príncipe se apresentara com a irreverente observação de que não estava ali para cortejá-la ou impressioná-la, que ela não devia esperar nenhuma proposta de casamento, porque ele sabia que ela era boa demais para ele e estaria muito melhor sem sua inoportuna presença.

Havia sido uma forma única de quebrar o gelo, que a tranquilizara em relação às suas intenções, e desde então eles estavam sempre juntos. Elizabeth via em Damien um igual, talvez um possível confidente capaz de entender sua posição única no mecanismo mundial.

— Caminhe comigo, Damien — ela convidou, levantando-se do trono com a energia renovada.

Conduziu-o aos recônditos do grande palácio de Londres. Estavam sendo seguidos, é claro, pelas damas de companhia da rainha, mas os dois soberanos ignoraram a presença do grupo.

— Gracejos à parte, Damien, qual é seu verdadeiro propósito aqui?

— Não tenho um propósito. Estou simplesmente viajando e conhecendo o mundo.

— E seu povo? Seu país? Não precisam de seu príncipe?

— É claro que sim. Mas meu principado não é como o seu reinado. Minha cultura... Bem, é muito diferente da sua. Minha ausência pode ser tolerada de vez em quando.

— É um homem de muita sorte, então.

Damien olhou para baixo, avaliando-a de sua considerável estatura, e sorriu de leve. Não era frequente que se misturasse a essa cultura, mas algumas vezes obtinha informações sobre os acontecimentos no mundo e se sentia compelido a verificar por si mesmo.

A jovem rainha da Inglaterra era singular. Seu futuro continha uma promessa e um potencial que podiam superar até mesmo suas próprias expectativas. Seria uma pena deixar de obter uma visão mais próxima da mulher. Estava ali com a intenção de se divertir, e aquele pequeno nicho do mundo tinha suas delícias intrigantes. As sombrias tramas políticas da corte inglesa eram suficientes para despertar sua curiosidade. As sutilezas eram tantas, que apenas tentar acompanhá-las se transformava em um exercício mental.

— Bem, milady, receio ter de pedir sua licença — ele disse sorrindo, os olhos negros cintilando com irresistível magnetismo.

Elizabeth apreciava sua beleza. Ele era alto, mais do que a maioria dos homens, tinha uma densa barba negra, e uma pele pálida e acetinada que não precisava de pó ou outro tipo de maquiagem para adquirir a qualidade translúcida que exigia a moda. Ele também não usava gordura na barba ou no bigode, nem os deixava crescer excessivamente para retorcer as pontas, como em voga. Em vez disso, ele os mantinha

limpos, como os cabelos, que estavam presos na altura da nuca por uma fita de seda azul que combinava com o negro cintilante das mechas abundantes.

Qualquer que fosse sua posição entre seu povo, ele não era um monarca que repousava ocioso em seu trono. Seu corpo tinha a força e a agilidade de um habilidoso guerreiro acostumado ao peso da espada. A potência dos braços não se desenvolvia naturalmente, e a largura dos ombros parecia poder sustentar o peso do mundo. As pernas eram longas, musculosas, e não havia um grama de gordura extra em sua cintura. O conjunto era suficiente para fazer até uma rainha umedecer os lábios em antecipação. Felizmente, o homem ao seu lado não podia ler pensamentos.

— Eu o proíbo de partir — ela disse, detestando a ideia de separar-se do único homem na Inglaterra que não esperava dela mais do que o prazer de sua companhia. Era um luxo, sabia, mas, como rainha, tinha direito a alguns deles.

Infelizmente, não era a rainha *dele*.

— Normalmente, minha doce dama, eu mesmo me proibiria de partir. Porém, esta noite, sou forçado a privar-me da companhia de Sua Majestade para cuidar de assuntos de Estado. Minhas humildes desculpas.

— Não, Damien, não é necessário se desculpar. Nós, soberanos, somos sempre mais escravos de nosso povo do que somos líderes. Pode ir, desde que prometa voltar amanhã à noite. Temos uma apresentação marcada para nosso entretenimento, e sei que vai se encantar.

— Sem dúvida. Seu gosto é impecável.

Damien levou aos lábios a mão adornada por anéis e beijou a pele pálida e sensível da parte interna do pulso. Ele acompanhou o gesto com uma piscada ousada. Depois, afastou-se com um sorriso, curvando-se sutilmente ao passar pelas sorridentes e agitadas damas da rainha.

— Damien — Dawn cumprimentou-o no momento em que ele entrou no castelo que usavam como gabinete na periferia de Londres.

Donos de sentidos aguçados, os vampiros detestavam viver nas cidades. As ruas cheiravam mal, os humanos tinham hábitos repugnantes, o rio era um esgoto a céu aberto, e nem mesmo galões de perfume francês podiam encobrir a falta de apreço dos humanos pelo hábito de banhar-se. Eles acreditavam que o contato constante com a água os faria adoecer, quando o contrário correspondia à realidade.

— Meu bem — ele retribuiu o cumprimento com um grunhido de apreciação, rindo ao ver que ela se aproximava com as presas prontas para mordê-lo. — Tenho coisas a fazer antes de lidar com seus apetites.

A ruiva insolente sorriu, revelando que não ficaria afastada por muito tempo. E, se tivesse de atender às demandas do corpo com urgência, ela não hesitaria em procurar outro voluntário. Com exceção do desejo mútuo, não havia entre eles nenhum compromisso.

Damien removeu as luvas e desarmou-se da espada que levava na cintura e da adaga que escondia na bota. Entregou as armas a Racine, que estava pronta, como

sempre. Depois, puxou um de seus longos cachos castanhos de maneira afetuosa antes de deixá-la levar suas coisas.

Atravessou o saguão e uma sala comum na direção do salão principal. Lá, ocupando cadeiras, divãs e sofás, formando um círculo acolhedor que ocupava toda a circunferência da sala, estavam os membros de sua corte que o haviam seguido para a Inglaterra. Simone acendera a lareira, completamente dependente daquele conforto. Ela repousava em uma poltrona bem na frente do fogo.

— Damien — ela o chamou com aquele tom petulante que prenunciava uma queixa. — É sempre tão tedioso aqui? Quando nos mudaremos?

— Acabamos de chegar, meu bem — ele lembrou.

— Bem, é aborrecido. Essas pessoas são muito... fedidas. E terrivelmente sem graça. Não podemos voltar a Bizâncio?

— Você sempre quer voltar a Bizâncio — Lind comentou em tom seco, erguendo a cabeça loura dos seios fartos de Jéssica, onde cochilava.

Damien ignorou as queixas e olhou em volta, estudando os dez adultos que se consideravam seus amigos mais próximos. Trocar a corte de Elizabeth Tudor por aquela sala onde todos se vestiam como se nem pensassem muito no assunto exigia sempre alguma adaptação.

Diferentes dos humanos daquela década, que se vestiam com inúmeras camadas de saiotes e corpetes e outras peças desnecessárias, os vampiros no círculo vestiam o mínimo possível. Algumas mulheres usavam calça, outras preferiam kilts masculinos. Tudo era uma questão de gosto. Embora sua espécie normalmente se originasse em sua terra natal romena, cada um deles havia nascido em um século diferente, e Damien acumulava amizades como outros colecionavam uma variedade de safras de vinho. O modo de vestir deles costumava refletir a época e a cultura em que haviam nascido, ou uma combinação simbólica daquilo que os deixava mais confortáveis.

Damien não se importava com a aparência dos amigos. Não se importava nem com o que faziam, desde que não fosse contra as leis e não os expusesse a riscos. O que o espantava era o choque de cultura que sofria sempre que passava do reino humano ao mundo dos vampiros.

Olhou para a única pessoa que não estava deitada, abandonada ao tédio. Jasmine permanecia em pé, atenta, olhando pela janela, as pernas afastadas e levemente flexionadas, os pés calçados por botas. Aproximou-se, saltando alguns pares de pernas no caminho.

— Milorde — Jasmine cumprimentou-o, e torceu o nariz ao sentir seu cheiro. — Precisa de um banho.

— Por que perder tempo antes da caçada dessa noite?

— Faz sentido.

— O que temos hoje à noite, Jasmine?

— Além de preguiça, luxúria e uma variedade de outros pecados mortais? — ela perguntou, inclinando a cabeça em direção aos ocupantes do aposento.

— Mesmo com relação a tudo isso, está olhando para o lado errado — ele provocou, sabendo que Jasmine não demonstrava o tédio como os de sua gente. Ela era uma pensadora. Sempre contemplava aspectos mais profundos que gratificação imediata. Como seu irmão Horatio, por quem fora criada. Ele havia recusado o convite para acompanhá-los à Inglaterra. Na verdade, Damien se surpreendera quando Jasmine aceitara no lugar dele.

— Estou olhando para o futuro, Damien — ela disse com tom suave, o olhar perdido na distância além da janela. — E de repente me ocorre que sei por que alguns de nós dormem décadas seguidas.

— Por quê? — ele indagou, embora houvesse encontrado essa mesma resposta havia quatrocentos anos, mais ou menos.

— Para não enlouquecer, seja de tédio, ou pelo caos de todas as espécies se misturando nesse planeta. Pensar nisso me faz sentir exausta e com vontade de dormir.

— Você só tem cinquenta e quatro anos. Uma criança. Jovem demais para pensar na avidez por entretenimento em sua velhice, e ainda mais jovem para se preocupar com o destino de tantas espécies espremidas no nosso planeta.

— Ele a beijou no rosto com afeto. Como todos os vampiros, ela não havia envelhecido após atingir sua maturidade sexual aos vinte anos. — Porém, se isso a faz se sentir mais satisfeita, posso prometer muita diversão, caso um dia se sinta entediada. Só precisa pedir minha ajuda. — Sorrindo, virou-se para olhar a sala. Pigarreou, atraindo a atenção de todos. Alguns até se sentaram, revelando expectativa.

— Meu tempo na corte tem sido muito produtivo. Há um levante religioso na França. Protestantes, católicos, e aquele absurdo habitual.

— Oh! Estão enviando homens jovens? — Jéssica perguntou animada.

— É um exército ou só um bando de rebeldes?

— Sim, você precisa quantificar, Damien — Lind insistiu.

— Digamos apenas que o tal levante é suficiente para encobrir nossa chegada e nossa caçada por algum tempo — disse, rindo. — Partiremos em uma semana.

Na noite seguinte, Damien chegou ao palácio e descobriu que Elizabeth estava enferma e que, por isso, não presidiria a corte. Ficou preocupado. Londres, mesmo no inverno, era solo fértil para terríveis pragas e outras enfermidades traiçoeiras. Elizabeth Tudor não lhe dava a impressão de ser propensa a doenças ou inclinada a buscar a cama ao menor sinal de fraqueza. Ela era uma mulher teimosa e entusiasmada; por isso mesmo, ele a apreciava tanto.

Decidiu encontrar outro caminho para as acomodações da rainha depois de ter sido alegremente dispensado por Robert Dudley. Poderia ter influenciado o homem com facilidade para entrar, mas estava entediado com as ideias de Dudley sobre o que constituía um jogo de poder.

Dirigiu-se, confiante, à ala onde ficavam os aposentos pessoais de Elizabeth, aproximando-se o suficiente para ouvir as conversas preocupadas e todas as informações possíveis, construindo um panorama da situação. Assim que tivesse

certeza de que a doença da monarca não era importante e de que logo ela estaria bem, reuniria sua comitiva e partiria para os campos de batalha na França, onde novos entretenimentos os aguardavam.

Porém, precisou apenas de um momento para compreender que Elizabeth não ficaria bem. Na verdade, ela provavelmente morreria antes do final da noite.

A rainha contraíra a fatal varíola.

Que amolação, Damien pensou, zangado.

Afastou-se da parede em que estivera apoiado e atravessou o salão. Não foi detido, pois ninguém tinha consciência de sua presença. Entrou no quarto de Elizabeth e caminhou até a cama dela, afastando as cortinas. Ao vê-la, franziu a testa em furioso desgosto. Ela parecia fraca e pálida, quase como se não fosse a mesma pessoa que rira, dançara e flertara com ele na noite anterior.

Havia duas mulheres sentadas muito perto da cama. Damien segurou cada uma pelo queixo por um breve momento, fitando-as nos olhos até manipular suficientemente seus pensamentos e percepções. Depois, olhou para Bess, apoiou um joelho na cama e a sustentou contra o peito. Sua cabeça pendia como a de uma boneca de pano enquanto ele aflagava os cabelos ruivos.

Damien ergueu o queixo, suas presas surgindo cintilantes e encontrando o caminho para o pescoço da jovem rainha da Inglaterra.

O príncipe vampiro sentiu o sangue, superaquecido pela febre, fluindo para dentro de sua boca. Como não tinha caçado antes, sentiu aquele súbito prazer provocado pela saciedade de sua fome, que sempre acompanhava a primeira infusão do sangue de uma vítima.

Apesar da enfermidade e da febre, Elizabeth reagiu à invasão. Ela gemeu baixo, buscando às cegas tocar o braço que a amparava. Damien não podia ignorar a carícia dos dedos e os movimentos do corpo em seus braços. O estímulo aumentava o prazer da alimentação da mesma forma que o ato da nutrição sempre despertava a sensualidade instintiva da vítima. A única coisa que teria causado mais satisfação era medo, raiva ou o que quer que provocasse uma descarga de adrenalina humana imediatamente antes da perfuração da pele. Esse era o tempero perfeito.

Ela já estava fraca e, portanto, ele não sorveu tudo que gostaria. Nem perto disso. Mas manteve a boca sobre a ferida que abria. A carótida pulsava freneticamente contra sua língua, e nela ele causou a segunda perfuração, injetando no organismo de Elizabeth os agentes coagulantes que ficavam estocados em suas presas, como o veneno que é inoculado por uma serpente. Mas, ao contrário do veneno, essa inoculação não causaria mal a ela.

Pelo contrário. Em algum lugar, misturado à química dos coagulantes que continham o sangramento, estava o anticorpo de que ela precisava para combater o invasor que ameaçava sua vida.

Poucos vampiros eram velhos ou fortes o bastante para enfrentar uma infecção da magnitude e da complexidade da varíola. Porém, aqueles que, como Damien, eram suficientemente poderosos, tinham a capacidade de localizar e identificar o patógeno, extraí-lo das células doentes e forçá-las a produzir o anticorpo necessário. Não era fácil,

e vampiros despreparados para a tarefa podiam se envenenar com a doença. Felizmente, todos podiam sentir essas anomalias em suas vítimas antes do ataque.

A recompensa para o risco de converter a doença em cura era uma lembrança patológica do anticorpo, que se unia a centenas de outras memórias e era adicionada ao coagulante injetado na vítima ao final da alimentação. Damien havia mordido uma pessoa infectada pela varíola antes, e isso havia permitido que seu corpo criasse o anticorpo do qual Elizabeth agora poderia desfrutar. Não se alimentava dela por sentir fome. A saciedade era só um pequeno bônus. Alimentava-se dela para curá-la.

Afastou-se da rainha, deitando-a gentilmente sobre vários travesseiros de plumas. Sua mordida não era uma cura milagrosa. Era apenas um atalho que daria ao sistema imunológico da vítima uma grande vantagem. Elizabeth era forte e lutadora. A combinação a ajudaria na recuperação. Só levaria algum tempo.

Ele iria à França, se banquetearia com seus companheiros nos campos de batalha, e retornaria depois, esperando encontrá-la viva, bem e feliz por revê-lo.

CAPÍTULO I

San Jose, Califórnia, tempo atual

Damien se virou ao sentir alguém muito perto. O movimento repentino fez a trança na altura de sua nuca estalar como um chicote contra a lateral do pescoço.

A escuridão era completa. A ausência da lua criava a impressão de que um pesado manto negro cobria a paisagem. As lâmpadas das ruas, espaçadas demais umas das outras no subúrbio da Califórnia, não eram suficientes para penetrar a escuridão.

Mas Damien não se importava com aquilo. Pelo contrário. Era seu ambiente natural, pois ele possuía sentidos aguçados que funcionavam melhor à noite. Mesmo assim, alguma coisa o incomodava.

Não era um ser humano que se aproximava, confiante. Humanos normais não podiam chegar tão perto sem que ele os notasse. Tentou adivinhar quem, ou o que, o seguia.

Primeiro, tinha de determinar se a perseguição era proposital ou acidental. Meneou a cabeça. Tudo que desejava aquela noite era participar de uma boa caçada e depois voltar para casa em paz. Mas, para desfrutar dessa tranquilidade, não podia ter inimigos.

Infelizmente, vampiros tinham muitos inimigos. E o príncipe normalmente tinha dez vezes mais que o número comum à maioria deles. Sem mencionar a política externa, os humanos intrometidos e outras raças de Nightwalkers, os vampiros tinham a irritante tendência de disputar a liderança uns com os outros. A maioria sabia que não devia desafiá-lo, mas sempre havia um ou outro que superestimava a própria capacidade e tentava depor o vampiro real de seu trono. Viviam em uma sociedade na qual a sobrevivência dos mais fortes estava no centro de muitas motivações. No caso do trono, ela determinava quem lideraria a espécie.

Damien se tornara príncipe havia séculos derrotando o monarca anterior. Mas seu antecessor era um canalha e havia merecido a decapitação ritual, pensou, esperando que seu perseguidor o alcançasse.

Já sabia que o perseguidor não era um vampiro. Para isso, só tivera de ajustar as pequenas membranas ocultas na anatomia de seus olhos. Essa membrana dava a ele a capacidade de visualizar uma aura brilhante que variava com a quantidade de calor que um corpo desprendia.

Vampiros não tinham uma circulação natural, mas retinham o calor do corpo das vítimas entre uma alimentação e outra, e podiam manter sua temperatura, desde que se alimentassem a cada vinte e quatro horas. Porém, a falha nesse sistema era que as extremidades, como dedos das mãos e dos pés, perdiam esse calor artificial mais depressa. Sendo assim, em sua percepção visual, um vampiro que ainda não tivesse se alimentado teria o efeito de um alvo desenhado. Peito e coração seriam o centro brilhante, por concentrarem mais calor, mas esse círculo estaria cercado por outros numa progressão de cores, vermelho, laranja e rosa, até pés e mãos se tornarem praticamente imperceptíveis à visão de calor, misturando-se à temperatura do ambiente.

Um vampiro que já tivesse caçado seria de um vermelho uniforme, diferente de um humano, que formava uma série em constante transformação composta por branco e diferentes tons de vermelho. Os níveis de calor humano estavam sempre se alterando com o movimento, o esforço, a doença ou a excitação, e havia um período perceptível de tempo antes de o corpo compensar essas mudanças, nivelando-as de alguma forma. Porém, os que tinham olhar mais aguçado e maior conhecimento podiam determinar com facilidade a diferença entre um vampiro aquecido e um mortal, especialmente após um ou dois séculos de prática.

Quem o seguia não era humano ou vampiro. Mas era um Nightwalker capaz de dar ao corpo a temperatura desejada, ou, mais especificamente, um demônio. A raça era famosa por sua temperatura corporal vários graus mais baixa que todas as espécies existentes no planeta. O corpo que se protegia nas sombras atrás dele tinha temperatura bastante baixa.

As espécies dos Nightwalkers eram aquelas que viviam apenas na noite, ocultas de uma variação ampla de efeitos negativos causados pelo sol. Dentre essas espécies, os demônios eram a segunda menos provável a causar sofrimento ou representar perigo para o príncipe vampiro. Demônios eram reconhecidamente morais e reservados, focando-se neles mesmos e na própria política de constante controle da raça, e não saíam de seus domínios para causar problemas em outros locais.

Normalmente. Problemas ocorridos recentemente tornavam tudo possível.

Podia ser um habitante das sombras. Os seres pequeninos e ardilosos eram os mestres da camuflagem. Equivalentes ao camaleão, eles causavam sempre grande aborrecimento. Tinham pouca ou nenhuma estrutura política, perambulando em clãs ou agremiações religiosas, frequentemente causando mais perturbação e problemas do que deveriam. Eram como crianças rebeldes importunando os Nightwalkers, brigando entre si, e usando os mortais como brinquedos por pura diversão.

Damien compreendia o encanto existente nisso. Também se envolvera com mortais em sua juventude.

Bem, talvez juventude fosse força de expressão.

Honestamente, ainda era capaz de brincar com as raças que o cercavam, se fosse adequado à sua disposição. Ele riu. Gideon, um velho demônio e amigo, já o acusara de ser um intrometido cósmico, e não podia dizer que a acusação era inteiramente mentirosa.

Antes de se convencer de que o demônio em questão também era um amigo, precisava reverter as posições na perseguição e surpreendê-lo.

Inesperadamente, a sombra deixou o esconderijo e caminhou em sua direção. Abordagem direta. Isso significava apenas duas coisas: incrível estupidez ou admirável ausência de medo. Adaptando a visão para estudar o rosto daquele que se aproximava, percebeu que a resposta, nesse caso, era a coragem.

— Noah! — exclamou, deixando as sombras para ir ao encontro do rei dos demônios.

Noah sorriu e apertou a mão estendida.

— O que o traz aqui, tão longe de casa? — Damien perguntou. Noah vivia na Inglaterra, muito longe da Califórnia, onde ele atualmente estabelecera seu território.

— Vim tratar de negócios. E peço desculpas por ter chegado bem na hora do jantar — ele brincou.

Damien fez um gesto indicando que não tinha importância, e o grande rubi no anel em seu dedo médio brilhou.

— Tudo bem. Eu ainda nem havia escolhido a presa.

— Eu percebi — confessou Noah.

O rei era um demônio do Fogo. Todos os demônios tinham um poder decorrente da afinidade com um determinado elemento do mundo natural que os cercava e compunha. O fogo era o mais volátil e impressionante desses elementos. Como tal, Noah podia sentir padrões energéticos e, após seis séculos de vida, tinha prática suficiente para saber se ele já possuía um alvo para o jantar daquela noite.

Noah conquistara seu trono, como Damien, mas fora escolhido por eleição por sua força inquestionável e sua evidente capacidade de liderança. O rei anterior tivera de morrer para que a sucessão pudesse acontecer. E ele havia morrido de causas naturais, porque os demônios reprovavam luta ou morte entre eles mesmos embora, sendo basicamente imortais, raramente ocorria um episódio de morte natural em qualquer uma das raças da noite.

Normalmente, o fim era decorrente de assassinato. Nesse caso, porém, um demônio não seria eleito rei depois de ter assassinado o antecessor. Os demônios consideravam grave afronta matar um monarca.

Noah jamais poderia ser destituído de seu posto. O Grande Conselho o elegera, mas não podia depô-lo. A morte seria a única maneira de substituí-lo. Em tempos menos civilizados, se o Conselho decidisse ter cometido um engano, haveria uma trama de assassinato para promover a substituição do rei.

Por outro lado, nenhuma raça de Nightwalkers era inteiramente civilizada. Damien acreditava que isso jamais ocorreria.

— Que tipo de negócios? — Damien convidou o soberano a caminhar ao seu lado.

— A biblioteca.

— Ah, sim. Não esqueci. O que você quer?

— Para ser bem objetivo, estudiosos da sua sociedade. Não temos a intenção de manter ocultos os mistérios contidos nessa Biblioteca Nightwalker. Trata-se de uma coleção universal de muitas histórias das raças da noite. Não voltamos ao local desde que ele foi descoberto nas cavernas do território licantropo. O povo de Siena também não voltou lá. — Noah sorriu ao mencionar o nome da rainha licantropo que se casara recentemente com o comandante do exército dos demônios. Elijah, o capitão guerreiro, era estimado pelo governante. — Nós... Quero dizer, Siena e eu decidimos que seria justo convidarmos os vampiros para integrar esse grupo de estudiosos que vai começar a pesquisar a importância daquele lugar. Como nenhum de nós jamais esteve lá antes e todo o material foi compilado das linguagens das raças Nightwalker, é justo que cada uma dessas raças tenha uma chance de conhecer o conteúdo daquele material. Chances iguais para todos.

— É muito justo, realmente, mas não preciso lhe dizer que meu povo não é do tipo erudito. Com exceção da nossa estrutura política e da minha corte muito compacta, somos uma nação de tribos. Funcionamos em grupos pequenos e independentes, nos preocupamos basicamente com a alimentação, evitando os caçadores humanos e buscando sensualidade. Se não podemos consumir, matar ou celebrar com um determinado objeto, ele não nos interessa.

Noah riu. As palavras de Damien descreviam de maneira resumida basicamente todas as raças de Nightwalkers. Mas o rei dos demônios sabia que os vampiros eram a representação mais pura desse estereótipo. O tédio dos vampiros era algo assustador. Quando não estava entretido ou distraído, um vampiro podia causar grande comoção. Mas Damien tinha sua maneira bem peculiar de policiar a espécie. Atualmente, seus súditos não escapavam ao controle como no passado. O príncipe havia amadurecido.

— Se eu mandar algum interessado — ele prosseguiu —, esse indivíduo certamente terá motivos escusos. Talvez queira estudar essa estranha biblioteca para conseguir poder. Não há nada que um vampiro aprecie mais do que poder. Se mandar alguém que não tenha interesse, certamente só vai atrapalhar. Prefiro obter todas as informações pertinentes por você mesmo, Noah. Os estudiosos demônios e licantropos são os melhores para esse tipo de tarefa.

— Eu sabia que essa seria sua decisão, mas achei melhor vir perguntar. E fico surpreso por não demonstrar nenhum interesse pessoal.

— Pelo contrário, estou ardendo de curiosidade. Uma biblioteca com livros em variados idiomas de muitas raças de Nightwalkers tem implicações intrigantes. A que considero mais intrigante é como conseguimos permanecer no mesmo aposento pelo tempo necessário para pensarmos em construir esse lugar, e ainda enchermos todas aquelas prateleiras. Tudo isso sugere histórias tão antigas que nem nós, os mais velhos, conhecemos. É uma situação que flerta com a ideia de que nós, os Nightwalkers, podemos ter origens comuns das quais nem suspeitamos. E também abre a possibilidade de contrariar os elitistas puristas existentes em todas as raças, arrogantes preconceituosos que somos. Resumindo, isso vai causar problemas.

— E eu sei o quanto você gosta de problemas.

— Admito que tem razão. — Damien riu. — Tenha certeza de que irei dar uma espiada no seu trabalho de vez em quando. Além disso, Horatio será instruído a comparecer às reuniões e informar-se de todas as descobertas. Ele me manterá informado.

— Horatio? Desde quando diplomatas são bons estudiosos? A história e os dados registrados são factuais demais para eles! Para Horatio, tudo seria material de propaganda.

— Ainda assim, ele já integra sua corte. Isso facilita a interação. E também há Kelsey. Ela está na corte de Siena no momento. Com a ajuda dos dois e minhas visitas ocasionais, sei que terei uma boa ideia do progresso das pesquisas.

— Muito bem, mas não deixe de me avisar se mudar de ideia.

— Eu raramente mudo de ideia.

— Eu sei. — Noah parou e estendeu a mão. — Obrigado por ter me ouvido, Damien. Espero que compareça à cerimônia de nomeação.

— Quando sua irmã terá a criança?

— Em um ou dois meses. Normalmente, uma fêmea de demônio tem gestação de treze meses completos, mas Gideon sente que a criança está ansiosa para nascer. Como Magdalegna também está ansiosa pelo fim da gravidez, não tenho dúvida de que terei mais um sobrinho em breve.

— Transmita a ela minhas felicitações. Horatio me informará sobre o nascimento.

Noah assentiu, acenou, e desapareceu numa espiral de fumaça que permaneceu por alguns instantes onde antes estivera o homem alto e de ombros largos, antes de subir ao céu e se perder na noite.

Sozinho, Damien voltou a pensar no jantar.

* * *

Syreena chegou ao chão com um grunhido alto, fazendo subir uma nuvem de poeira que penetrou em seus pulmões. Ela tossiu, cuspiu o sangue da boca e se contorceu para olhar para a pessoa que a atingira.

Devia dizer *as pessoas*.

Eram Os Três.

E ela os havia enfurecido.

— Levante-se, criança — ordenou a figura central coberta por seu manto.

Ela obedeceu ao comando. Em pé, jogou para trás os longos cabelos, misturando momentaneamente as mechas de duas cores, castanho-claro e cinza metálico, antes de elas se dividirem em duas camadas uniformes, uma cor para cada hemisfério da cabeça. Os olhos dela estavam iluminados pela fúria. Também tinham duas cores, castanho e cinzento, contrastando com a cor do cabelo por estarem em lados opostos. O efeito arlequim era sinistro, mas, ao mesmo tempo, curioso.

— Não sou uma criança — ela declarou irritada, contendo o medo que Os Três causavam nela desde a infância. — Não vou me desculpar por meus atos.

— Sua insubordinação é inaceitável, Syreena. Não condiz com a criação que recebeu.

— Eu sei como fui criada — ela disparou, cuspidando mais uma vez antes de limpar a boca com o dorso da mão. — Há quinze anos me libertei do Pride, Silas. Se não se lembra, vocês me rejeitaram. Mandaram-me para a corte dos licantropos para que eu pudesse servir a minha irmã.

— Você não foi rejeitada. Foi enviada em uma missão. Os monges do Pride estão sempre servindo duplamente. O tempo todo. Por que haveria de ser diferente com você? É monja e é conselheira da rainha.

— E sou uma princesa. Sou membro da família real. Minha irmã exalta sua sabedoria e reconhece o protocolo exigido em determinadas ocasiões, mas ela ainda reina sobre você e todos os membros da raça licantropo. Esse poder agora também é meu. Você me disse que era hora de tomar meu manto de realeza, e agora me pune por isso!

— Nós a punimos — disse a figura à esquerda —, porque atacou um de seus irmãos sem motivo.

— O canalha arrogante ousou questionar a sobrevivência de minha irmã quando ela estava à beira da morte. Ela foi envenenada pelo sol, estava sofrendo e correndo risco de não voltar à vida, e ele a insultou, diminuindo a importância de seu esforço por uma paz pela qual ela se dispunha a morrer! Fiz mesmo, e farei tudo de novo se alguém...

— Ninguém toca em um membro do Pride! — Silas gritou, perdendo a calma pela primeira vez desde o início do incidente.

— Ora, mas não acabou de tocar em mim? Faça o que eu digo, não faça o que eu faço? Isso podia funcionar quando eu era criança, mas agora cresci. Sou uma adulta experiente, e agradeço pelo treinamento que tanto bem me fez. Mas, Silas, eu o previno: se encostar um dedo em mim novamente, vai descobrir o que tenho contido durante todos esses anos de aprendizado. É melhor parar enquanto pode. Não vai me subjugar nunca mais. Esse tempo passou.

Silas sabia do que a princesa era capaz, e sabia também que não tinha a total medida de sua força. Ninguém a conhecia realmente, embora ela houvesse passado o último século sob a tutela das melhores mentes do Pride.

Syreena era uma anomalia licantropo. A cura de uma doença da infância causara uma mutação dramática. Ao atingir a puberdade, ela se desenvolvera em um ser jamais visto antes.

Todo licantropo podia existir em três formas. O aspecto humano, o aspecto do animal que existia em seu sangue, e uma combinação dos dois que adotava forma humana e era chamada de duoforma.

Syreena tinha dois aspectos adicionais, uma divisão que promovia a forma e a duoforma de um animal adicional. Isso dava a ela uma posição de precedência. Ninguém sabia ao certo qual era o limite de suas habilidades. Ninguém a não ser ela mesma. E ninguém se dispunha a desafiá-la para conhecer seus limites.

Assim, embora Os Três fossem os mais temidos e poderosos monges do Pride, Syreena não se surpreendeu quando eles recuaram. Em silêncio, Silas se retirou da sala de disciplina seguido pelos outros dois.

Syreena exalou ruidosamente, tomada pela revolta. Era temperamental, e só pelo treinamento e pela meditação conseguia controlar a natureza beligerante que herdara da família. Siena também havia controlado essa natureza violenta. Tanto que, agora, era uma renomada pacificadora. Havia uma diferença entre a política de Siena e sua personalidade, uma distinção que se tornava evidente no homem que escolhera para marido: um guerreiro.

Syreena permaneceu na sala subterrânea do monasterio, andando de um lado para o outro numa tentativa aflita de gastar a energia emocional acumulada. Honestamente, já esperava por essa tentativa de contenção. Depois de quase ter estrangulado os dois monges que ousaram duvidar de sua vontade e das intenções de sua irmã, não podia esperar nada diferente. A censura era inevitável para quem ameaçasse um membro do Pride. Até mesmo para Siena.

Mas isso não queria dizer que Siena aceitaria a censura. Ela não teria permitido que Silas a agredisse, caso ele fosse insano o bastante para tentar. Mas Syreena era só uma jovem princesa aos olhos dos monges, herdeira do trono somente até Siena ter o primeiro filho. Não havia por ela a mesma estima e o mesmo respeito dispensado à sua irmã.

Não importava nem mesmo o fato de poder se tornar ela mesma uma das integrantes do grupo denominado Os Três.

E isso a incomodava, embora jamais demonstrasse.

Jogou os cabelos para trás, exibindo apenas a metade castanha. Depois sacudiu a cabeça e o corpo, cobrindo-se totalmente com as mechas. Cabelos transformaram-se em penas, as roupas ficaram no chão, e um falcão-peregrino deixou o porão do monasterio e a caverna do Pride.

Siena virou a cabeça ao ouvir o som de asas batendo. Pelo canto do olho, ela viu o falcão penetrar no aposento que usava para suas meditações, transformando-se

imediatamente na princesa que aterrissou sobre pés. A rainha ergueu-se de sua posição de meditação, de joelhos, ajeitando o vestido.

Syreena permanecia nua, observando a irmã cujos abundantes cachos castanhos cobriam as curvas exuberantes de seu corpo com mais discrição que o vestido minúsculo. A nudez nada significava para elas e para os de sua espécie. um licantropo não podia mudar de forma dentro da restrição das roupas, por isso usavam pouca ou nenhuma vestimenta. O que vestiam era rapidamente descartado antes ou durante a transformação.

— Como foi?

— Vamos dizer apenas que tão cedo ninguém vai me convidar para o chá.

As duas irmãs eram opostas. Siena era alta e curvilínea, tinha cabelos e pele dourados e uma beleza sedutora. Syreena era pequena, esguia e exótica com seu cabelo bicolor e os olhos de arlequim. Siena crescera cercada pelas intrigas da corte e com a liberdade de interagir com outras raças de Nightwalkers enquanto Syreena fora criada no monasterio, reclusa e isolada do mundo real desde o instante em que fora identificada como diferente.

Não havia sido discriminada nem sofrera preconceito. Pelo contrário. Os licantropos apreciavam uma boa mutação, especialmente se fosse poderosa, como a dela. Fora enviada ao Pride não só para receber treinamento e educação, mas para ser protegida daqueles que poderiam usá-la como arma para obter poder. Mais especificamente, para conquistar o trono que o pai dela ocupara até quinze anos atrás e que, depois de sua morte, a irmã herdara. Siena exigira o retorno de Syreena no dia em que ascendera ao trono, arrancando-a da existência abrigada para colocá-la em seu posto de herdeira e fazer uso de suas habilidades e de seu conhecimento de diplomata, nomeando-a sua conselheira-chefe.

No dia em que a princesa voltara para casa, as duas se haviam descoberto praticamente estranhas, apesar da constante troca de cartas durante a separação de um século. Syreena se sentira uma forasteira, mas Siena se tornara imediatamente uma irmã amorosa e dedicada.

Syreena descobrira que era fácil amá-la, apesar de ter sido criada e educada pelos frios monges. Nunca imaginara que era *capaz* de amar, até ser tão bem acolhida.

— Espero que não tenham sido duros demais — Siena comentou.

— Se está se referindo ao corte no meu lábio, não se preocupe. Não é nada sério.

— Não gosto de pensar que alguém a agrediu. Devia ser tratada com o mesmo respeito que eu mereço.

— Eu disse isso a eles. E tenho certeza de que Os Três me ouviram.

— Nesse caso, se já encerrou seu episódio com os monges, acho que vai poder me fazer um favor.

— Que favor?

— Quero que se junte ao grupo de estudiosos que vai pesquisar a biblioteca. Muitos serão monges do Pride, é claro. E como você tem um pé na corte e outro no monasterio, é minha melhor escolha para aproximar esses dois interesses tão

afastados. Terá o respeito pelo estudo e pela tradição, indispensável aos olhos dos membros do Pride, e manterá em vista meus interesses.

— Parece fácil.

— Fácil, Syreena, é uma palavra que jamais vai servir para descrever tudo que está ligado à Biblioteca Nightwalker. E há outra razão pela qual quero enviar você.

— Uma razão que deve estar relacionada ao fato de eu sempre ganhar uma briga.

— Todos os monges do Pride sabem lutar, embora só utilizem essa habilidade em defesa própria e de seus interesses. Não estou preocupada com a defesa deles, porque sei que cada um pode cuidar de si mesmo. Além do mais, já notei que, pessoalmente, você é mais pacifista que guerreira. Apesar de tudo isso, devo considerar que fomos forçados a destruir um acampamento de nigromantes, caçadores e traidores da raça dos demônios, e esse acampamento estava localizado menos de trinta metros acima e distante da caverna onde fica a biblioteca. Além do mais, tudo isso fica no nosso território, e estaremos recebendo outros Nightwalkers nessa expedição de conhecimento. Preciso de alguém que tenha tido algum contato com outros Nightwalkers, alguém que seja capaz de considerar a segurança e o bem-estar dos nossos visitantes. Não posso colocar uma brigada militar naquela área. A paz entre licantropos e demônios ainda é recente demais, depois de tantos séculos de guerra, e os Nightwalkers têm memórias muito duradouras. Os demônios que estarão entre nós serão estudiosos, mas ainda existe um grande potencial para algum tipo de explosão.

— Entendo.

— E não temos como saber que informação a biblioteca vai revelar. Podem surgir questões capazes de transformar o debate teórico em conflito de interesses. Há muitas variáveis, muitos fatores que escapam ao nosso controle. Você é a única que conheço com o poder e, evidentemente, com a correção de caráter indispensável para impor-se diante de membros de todas as raças. Não teme o Pride, não tem preconceito contra os demônios, e conhece meu desejo de manter a paz estabelecida. Sempre defendeu meus interesses e minha vontade política, e também não tem medo dos demônios. Depois de mim mesma, você é a melhor escolha para integrar essa missão. Confio em você, Syreena, e preciso de sua ajuda nessa questão.

— Eu entendo. Sou princesa em sua corte, mas sou uma rainha quando o assunto é correr com um pé de cada lado da cerca.

— Fala como se a capacidade de considerar todos os ângulos de uma situação fosse um defeito, não uma virtude. Essa é uma de suas habilidades mais valiosas, Syreena.

— Sim, eu sei.

O que Siena não percebia era que todos valorizavam e admiravam a natureza multifacetada dela. O problema era encontrar um ponto de conciliação. Não com a irmã, porque ela a respeitaria e amaria mesmo que tivesse vinte cabeças e uma personalidade para cada uma delas. Mas ninguém naquela sociedade a via como um ser individual. Ela era sempre singular por sua raridade, mas nunca indivisível aos olhos alheios. Sempre havia alguém capaz de apreciar um ou outro de seus aspectos, mas raramente era admirada como um todo.

A corte se encantava com sua aura de mistério. O Pride se gabava de ter descoberto suas características únicas. Os monges queriam discipliná-la. O povo a queria casada e procriando.

Era como um cavalo selvagem para os humanos que o capturavam. Inteligente, perigosa, forte e bela. Teria de ser domada para aceitar a sela e procriar, perpetuando a linhagem e a superioridade genética. Devia servir com docilidade a causas alheias, mas nunca poderia percorrer os próprios caminhos.

Se tivesse algum caminho próprio.

Honestamente, não sabia para onde iria, se pudesse escolher. Não sabia se era um ser inteiro, ou duas metades tentando compor um todo.

— Syreena?

— Hum? Ah, eu... sinto muito. O que estava dizendo?

— Perguntei se alguma coisa a incomoda.

— Nada de extraordinário.

— O ordinário, então...? — Segurando o braço da irmã, ela a levou ao fundo da caverna, onde ficava a residência real.

— Estava apenas pensando se estou à altura da tarefa que me propõe. Vai me colocar em águas turbulentas, e estou mais habituada a evitar essas situações de conflito. Estou mais preparada para atuar como sua conselheira, sugerir formas de ação, colocar outras pessoas em situação de conflito para defender seus interesses. Por outro lado... — Ela suspirou. — Talvez seja bom para mim. No futuro, saberei conter a ansiedade de atirar outras pessoas aos lobos. — Ela riu.

— Essa é a voz da filósofa, sempre ávida pela chance de aprender algo novo.

— É claro.

— Syreena... está feliz aqui?

— É claro que sim. Acha que não me adaptei bem?

— Não é isso. Demorou um pouco, mas está perfeitamente ajustada à vida e às responsabilidades de um membro da realeza. Mas não foi isso que eu perguntei. Quero saber se está feliz. Pessoalmente feliz.

— Não tanto quanto você — ela sorriu —, porque não tenho um marido para me fazer feliz todas as noites... e todas as manhãs, pelo que ouvi dizer.

Siena gargalhou com evidente satisfação.

— Às vezes eu odeio ser rainha. Não posso nem usar o banheiro sem que alguém perceba! Aposto que minhas criadas já estão acompanhando meus ciclos antecipando a chegada de um herdeiro!

— E eu também devo ficar atenta?

— Não! Vou ficar bem longe de Elijah quando entrar no meu período fértil. Pelo menos por alguns anos.

Aquela era uma proeza que Syreena gostaria de ver!

— Elijah não aceitaria duas semanas de celibato, mesmo que fosse somente duas vezes por ano! E você nunca teve um período fértil ao lado de um companheiro. Acha que vai conseguir ficar longe dele?

— Vou me esforçar para isso. Elijah e eu temos de aprender a viver um com o outro antes de colocarmos mais ingredientes nessa receita.

— Minha esposa está analisando nossa vida conjugal? — As duas se viraram quando o comentário passou por elas como uma brisa no interior da caverna. Num piscar de olhos, o guerreiro demônio se materializou a partir de seu elemento, metamorfoseando vento em matéria numa fração de segundo.

Siena correu a abraçá-lo, e a reverência com que ele a apertou contra o peito a fez parecer ainda mais delicada. Eles eram a definição do que os demônios chamavam de marca. Almas gêmeas, como rotulavam os humanos. Casal perfeito. Um encontro de forças da vida que transcendia os limites do corpo.

Syreena estava feliz por eles, mas também os invejava. Ela sempre havia desejado constituir família e construir um lar de amor e compreensão. Siena sempre jurara jamais se casar, temendo repetir os erros da mãe, uma mulher doce que desposara um sanguinário senhor da guerra. Nas cartas que trocara com Siena ao longo de décadas, sempre falara de seu sonho de ter uma casa cheia de filhos. Os nobres licantropos podiam ter apenas um companheiro. Somente um parceiro. Quando escolhiam um amante, essa escolha equivalia a trocar votos eternos. O elo teria de perdurar pela eternidade, e de uma vida a outra.

E Syreena sonhava com isso.

— Bem, apesar de manterem uma ligação telepática, tenho certeza de que a estadia de Elijah na corte de Noah foi repleta de eventos que ele está ansioso para compartilhar. Sendo assim, vou deixar vocês dois sozinhos. — Syreena se retirou antes que um deles pudesse protestar.

— Maldição — Siena resmungou.

— O que é? — Elijah indagou preocupado.

— Nada. Só percebi que ela não respondeu à pergunta que fiz antes de você chegar.

— Repita a pergunta mais tarde, então. Agora... Quero saber se sentiu minha falta. — Ele sorriu.

— Você sentiu a minha? — ela indagou insinuante, deslizando as mãos pelas costas do marido e puxando-o contra o corpo.

Damien entrou em casa depois da caçada, levitando por sobre as muralhas e aterrissando em uma sacada do terceiro andar. A varanda dava para uma biblioteca bem iluminada, e ele entrou, curioso para saber quem havia chegado antes dele na mansão em Santa Bárbara.

Jasmine lia, confortavelmente instalada em uma poltrona. Ela não envelhecera um dia em quase quinhentos anos. Os cabelos negros eram abundantes e brilhantes, os

olhos eram expressivos e a pele era perfeita. Ela era a única presença de que não conseguia se cansar.

Olhar para ela foi suficiente para saber que ela não saía para caçar. Seu corpo estava frio, não emanava o calor recentemente absorvido de um humano. Mas ela parecia bem confortável com seu livro, sem nenhuma intenção ou necessidade de sair tão cedo.

— Jasmine? — Quando ela levantou a cabeça, perguntou: — Por que não saiu?

Ela fechou o livro sem marcar a página.

— Ainda vou sair. De repente decidi vigiar meus passos?

— Não é repentino. Você faz parte do meu grupo há tempo suficiente para saber que vigio todos os passos. — Ele se sentou sobre a mesa de centro diante dela, fitando-a nos olhos. — Está melancólica outra vez.

— O nome atual não é "depressão"?

— Não somos humanos. Esses termos adotados por eles jamais servirão para nós.

— Suponho que não. E não estou melancólica. Nem aborrecida. Não se preocupe. Não vou criar problemas para me distrair.

— Então, por que está tão retraída?

— Acho que nasci assim. Sempre fui um pouco... instável.

— O que vejo não é instabilidade. Conheço você, Jasmine. Vai começar a se negligenciar, cair em torpor, e não a verei por um século inteiro.

Jasmine sorriu. Ele realmente a conhecia bem. O príncipe era seu mais velho amigo; seu mentor, de fato. Ficaria surpresa se ele *não* a conhecesse.

— Eu não seria a primeira a me retirar, e você não fica perseguindo os outros que se desencantam e decidem repousar por um tempo prolongado. Por que se preocupa comigo? Por que está sempre insistindo nesse assunto?

— Porque sinto sua falta quando você me deixa. Ainda preciso dizer?

— Talvez. É bom ouvir. Mas eu estou bem. Talvez sinta falta de algo com que me ocupar, apenas. Não sei.

Damien sorriu, e o sorriso conferiu ainda mais beleza aos traços harmoniosos e eternamente jovens.

— Acontece que talvez eu tenha essa ocupação que procura — ele anunciou.

O som de passos ecoou nas cavernas que levavam à biblioteca recém-descoberta, conforme Syreena se aproximava. As armadilhas haviam sido removidas, e as fechaduras estavam temporariamente desprovidas de segredos. A pedra que havia protegido a misteriosa biblioteca fora afastada, e estudiosos de diferentes raças de Nightwalkers percorriam os corredores entre as estantes com uma constância que só fazia crescer.

Ela parou na entrada, sobre o tapete manchado por séculos de umidade e poeira, mas ainda vibrante em seus variados tons de vermelho e dourado. Era sua segunda

visita. O cheiro de umidade havia diminuído. Admirou o espaço. Havia prateleiras do teto ao chão, do extremo direito ao extremo esquerdo. Nelas, livros de tamanho e espessura variados se espremiavam em fileiras perfeitas. Em uma primeira olhada, só conseguiu ler um de cada dez títulos. Era impressionante, porque podia ler e escrever em diversos idiomas, humanos e Nightwalker.

O corredor principal era largo o bastante para abrigar várias mesas. Alguém providenciara lamparinas a óleo e querosene que eram mantidas acesas. Tochas presas às paredes também espalhavam sua luminosidade dourada. Syreena sentia os olhos ardendo pelo excesso de luz.

Já havia dois monges e um demônio na sala de leitura. Devia haver outros estudiosos nos corredores, além de seu campo de visão. Todos começavam por algum lugar, abrindo o primeiro livro que lhes despertava o interesse. Até onde sabia, ninguém conhecia o significado das marcas entalhadas nas paredes, sobre as prateleiras, mas certamente eram símbolos.

Provavelmente indicariam alguém para cuidar de tudo por ali. Um bibliotecário, talvez. Alguém que pudesse coordenar o esforço, impedir que o mesmo trabalho fosse realizado por vários estudiosos. Alguém que registrasse os volumes e os mantivesse em ordem, que informasse a necessidade de reparos e quaisquer problemas que pudessem danificar os livros.

Os Nightwalkers dividiam a importante descoberta, mas Syreena sabia que jamais chegariam a um acordo sobre a escolha de um bibliotecário. De qualquer maneira, faria a sugestão a Siena. Afinal, a biblioteca estava em território licantropo. Talvez, se designassem alguém sem consultar os outros, a escolha fosse aceita como norma. Não haveria questionamento ou dificuldades.

Uma Nightwalker surgiu em seu campo de visão. Ela era pequena, delicada, e parecia muito insegura. Percorria a extensão das prateleiras como se tentasse entender que objetos eram aqueles enfileirados.

Não era uma fêmea de demônio. Demônios eram altos, bronzeados, graciosos e imponentes e, apesar de bela, a criatura enigmática parecia terrivelmente frágil. Também não era licantropo ou vampiro. Os licantropos se reconheciam, e vampiros não emitiam sinais de circulação de sangue. Não depois de certa idade, pelo menos. E aquela criatura tinha pulsação rápida e fluxo sanguíneo muito eficiente.

Quem mais podia estar estudando a Biblioteca Nightwalker?

Syreena aproximou-se da desconhecida, que se virou com ar amedrontado e recuou, colando as costas em uma prateleira.

Nesse momento, percebeu quem ela era.

— Olá. Meu nome é Syreena. Você é mistral, não é?

Só tivera oportunidade de ver uma criatura mistral em toda a sua vida, e era surpreendente que agora se deparasse com a segunda. Elas eram sempre reclusas, não se associavam a ninguém fora da espécie, e, embora vivessem em pequenos vilarejos, raramente se reuniam. Tinham pavor de multidões, e certamente temiam os que tinham algum tipo de poder.

A jovem assentiu. A princesa sabia que ela não falaria. As fêmeas de mistral eram chamadas de sereias por um motivo muito razoável. A melodia de sua voz era encantadora, hipnotizando quem a ouvia. Era um mecanismo de defesa mais que adequado. Como o sinistro chocalho da cauda de uma venenosa serpente, seu efeito era universalmente paralisante. Mas, também como a sábia serpente, elas preferiam se esconder a participar de um confronto. Porém, em caso de necessidade, podiam causar graves danos ao oponente.

A delicada jovem apertou a mão que Syreena estendeu, tremendo da cabeça aos pés. Apesar do pavor aparente, ela devia ser muito corajosa para deixar seu refúgio e aceitar o convite para conhecer a biblioteca.

Syreena soltou sua mão e olhou para as mesas mais próximas. Sorrindo para a mistral, pegou uma folha de papel de uma pilha no canto de uma prateleira, apontando para a caneta que a jovem segurava.

— Qual é seu nome?

A mistral sorriu, pegou a folha de papel, que apoiou no livro que segurava, e escreveu: "Ária".

Syreena sentiu uma imediata simpatia por ela. Tinham muito em comum, embora o povo mistral só se transformasse em aves, enquanto os licantropos podiam ter a forma de qualquer criatura do reino animal. Porém, como compartilhavam a forma de uma ave, talvez pudessem compartilhar cenários e experiências. Seria só uma questão de conquistar a confiança da criatura até convencê-la a banir o encantamento de sua voz, como uma cobra que mantém parado o irritante chocalho, para poderem conversar. O relacionamento de Siena com outra mistral chamada Windsong provava que existia essa possibilidade, mesmo que fosse rara.

Ária recuou um passo e se encolheu, repentinamente nervosa. Syreena olhou por cima de um ombro tentando identificar o que ela vira.

O ar ficou preso em seu peito.

Damien.

Havia conhecido o príncipe vampiro em outra ocasião, e teria sido impossível esquecê-lo. Ele era alto como um demônio, esguio, embora atlético, e dono de ombros singularmente largos, considerando o porte delicado dos de sua espécie. Ele se movia com aquela graça que parecia ser inerente a todos os vampiros. Dava a impressão de preguiça, descuido, relaxamento e descaso, mas tudo aquilo era só uma encenação. Uma camuflagem. O príncipe mantinha-se alerta a ponto de ser mortal para um eventual inimigo.

Siena o vira lutar, e havia comentado que jamais antes testemunhara alguém se mover com tanta rapidez ou demonstrar tamanha alegria natural por matar.

A impressão de Syreena era diferente. Ficava nervosa quando o via, embora não soubesse por quê. Não se apavorava como a jovem Ária, mas preferia reduzir ao mínimo o tempo de convivência.

O impulso de fugir a irritava, porque não era de sua natureza se assustar ou sentir medo. Não com tanta facilidade. E como poderia cumprir seu dever ali, se o deixasse intimidá-la? Seu único consolo era que ele não sabia de sua reação. Ou não

saberia, enquanto ela mantivesse ao menos o controle necessário para impedir a detecção telepática.

Ária havia desaparecido. Garota esperta!

Vampiros eram imprevisíveis, temperamentais. Syreena também gostaria de se retirar, mas, como não podia, decidiu inspecionar o príncipe e a mulher que o acompanhava. Alta, com longos cabelos negros e um ar melancólico, ela era certamente vampira. E não parecia animada com a visita.

Como não esperava representantes dos vampiros, decidiu abordá-los para descobrir o que pretendiam. Eram bem-vindos, como todos os outros, mas, na noite anterior, durante uma reunião para declarar a abertura oficial da biblioteca aos estudiosos, Noah havia informado que Damien recusara o convite.

A mulher de repente olhava em volta com grande interesse, fascinada pelos livros. Uma vampira estudiosa? Que interessante paradoxo! Jamais soubera que eles direcionavam sua interminável energia para coisas que não fossem... carnaais.

Damien notou-a imediatamente. Além da coloração de arlequim, ela era uma presença imponente e forte, embora não tivesse a sensualidade evidente da irmã.

— Syreena — Damien a cumprimentou com entusiasmo. — Jasmine, essa é a princesa Syreena. Syreena, essa é Jasmine. Ela é... — Ele se interrompeu ao ver que, depois de um aceno desinteressado, Jasmine já se dirigia a uma das prateleiras. — Ela está ansiosa para começar.

— Não esperava ninguém além de Kelsey ou você. Por que a mudança?

— Jasmine é uma excelente estudante e é muito leal a mim. Se está preocupada, posso assegurar que ela não vai causar problemas.

— Que contradição! Um vampiro que não causa problemas?

Ele riu. Sem as presas, retraídas nesse momento como as garras de um gato, ele era belíssimo e muito atraente. Damien usava barba curta e bigode, o que acentuava o contorno másculo do queixo. Outra anomalia. Vampiros eram quase sempre desprovidos de pelos faciais. Era raro que um deles cultivasse barba e bigode, como o príncipe. Estaria ele desafiando as normas culturais? E por quê?

Os olhos azuis brilhavam, iluminando os traços singulares. Uma trança espessa caía sobre seus ombros, a ponta alcançando a parte inferior do músculo peitoral. Sua beleza era tamanha, que ele dava a impressão de ser o homem mais inofensivo do planeta.

E era isso que fazia Syreena sentir arrepios.

Não confiava nele.

Não *devia* confiar nele. Quem podia confiar em um membro de uma espécie que contava justamente com a confiança alheia para arrancar do outro sua nutrição?

— Não há proteção aqui — ele comentou.

Considerando que o lugar era ocupado apenas por estudiosos, e que havia pouco tempo inimigos ferozes tinham estado escavando a superfície procurando justamente

por aquela biblioteca, ele tinha certa razão para estar admirado. Mas Syreena se sentiu pessoalmente insultada.

— *Eu* estou aqui — ela respondeu.

— Sim... está. Não quero subestimar sua força, meu bem, mas não vejo como poderia enfrentar um bando de seguidores de magia negra e caçadores humanos liderados por uma fêmea de demônio vira-casaca, caso eles decidam voltar.

— Bem, *meu bem*, como eles fracassaram na primeira tentativa, suponho que não conheçam este lugar...

— Ainda — ele interferiu.

— ...e não saibam da existência de Nightwalkers na caverna neste momento — Syreena concluiu com tom debochado e hostil.

— Quantos são? Dez? Cinco? Incluindo Jasmine, vejo apenas quatro. Um número pequeno demais para sobreviver a um ataque. Somos forçados a dormir durante o dia; nossos inimigos humanos não têm essa limitação. Talvez nem a traidora dos demônios, agora que desenvolveu poder tão impressionante.

Ele tinha razão. Então, por que se sentia tão ofendida?

Damien tinha de admitir que a provocação era deliberada. Queria perturbar a calma que ela usava como um manto. Depois da noite em que a vira defender a irmã, nunca mais conseguira esquecer sua determinação e coragem, ou o fogo que havia iluminado seus olhos.

O príncipe entrou na biblioteca e se aproximou de Jasmine, enlaçando-a pela cintura e cochichando alguma coisa em seu ouvido. A mulher olhou na direção de Syreena, dando a impressão de que ela era o assunto.

Syreena respirou profundamente, tentando conter a fúria. Recentemente, era como se não fizesse outra coisa. Como se estivesse ansiosa por uma boa briga. Tudo que queria era esmurrar o nariz perfeito do príncipe dos vampiros. Consequências políticas à parte, até Siena teria reconhecido que ele merecia o castigo.

Perdera a vontade de estudar. Saiu, olhando em volta ao passar pela porta. As ramificações da caverna eram tantas que não conseguia escolher. Por isso os licantropos gostavam tanto de viver em cavernas. Eram protegidas, aconchegantes, cheias de fontes de água fresca e nascentes mornas, e nunca havia multidões ou perturbações. A temperatura era constante, e o ambiente era fresco e confortável. E como se não bastasse, ali era sempre noite.

Como a exposição ao sol era venenosa para eles, essa era uma vantagem indiscutível das cavernas. Um licantropo intoxicado pelo sol passava dias de terrível agonia, com dores horríveis e o corpo coberto por bolhas, até morrer. Siena escapara por pouco dessa morte.

No mundo da superfície, era inverno. Um inverno russo, porque era lá que ficava o território licantropo. As cavernas tinham dezenas de saídas, e Syreena entrara pelo caminho que antes conduzia ao local de hibernação de uma licantropo chamada Jinaeri. Ela se mudara para outro lugar antecipando a movimentação que a biblioteca acabaria provocando, o que teria prejudicado seu repouso de inverno.

Syreena adoraria estar hibernando. Precisava mesmo de paz e solidão. Mas o falcão e sua outra forma, o golfinho, eram criaturas migratórias. Seu impulso pedia mais uma mudança na localização em busca de calor do que um sono prolongado. Talvez por isso não conseguisse ficar quieta. Talvez por isso estivesse tão agitada recentemente, tão propensa à irritação.

Escolheu um dos caminhos dentro da caverna.

Quando Damien se virou, a princesa licantropo havia desaparecido. Olhou ao redor do enorme aposento, franzindo as sobrancelhas, momentaneamente confuso. Ela não parecia do tipo que fugia, mas talvez sua provocação a tivesse levado a isso. Inclinou um pouco a cabeça, usando seus sentidos para tentar localizá-la. Porém, não foi bem-sucedido; as cavernas criavam estranhos ecos em sua rede sensorial. A única coisa de que tinha certeza era que ela não estava por perto. Decidiu procurá-la, embora não soubesse por que se importava.

Syreena pisou no solo coberto de neve e encheu os pulmões com o ar gelado. Ao mesmo tempo, cruzou os braços diante do peito para preservar o calor do corpo. Usava apenas um vestido que mal alcançava os joelhos, e os calçados abertos eram impróprios para caminhar na neve. Mas, como tinha em sua natureza uma porção animal, estava equipada para enfrentar essas dificuldades.

Encontrava-se na floresta. Começou a andar, ouvindo o ranger dos passos sobre o solo gelado. Sentia-se tentada a despir-se e virar falcão, pois amava voar livremente na noite, mas tinha responsabilidades na noite de abertura da biblioteca. Ter se afastado havia sido um erro. Daria apenas uma rápida e refrescante caminhada, e depois voltaria. A intenção era esfriar a cabeça, recuperar a perspectiva. Tinha o dever de ser cordial e diplomática com todos os Nightwalkers que não a ameaçassem, e já havia tratado com imperdoável rispidez o príncipe vampiro. Um insulto, nas sociedades beligerantes em que viviam, poderia ser suficiente para causar uma guerra.

Seguiu em frente pela noite escura e sem luar. Precisava entender o que estava acontecendo com ela. Tinha cento e oito anos de idade, fora bem-educada, bem treinada... Não podia se comportar como uma criança temperamental.

Parou ao ouvir um barulho. Na forma humana, sentia-se sempre mais vulnerável. Passava mais tempo como falcão, e teria escolhido o golfinho como forma dominante, se houvesse algum outro lugar de águas profundas além de um ou outro lago na caverna. Nessas formas, podia ao menos regular a temperatura do corpo para enfrentar temperaturas extremas, como a que experimentava agora.

O som se repetiu atrás dela. Abaixou-se, apoiando-se sobre uma das mãos para olhar em volta e varrer a escuridão. Nada. Mas sabia que havia mais alguém ali.

Sentiu um repentino deslocamento de ar. Os pelos em sua nuca se arrepiaram, e ela se virou com velocidade espantosa. Ao fazer isso, percebeu que havia caído numa armadilha. Agora dava as costas para o atacante.

Ou a atacante. Era uma mulher que surgia na escuridão. Cabelos louros emolduravam o rosto de olhos azuis dominados pela loucura e pelo ódio.

— Vamos brincar, princesa — a voz pastosa e desequilibrada convidou.

Ruth.

Identificar a traidora que abandonara os demônios de sua raça para unir-se a humanos que brincavam com magia corrompida sobre a qual nada sabiam foi a única coisa que teve tempo de fazer antes de ser atacada.

Pensou em correr. Não podia permitir que Ruth a tocasse, ou o demônio da Mente a teleportaria para longe da segurança, da familiaridade e do apoio de seu território. A criatura agora era uma aberração, um demônio que usava magia negra, algo que ninguém jamais fizera antes, e ela já se havia mostrado capaz de poder e crueldade extraordinários.

— Vamos ver quanto sua irmã ama o assassino que chama de marido. Quando ela souber que o guerreiro é responsável por sua morte...

Syreena foi tomada por um pânico repentino. A criatura penetrava sua mente, alterando sua percepção e ameaçando seu equilíbrio. Uma onda de náusea a lançou ao chão. Instintivamente, virou a cabeça para um lado, expondo a porção castanha do cabelo.

Mas Ruth antecipou-se e, como um raio de luz, teleportou-se para suas costas, obrigando-a a virar o rosto para a neve a fim de sustentar o peso inesperado. Syreena sentiu-a agarrando seus cabelos, puxando-os até fazê-la gritar de dor.

Com os cabelos presos, a transformação não era possível, e esse tipo de prisão era o pior pesadelo de um licanthropo. Além disso, agora Ruth tinha o contato físico de que precisava para removê-la da floresta russa. A princesa sabia que seu único recurso era interferir na capacidade de concentração do demônio. Levando a mão às costas, usou as unhas para ferir o rosto e o pescoço da atacante, que gritou.

Em seguida, Ruth puxou seus cabelos com mais força, arrancando tantos que chegou a se soltar, caindo para trás. Syreena mudou imediatamente de posição. De quatro, viu o sangue que jorrava do local onde os fios haviam sido arrancados formando pequenas poças na neve. A dor era fenomenal.

Ruth levantou-se e agarrou-a pelo pescoço, lembrando-a de que ela havia sido uma guerreira no passado. Uma guerreira forte e competente que servira na guerra de trezentos anos entre demônios e licanthropos. Ela conhecia todas as fraquezas do inimigo e sabia como explorá-las.

E Syreena pensara estar à altura do desafio?

Ruth estava impedindo a passagem de ar por sua garganta, forçando o medo a penetrar sua mente até seus pensamentos se tornarem confusos. Dominada, Syreena não conseguia pensar ou contra-atacar. Jamais havia enfrentado um demônio antes. E só agora dava-se conta do incrível poder daquele povo.

Essa foi a última coisa que pensou antes de mergulhar na escuridão.

Damien seguia as pegadas da princesa na neve. De olhos fechados, tentava ignorar o frio cortante, usando os sentidos para localizá-la. Era difícil. Talvez Syreena houvesse voado.

Abriu os olhos e continuou andando, notando a quietude incomum que o cercava. Membranas encobriram seus olhos e, ao longe, uma mancha rosada de calor residual se destacou como um farol. Não havia nenhum ser vivo ali, mas alguém passara pelo local recentemente. Continuou rastreando os sinais.

Não sabia por que se sentia compelido a pedir desculpas para a princesa, mas sempre seguia seus instintos.

As pegadas na neve se modificavam. Havia um segundo jogo de marcas, um desenho que ele não conseguia identificar.

Retomando a visão normal, ajoelhou-se. Nenhum sinal levava para fora daquele círculo, embora o rastro de Syreena terminasse ali.

Ela devia ter voado. Mas... se não estava com as membranas de detecção de calor ativadas, por que via aquela névoa rosada no chão, como se...

Tocou a área. E tocou a calça no local em que se sujara ao ajoelhar.

Sangue.

Tudo ficava repentinamente claro. Jamais teria deixado de sentir o cheiro de sangue. Nem em um milhão de anos. Deixara-se envolver por um truque barato, magia de principiante.

Levantou-se, projetando toda a sua capacidade de percepção para além da influência externa que havia confundido sua mente.

Sentia agora o odor e a vibração da luta. Medo, raiva, desespero... e o cheiro de sangue. Sangue de licantropo. Syreena. E havia cabelos na neve. Cabelos cinzentos.

Agora que gravara em sua memória instintiva o cheiro do sangue de Syreena, poderia encontrá-la mais depressa.

E isso era tudo que importava.

Ruth jogou a princesa licantropo em um canto da sala de piso de pedra. Seu prazer era inequívoco. Syreena protegeu a cabeça para impedir que a área ferida se chocasse contra a parede, aumentando a hemorragia.

Num primeiro momento, ela apenas se protegeu. Em seguida, em pé, investiu contra a fêmea de demônio. O bíceps poderoso encontrou a garganta de Ruth, jogando-a no chão. Mas, rápida, Ruth aproveitou sua posição para dar uma rasteira na princesa, que caiu de costas sobre a pedra, batendo violentamente a cabeça. Além da perda de sangue, agora sentia também a tontura provocada pela pancada.

Ruth tirou proveito da desorientação da adversária e gritou uma frase num idioma incompreensível. Um encantamento.

Um demônio usando magia.

Syreena sentiu que mãos invisíveis agarravam seu pescoço. Queria lutar, mas não havia nada a enfrentar. Nada que pudesse ver ou agarrar. Em seu pescoço havia apenas o cordão com a pedra-da-lua, símbolo de sua possibilidade de ascensão ao trono licantropo.

Ruth, totalmente recuperada, ajoelhou-se ao lado da vítima, sorrindo, satisfeita.

— Assim é melhor — disse, tocando a testa da princesa. Vermelha, Syreena chutava violentamente, em busca de algum alvo.

— Se ficar quieta, eu solto você — Ruth prometeu.

Syreena não acreditava nela, e a dúvida devia estar estampada em seus olhos. Morreria nas mãos da criatura enlouquecida, mas nunca se submeteria.

— Faça como quiser, então. — Ruth irritou-se, batendo palmas uma vez para encerrar o encantamento.

Syreena arfava, tentando levar ar aos pulmões, e lutava contra a náusea e a dor de cabeça que explodia atrás de seus olhos inchados.

— Muito bem, vamos deixar claro algumas coisas aqui. Sou um demônio da Mente, por isso posso ler seus pensamentos.

Ela estava mentindo. Só os homens tinham o dom da telepatia.

— Não estou mentindo — Ruth sussurrou, rindo. — Houve um tempo em que tive de aceitar as limitações impostas ao meu sexo. Mas, desde que me desliguei daquela cultura hipócrita, encontrei o caminho para desenvolver todas as habilidades contidas em mim. Sendo assim, vamos poupar seu tempo e o meu.

— Vadia!

— Sei de onde tirou essa ideia, também. E a culpa é da sua irmã. Ela não devia ter levado para a cama aquele assassino sem coração. Consorte real! Francamente! Pelo menos, ela teve o bom senso de não coroá-lo rei! Pode imaginar? Logo, eles terão um herdeiro, princesa, e você será obsoleta. Sendo assim, é melhor usá-la agora, enquanto ainda tem algum valor. — Agarrou-lhe os cabelos. — Você e sua irmã estão fisicamente ligadas? Notei como se movem em harmonia no campo de batalha. Existe uma ligação? Não? Ah, que pena! Pensei que ela poderia sentir... isto. — Puxou a mecha com toda a força.

Os cabelos se soltaram do couro cabeludo, provocando um sangramento abundante e imediato. Era como se Ruth houvesse amputado o pé ou a mão de Syreena. A perda de sangue e a dor eram, certamente, incomparáveis. A princesa gritou, batendo os pés contra o chão e sofrendo uma violenta convulsão. Usando a força que lhe restava, fugiu para o outro canto da sala, onde ficou encolhida, tremendo como um animal acuado, incapaz de enxergar a atacante ou o ambiente por conta da cortina de sangue que lavava seu rosto.

Ruth examinou a mecha cinzenta em sua mão e sorriu.

— Isso vai ser divertido.

Pelo menos havia um rastro. E uma forte tensão naquela pista, indicação clara de que alguém levava Syreena contra sua vontade. Sabia como ela havia sido capturada. Sentia o cheiro de demônio em cada etapa do caminho, e só uma criatura seria suficientemente louca para praticar tamanha transgressão em território real.

Ruth.

Ela e a filha Mary haviam causado mais dor e morte para a comunidade dos demônios no último ano do que ele jamais teria imaginado ser possível. Agora que Mary estava morta, acidentalmente assassinada pela própria mãe numa tentativa desesperada de pôr fim à vida de Elijah, era impossível prever o que ela poderia fazer com Syreena. Siena reagiria, apesar de sua natureza pacífica. Como os demônios interpretariam sua reação era algo difícil de antever.

Damien decidiu voar para seguir a trilha deixada pelo teleporte. Ruth era forte, mas tinha suas limitações. Ela não podia ter ido além do continente europeu. Mas, com a ajuda das artes negras... Ninguém podia saber que poderes ela tinha ao seu dispor.

Jasmine só notou a ausência prolongada de Damien uma hora depois de sua partida. Como estavam em território estranho, cercado por Nightwalkers, iniciando uma tarefa na qual ele prometera acompanhá-la para se certificar de que tudo era seguro e tranquilo, ficou intrigada.

Era preocupante, sem dúvida. Não queria bancar a guardiã de um vampiro com o dobro de sua idade e o triplo de poder, mas...

Saiu da biblioteca e olhou para os túneis que se estendiam em todas as direções. Não foi difícil encontrar o rastro deixado por Damien, e ela o seguiu com grande cautela.

Damien aterrissou em uma área que acreditava pertencer à periferia de Paris.

De território licantropo à terra mistral?

Ruth fora expulsa da Rússia havia pouco mais de um mês, depois de ter escavado a terra sobre a região onde os Nightwalkers aliados haviam encontrado a monumental biblioteca. Agora estava ali, novamente em território de Nightwalkers de outra raça.

O que fazia? E por que teleportaria Syreena para tão longe? Devia estar esgotada depois da viagem de ida e de volta, especialmente por ter transportado uma passageira que devia ter lutado com unhas e dentes durante o processo. Mas ele sabia que não devia contar com esse tipo de vantagem. Ruth estava cercada de caçadores e usuários de magia negra, criaturas que não hesitariam em torturá-lo por pura diversão.

Ela era louca. Não era estúpida.

Damien se misturou às sombras. Estava em uma rua de pedras tomada por construções dos dois lados. Era uma cidade antiga, exatamente o tipo de lugar onde não seria difícil encontrar mistrais. Porém, havia no local mais de quatrocentos habitantes, e um povoado mistral raramente excedia duas dezenas de moradores.

Ruth havia preferido se proteger, em vez de instalar-se entre os mistrais com o grupo assustador que a seguia. Em um ambiente realmente mistral, ela se destacaria.

Ele sabia que estava cada vez mais perto de Syreena. A brisa da noite soprava a fragrância que só um seletto grupo poderia identificar como dela. Um grupo do qual ele mesmo, Siena e Jacob, o demônio Defensor, faziam parte.

O ideal seria encontrar uma forma de resgatá-la e partir sem ser notado. A primeira coisa a fazer era determinar se ela estava viva. Nesse caso, teria de agir sem demora. Se não, teria tempo para ir buscar reforços. Recuperariam o corpo dela e puniriam os culpados de maneira exemplar.

A ideia era lógica e prática, mas ele não conseguia aceitá-la. Podia estar caindo em uma armadilha preparada por Ruth para capturar quem fosse resgatar a princesa, Siena e Elijah, por exemplo, mas não pouparia esforços para salvá-la.

Aproximou-se de um galpão onde terminava a trilha. Quando tocou a parede, sinais de alarme soaram em sua mente e despertaram todos os seus instintos. O cheiro de magia era inconfundível, repugnante. Podia se aproximar sem ser notado, mas só por determinado tempo. Ruth logo descobriria que uma presença externa ameaçava seus planos. Mesmo com todo o poder mental, Damien jamais poderia enfrentar com igualdade um demônio da Mente.

Caminhou devagar pelo perímetro das muralhas, testando com cuidado o poder que emanava daquele lugar.

Ruth se aperfeiçoava com o tempo. Sua prisão agora era feita para acomodar todos os Nightwalkers, e não só os demônios. Ela havia aprendido bem a lição desde que os Nightwalkers haviam se unido para enfrentá-la. Ela não era apenas uma renegada tentando se vingar do próprio povo. Era uma ameaça e um terrível perigo para todos.

Damien piscou para baixar as membranas sensíveis em seus olhos, e foi ofuscado pela luminosidade intensa gerada pelo calor de muitos corpos reunidos no centro de um aposento. Havia outras salas, e em todas elas os corpos emanavam calor.

Mas estava procurando pelo calor abrasador de um licantropo, e não foi difícil encontrar essa luz. Ela estava encolhida no chão em um quarto do andar superior, ao lado do corpo mais frio e ereto daquela que a capturara.

Tinha de se esforçar para conter o ódio por Ruth. Era absurdo que uma criatura tão procurada fosse capaz de enganar os mais hábeis caçadores do planeta. E quando a encontravam, como acontecera na última batalha, a crueldade com que ela se dispunha a sacrificar dezenas de humanos para defender-se os confundia, possibilitando sua fuga.

E agora não era diferente. Ruth mantinha muitos humanos nos cômodos daquela casa, e não hesitaria em sacrificá-los. Damien precisava encontrar um meio de impedi-la de jogá-los contra ele.

Levitou, erguendo-se do chão até se aproximar de uma janela de onde ele podia ver o cômodo onde Ruth mantinha sua cativa. A janela era muito pequena, pouco maior que a mão dele.

Muito astuto...

Era tão pequena que podia impedir a entrada de qualquer coisa, exceto, é claro, de um demônio do Vento em sua forma molecularizada. E, sem dúvida, equipada com um dispositivo que fecharia a passagem imediatamente depois de sua entrada, como uma ratoeira se fechando sobre o pescoço do rato que vai buscar o queijo. E Syreena era o queijo.

Esperou pacientemente que Ruth saísse da sala. Em duas horas, no máximo, ele e Syreena seriam impedidos de se locomover em espaço aberto, pois o sol estaria nascendo. Ruth era capaz de controlar a letargia que a impelia a dormir durante o dia. Demônios mais velhos e poderosos sempre podiam contornar essa necessidade, pelo menos por algumas horas.

Ele e Syreena não tinham a mesma sorte. Syreena morreria pelo envenenamento causado pelos raios solares, e ele se tornaria uma pilha de cinzas.

Tudo isso em duas horas.

Quarenta minutos depois, constatou que Ruth havia deixado a prisioneira sozinha. Não sabia por quanto tempo ela se ausentaria, mas sabia que, quando conseguisse resgatar a princesa, teria de pensar em um meio de impedir Ruth de rastreá-los, como ele acabara de fazer. Podia encobrir os próprios rastros, mas não os de Syreena.

Ela estava encolhida em um canto próximo da janela, fora de seu campo de visão. Damien enxergava apenas as paredes de pedra cobertas por amuletos e encantamentos. Não poderia passar por tantas cercas místicas sem ser notado. Sendo assim, recorreria à abordagem direta. Invasão era a palavra de ordem.

Syreena oscilava entre a consciência e a inconsciência quando as paredes de pedra explodiram em torno dela. A força monstruosa sacudiu o aposento como um terremoto. Uma espécie de campo de força a cercava, um poder tão intenso que ela o sentia como uma dor física. Felizmente, estava abatida demais para se incomodar.

Era como se uma tempestade de fogo soprasse em sua direção, e ela não dispunha de nada além do próprio corpo para se proteger. Estava encolhida, apavorada, aturdida... E, ainda assim, abaixou a cabeça, tentando respirar enquanto esperava que o calor intenso a queimasse... ou passasse.

Nessa posição, ela sentiu as mãos fortes segurando seus braços, tentando colocá-la em pé. Mas suas pernas não podiam sustentá-la.

Ela foi erguida do chão. Sentia-se pesada, como se tivesse um milhão de toneladas. Como era possível que alguém a levantasse com tanta facilidade?

Houve uma mudança de posição, uma exclamação abafada, e de repente ela era arremessada no ar para a noite escura.

Damien saiu do aposento demolido da mesma forma que entrara, pela abertura criada pelo impacto de seu corpo contra a parede.

Syreena pesava em seus braços. Ruth lançara sobre ela um encantamento, aumentando seu peso dezenas de vezes. Era como tentar voar carregando um elefante.

Ainda assim, ele conseguiu sair da casa e subir rumo às estrelas que pontilhavam o céu escuro. Era esgotante, especialmente depois do abuso de magia a que se expusera momentos antes.

O aspecto positivo era que Ruth não podia voar, então seus poderes de teleporte eram inúteis. Ela poderia se teleportar ao céu e surgir diante dele, se quisesse, mas cairia em seguida para a morte.

Teria de recorrer a outros meios, e Damien já podia sentir que ela tentava extrair de sua mente o destino daquela terrível viagem. Se ela conseguisse, esperaria por eles em seu destino.

Por isso, ele agira por impulso, sem planejar. Ninguém podia arrancar de sua mente o que nem ele mesmo sabia.

Os usuários de magia podiam levitar, o que os expunha a riscos até mesmo no ar. Já podia sentir os perseguidores se erguendo do chão. Descansados e sem nenhuma carga extra, elas logo o alcançariam.

Olhando para baixo, projetou sobre os humanos um manto de terror, espalhando o medo como ondas emitidas por uma bomba nuclear.

O caos imediato destruiu a concentração do grupo. Corpos caíram por terra, e até a invasão de Ruth em sua mente perdeu força. Ela tentava mantê-lo sob vigilância e combater os efeitos hipnóticos de sua projeção.

Mesmo com seu formidável poder, ela fracassaria.

Damien tirou proveito desse instante e banuiu definitivamente a invasora de sua mente, encerrando-a com uma violência que, para o invasor, tinha um efeito doloroso, algo como prender o dedo na porta de um carro.

Conforme se afastavam da fonte do feitiço, o peso em seus braços ia diminuindo. Dez minutos depois de ter iniciado a jornada, Damien carregava Syreena sem nenhuma dificuldade, como se ela nem tivesse peso, apesar de seu corpo estar frio e totalmente inerte.

Ela havia sido brutalizada de várias maneiras, algumas ainda desconhecidas pelo poderoso príncipe dos vampiros. O cheiro forte do sangue despertava seus sentidos, e ele se envergonhava por pensar no próprio prazer quando ela estava à beira da morte, inconsciente e indefesa. O efeito era tão poderoso, que ele começou a tremer.

Não havia caçado antes de acompanhar Jasmine até a biblioteca na noite anterior, porque não tivera tempo de pedir permissão a Siena. Sabia que ela o autorizaria a buscar alimento em suas terras, porque os vampiros nunca prejudicavam ou tiravam a vida daqueles que os nutriam, mas era uma questão de cortesia política. Por isso, estava fraco e faminto, vulnerável ao aroma do sangue que Syreena perdera e ainda perdia. Precisava encontrar ajuda para salvá-la, e não tinha muito tempo para isso.

— Lyric, por favor, traga-me o cesto de costura.

A jovem delicada e pequenina ergueu os olhos do livro para fitar os grandes olhos azuis de sua companheira.

— Mas hoje é quarta-feira, e você só costura às quintas — ela disse.

— Não é exatamente uma lei. E, em breve, teremos hóspedes. Preciso reparar meu vestido azul — Windsong explicou com um sorriso paciente.

— Hóspedes?

Nunca tinham hóspedes! Viviam em um pequeno vilarejo francês, apenas um agrupamento de chalés, um lugar chamado Brise Lumineuse, cuja população total era de quinze pessoas, sem contar as crianças pequenas.

Em seus dezenove anos de vida, nenhum forasteiro jamais havia visitado o local. Em dez anos como aprendiz de Windsong, tinham apenas dois visitantes recorrentes, que viviam ali.

— Quem? — ela perguntou, tentando conter o tremor das mãos.

— Lyric, não me faça perguntas. Vá buscar o cesto.

Damien aterrissou de forma pouco graciosa. De joelhos, deitou Syreena no solo úmido, notando que ela perdia calor rapidamente e já respirava com dificuldade. Não podia seguir viagem sem correr o risco de tê-la morta nos braços, mesmo sentindo que o inimigo se reagrupara e já estava em seu encalço.

Ela estava morrendo. Ruth havia arrancado mechas de seus cabelos longos, provocando o abundante sangramento. Sua intenção de matar a vítima era clara, tanto quanto sua disposição para torturá-la antes. E quando terminasse, ela devolveria o corpo sem vida ao território russo, enviando sua mensagem de vingança.

Olhou em volta, tentando encontrar ajuda. Não sabia como salvá-la. Havia superstições, protocolos, detalhes que não podia deixar de considerar. Se fizesse o que o instinto pedia...

Se ela fosse vampiro, não hesitaria nem por um minuto. Mas ela era de uma raça distinta. Uma licantropo. E isso fazia toda a diferença.

Por outro lado, dentre todas as raças de Nightwalkers, vampiros e licantropos eram as mais próximas em habilidades, pensamento, cultura e instinto. Se havia uma possibilidade para o que estava imaginando, essa chance remota existia entre eles.

Estava escrito na história dos vampiros o que era ou não aceitável para seu paladar. Por exemplo, o sangue de um usuário de magia negra os envenenaria em pouco tempo.

Sangue humano era a base de sua pirâmide alimentar. Apesar da crença popular, vampiros não matavam com sua mordida. Era fisicamente impossível sorver mais do que a metade do sangue de um ser humano, e mesmo essa quantidade era um exagero, se o vampiro não estivesse ferido ou perdendo sangue rapidamente, tendo, portanto, que repô-lo. A fraqueza era inevitável, mas os seres humanos se recuperavam rapidamente. Na pior das hipóteses, sofriam de um quadro de anemia.

Vampiros não eram estúpidos. Por que causar dano à fonte alimentar, se podiam sorver pequenas quantidades sem que o humano em questão perdesse um segundo sequer de sua vida? Assim, a presa continuava viva e servia de alimento outras vezes.

Como todas as coisas na natureza, o instinto determinava que um vampiro compensasse de alguma forma aquilo que tomava. Em sua opinião, por isso eles eram munidos de sistemas coagulantes para impedir a presa de sangrar até a morte, sem

mentonar o notável efeito colateral de uma transferência de anticorpos que podia curar a maioria das enfermidades humanas.

Mas poucas coisas na natureza eram universais. Algumas doenças mudavam tão rapidamente, que muitos anticorpos se tornavam obsoletos. O que significava que existiam coisas que nem os vampiros podiam curar. Havia, portanto, a questão do que era nutritivo, o que era benigno, o que era mortal e o que era desconhecido.

Todo vampiro sabia que um licantropo não podia se beneficiar da cura proporcionada por seus anticorpos. O que ainda era desconhecido era o que podia acontecer ao vampiro que sorvia sangue de um licantropo. Nightwalkers eram tabus para os vampiros, como açúcar para diabéticos: podiam consumir, talvez até sobreviver, mas era impossível prever que sofrimento teriam de enfrentar.

E esse era o dilema de Damien naquele momento.

Exausto como estava, temia se ver obrigado a usar seus poderes para controlar uma eventual reação negativa à ingestão daquele sangue. De qualquer maneira, tinha mais chance de sobreviver nessas circunstâncias sombrias do que Syreena sem sua ajuda.

O auxílio de que ela precisava estava dentro de seu corpo, na forma de fatores coagulantes injetáveis que entravam em ação imediatamente depois que um vampiro se alimentava da vítima. Mas, para acionar esses fatores, ele teria de sorver o sangue dela. E ela já havia perdido muito sangue. Tomar mais poderia matá-la antes de curá-la. Não fazer nada certamente a levaria à morte.

Damien tomou sua decisão.

Passando um braço sob os ombros de Syreena, acomodou-a sobre suas pernas. Com uma gentileza que beirava a reverência, afastou os cabelos cinzentos. Os olhos encontraram a artéria que pulsava, fraca, em seu pescoço, e ele fez uma prece rápida pedindo pela segurança e pelo benefício dela. Pediu também por si mesmo.

Não estava preparado para a incrível experiência. A fome era voraz, uma sensação repentina como nenhuma outra, uma carência que o fazia tremer. Era sombria, profunda, persistente e, de repente, ele percebeu que a urgência existia havia muito tempo em seu subconsciente e em suas veias, silenciada apenas pelo seu fabuloso autocontrole.

Presas surgiram em sua boca, buscando o alvo com ferocidade contida. A necessidade o invadia na forma de ondas sucessivas, erótica como a noite, um mistério pronto para ser exposto. Sem hesitar, ele a mordeu com a velocidade de uma serpente dando o bote.

Uma fração de segundo antes do contato, Syreena abriu os olhos. Algo no interior da Nightwalker sabia que ela estava sendo atacada e a empurrava de volta à consciência, na esperança de promover uma defesa qualquer. Como num estado de choque, aquele era o último esforço do corpo para se salvar.

Assim, ela estava consciente quando as presas de Damien perfuraram seu pescoço. E também estava fraca demais para fazer qualquer coisa além de emitir uma exclamação de surpresa. Não por sentir dor — a perfuração foi rápida e precisa demais para causar sofrimento prolongado. A boca, porém, era quente como fogo, comparada

ao frio mortal que dominava seu corpo, e foi esse contraste que a espantou a ponto de levar uma grande quantidade de ar ao interior dos pulmões.

Imediatamente após a mordida, os lábios se selaram em torno das duas perfurações, a língua deslizando ocasionalmente pela pele, uma carícia aveludada e úmida que a fez tremer nos braços dele. A sucção tinha uma intensidade erótica que crescia a cada instante.

Damien sentiu o tremor do corpo em seus braços. Sabia que a aquecia com seu calor, e sentia o sangue fluindo e descendo por sua garganta como um uísque forte e de boa qualidade.

Sorvera sangue de mulheres humanas milhares de vezes, e os feromônios contidos nele sempre o afetavam imediatamente, inundando-o com uma sensação pulsante que em muito se assemelhava ao desejo sexual. Mas o sangue de Syreena era diferente de tudo que já provara, de tudo que podia imaginar encontrar. Havia poder, estímulo, sensualidade... Como uma droga poderosa, invadia seu organismo e o levava a um estado de relaxamento que era quase um coma.

Ele se sentou sobre o solo úmido, apertando-a contra o peito. Precisava pensar. Tinha de lembrar tudo que era tão importante manter em mente, mas a única presença constante em sua consciência era o sangue de Syreena, o corpo em seus braços, os gemidos que ela emitia. Os dedos deslizavam por suas costas como se ela desejasse acariciá-lo.

— Damien...

Ouvir Syreena pronunciar seu nome com aquela voz rouca despertou seu corpo com a velocidade e a força de um raio cortando o céu.

Não era uma reação biológica ao feromônio contido no sangue que acabara de ingerir. A diferença era clara. Seu corpo queimava, tomado por uma necessidade quase incontrolável. Não devia sentir essas coisas. Não quando havia tanto em jogo.

Mas era inevitável. Syreena era a fantasia de um sensualista. O cheiro, o sabor, a maneira como ela se contorcia lentamente, friccionando o corpo contra o dele... Cerrou os punhos, agarrando o tecido fino do vestido.

Deixe-a! Deixe-a agora! Sua consciência tentava afastá-lo dali, mas o clamor contrariava tudo que ele realmente queria. E ele queria Syreena.

Nesse momento, as mãos dela se afastaram de seu corpo, caindo inertes. A sensação de perda o fez abrir os olhos e voltar à realidade. A vida dela estava em risco.

A última coisa que Syreena sentiu antes de mergulhar na escuridão foi a segunda mordida, e depois dela uma sensação quente que se espalhava como fogo do pescoço para todo o corpo.

* * *

Damien caiu deitado de costas, arfante, apertando Syreena contra o peito. O frio e a umidade penetravam por suas roupas, mas ele nem notava. Não conseguia se

mover. Não podia pensar. Dentro dele havia um tumulto de sentimentos e sensações que as condições externas não podiam tocar ou modificar.

Estava sucumbindo ao efeito inebriante de senti-la dentro de si. Era uma espécie de transcendência, como ir além de sua ligação com o tempo e o espaço. Olhava para as árvores e as via de uma perspectiva distorcida, tridimensional. As estrelas giravam no céu num carrossel cintilante, desenhando trilhas de luz.

Fechou os olhos para combater a náusea, dizendo a si mesmo que tudo era apenas uma leve alucinação. O que não podia descartar com a mesma facilidade era a excitação que dominava seu corpo.

Sentia o hálito morno de Syreena em seu pescoço, um sinal claro de que ela havia sobrevivido, e se sentia grato por isso. Com o passar das horas e da noite, ela foi se tornando mais e mais quente em contato com seu corpo.

Lembrou-se de que não podia perder mais tempo e expô-los ao perigo, mas não conseguia se mover. Era como se houvesse consumido uma droga paralisante. Não podia se movimentar, mas sentia tudo com mais intensidade.

E foi então que a dor começou.

Damien gritou quando ela explodiu em seu corpo com repentina brutalidade. O som ecoou na noite e entre as árvores, um rugido feroz de agonia. Era como se veias e artérias fossem arrancadas de seu corpo, como se músculos, tendões e pele se rasgassem. Convulsões violentas o sacudiam. Sabia que era vítima de um ataque brutal. Com a alteração física vinha a alteração mental. Por um momento de horror, ele imaginou o próprio peito explodindo, abrindo caminho para o golfinho saltitante que, de alguma forma, estava preso dentro dele. Ao saltar para a liberdade, o animal se transformou em um falcão. De falcão, ele assumiu a forma de um pombo.

A ave delicada pousou ao lado de sua cabeça. Ele piscou e, no instante seguinte, estava olhando para delicados pés descalços.

Atordado, foi seguindo a linha dos tornozelos e das panturrilhas até estar olhando para uma mulher que jurava ter visto antes.

Windsong ajoelhou-se ao lado do príncipe vampiro e tocou sua pele, verificando o calor do corpo. Era a única maneira de saber se um vampiro estava vivo ou não, desde que não estivesse decapitado ou transformado em cinzas. Essas eram mortes fáceis de identificar.

Mesmo na escuridão, ela podia ver o sangue nos lábios dele. Considerando os ferimentos no pescoço da licanthropo, era fácil compreender o que Damien havia feito e o que o forçara a tomar tão terrível decisão. O sacrifício que ele fizera para salvar a licanthropo emocionava a sensível mistral.

— Lyric — ela disse ao sentir a aproximação de sua aprendiz e ouvir o bater de suas asas. A ave delicada se transformou na jovem com quem ela convivia havia anos. — Temos de improvisar macas para levá-los para casa. Eles precisam de tratamento e proteção.

— Mas como vamos proteger seres tão fortes e...

— Da mesma forma como nos protegemos, querida. Com a voz, o canto e o coração. Eles estão sendo perseguidos. Depressa, não há tempo a perder.

Lyric começou a recolher galhos, enquanto Windsong os examinava.

Ela fechou os olhos e inspirou profundamente. Depois, começou a cantar uma poderosa canção de proteção. Com ela, impediria a detecção da presença de todos eles, criando um círculo de conforto. A expansão desse círculo só dependia do quanto sua voz poderia se aquecer e ganhar força. Em poucos momentos, toda a floresta vibrava com as notas que iam subindo na escala musical. A melodia enfeitiçava e confundia todos os que estivessem no círculo formado por sua ressonância, ou que nele tentassem penetrar.

— Syreena — Siena sussurrou. Levantou-se da neve ensanguentada e olhou para a fêmea de vampiro. — Acha que Damien foi atrás dela?

— Como é improvável que ele a tenha atacado, essa é a única alternativa lógica — Jasmine respondeu. — O cheiro me trouxe até aqui, mas é impossível seguir o rastro, porque ele morre aqui, como o de sua irmã. A menos que eles tenham fugido para se divertir...

— É impressão minha, ou está se divertindo com a situação? — Siena irritou-se.

— Estou intrigada, só isso. É natural da minha espécie. Sorte sua, porque esse foi o motivo que levou Damien a seguir a princesa.

— Ora, sua...

— Siena, Jasmine não quis ofender ninguém! — Elijah sentia a tensão aumentar entre as duas. — Ela está apenas relatando fatos.

— Exatamente — confirmou Jasmine.

— Pode rastreá-los? — Siena perguntou ao marido, ignorando a fêmea de vampiro.

— Eu posso — Jasmine anunciou. — Posso seguir Damien sempre que ele quiser ser encontrado. E já percebi que ele não encobriu seu rastro. Ele quer ser encontrado. E é provável que esteja precisando de ajuda. Seu consorte e eu podemos voar até ele, mas você vai ter de ficar.

Siena não gostava de ouvir a forasteira lhe dizendo o que podia ou não fazer, mas tinha de admitir que ela estava certa. Sua forma animal era um puma, e por isso estava presa ao chão.

— Siena, fique — Elijah aconselhou. — Alguém tem de estar aqui, caso Damien retorne com Syreena. Se isso acontecer, você vai poder nos avisar, e nós retornaremos imediatamente. Traremos sua irmã de volta. Se ela puder voltar, nós a traremos.

— Eu sei — ela respondeu amargurada.

Jasmine abriu os braços, as palmas das mãos voltadas para o céu e para a noite, e seu corpo começou a subir. Elijah despediu-se da esposa com um beijo breve e a seguiu, alcançando-a imediatamente.

— Para onde? — ele perguntou.

— Seja paciente. Isso vai levar algum tempo, guerreiro. O rastro está frio.

— Eu sei — ele respondeu, olhando para baixo com evidente preocupação.

A ternura do demônio guerreiro por sua esposa era suficiente para comover até a endurecida fêmea de vampiro.

CAPÍTULO II

Damien abriu os olhos para a luz brilhante que o cercava. Assustado, exibiu as presas e olhou em volta com um grunhido, pensando em se defender.

A jovem sentada ao seu lado gritou apavorada e correu, derrubando a cadeira.

— Tenha calma, Lyric — disse uma voz doce. — Ele não vai lhe fazer mal. Vai, Damien?

— Windsong? — Ele a reconheceu de imediato.

— Sim, sou eu.

Era difícil conciliar todas as informações que recebia ao mesmo tempo, não só por estar em choque, mas porque a voz de Windsong era um hipnótico natural. Um vampiro de seu poder e de sua idade estava imune ao encantamento, mas havia sempre um efeito na voz de uma mistral que não se podia ignorar. Porém, como ela estava bem intencionada, não havia perigo.

— Desculpe — ele murmurou, dirigindo-se à jovem que quase matara de pavor.

O alívio que o invadia era indescritível. Estavam em segurança. A escolha de Brise Lumineuse havia sido intencional. Pretendera buscar abrigo no vilarejo, se fosse necessário e, para sua sorte, Windsong percebera sua presença no momento de maior necessidade.

— Espero que me desculpe, Lyric — ele repetiu, dessa vez com mais firmeza. Depois olhou para Windsong. — Sua aprendiz?

— Sim. Como se sente?

— Cansado.

Aparentemente, sobrevivera ao experimento de ingerir sangue de licantropo. Porém, sabia que não devia repetir o ato de coragem no futuro próximo. Ainda se lembrava da dor, e sabia que essa memória o atormentaria por muito tempo.

Sentia-se pesado e exausto, mas não estava com fome. O corpo ainda lidava com os danos causados pela experiência. A recuperação causava uma sensação de impotência que ele odiava.

— E Syreena?

— Está descansando — respondeu Windsong.

— Ela está bem? Vai sobreviver?

— Graças a você, Damien, sim — respondeu a mistral, revelando ter conhecimento do que ele fizera em sua tentativa desesperada de salvá-la.

— Graças à sorte — ele a corrigiu com um suspiro cansado.

— Nesse caso, devemos fazer uma prece de agradecimento por sua sorte antes de irmos dormir esta manhã.

— Quanto tempo temos até o amanhecer? — Normalmente, seu corpo sabia exatamente quantas horas faltavam para o retorno do sol, mas não se surpreendia com o temporário entorpecimento de suas sensibilidades internas.

— Já está amanhecendo — informou a aprendiz.

— Obrigado, meu bem. No momento, acho que estaria ardendo antes de perceber.

Lyric riu.

— Então, está estudando para ser uma curadora... Não poderia ter melhor tutora. A mulher que salvou hoje não teria chegado à idade adulta, se não fosse por Windsong.

— Ah, bem, normalmente produzimos medicamentos à base de ervas. Windsong não me permite acompanhá-la nos casos mais sérios.

— Porque ainda está aprendendo. Um dia de cada vez — explicou a mais velha. — Não é espantoso, Damien, como os jovens estão sempre ansiosos para se meter em confusão?

Damien concordou, rindo. Conhecia vampiros precoces com essa mesma característica. Jasmine era uma delas.

— Agora, Lyric, volte ao seu lugar e retome sua canção de recuperação — Windsong a instruiu. — Lyric tem uma voz excepcional, Damien. Ela o ajudará a adormecer.

— Não duvido disso — ele respondeu.

Relaxando tanto quanto era possível na cama desconhecida, ele fechou os olhos e tentou ignorar os ecos e resíduos da dor que persistia em sua memória e em seus nervos.

Lyric começou a cantar as canções que havia praticado durante anos, sempre esperando por uma chance de usá-las. Era fascinante e uma honra que seu primeiro paciente fosse o poderoso príncipe dos vampiros.

A voz da mistral fluía pelo corpo de Damien como uma brisa lenta. A canção era repleta de imagens relaxantes, de campos e ar fresco e luar cintilando sobre a paisagem serena. Ele se deixou envolver por essa forma especial de magia. Enquanto Windsong estivesse ali, todos teriam segurança.

Mergulhou num sono profundo depois de pensar nisso.

Damien acordou com uma canção poderosa em algum cômodo distante. Era fácil reconhecer o talento e a voz ainda destemperada de Lyric. Mais algumas décadas de estudo com sua eficiente mentora, e ela seria insuperável.

Ficou ouvindo o coro das duas mistrais, deixando-se levar àquele estado semi-hipnótico que acalmava até a mais dura das almas. Elas preparavam a primeira refeição da noite e cantavam. O calor da cozinha e seus aromas tentadores acompanhavam as notas melodiosas.

Sentou-se e alisou os cabelos com os dedos. Então, notou a segunda cama no quarto, colocada em posição perpendicular à direita da dele.

Levantou-se, hesitando ao notar que as roupas sujas de sangue haviam sido removidas de seu corpo e que ele se encontrava nu sob a coberta. Despi-lo devia ter sido uma incontestável necessidade, considerando que a raça mistral era mais conservadora e recatada que a dele.

Sorriu. Havia muito tempo não precisava pensar como um cavalheiro. Enrolou-se no lençol e saiu da cama. Sentia um pouco de fome, o que era bom sinal, e tinha o coração leve. Devia ser efeito da canção.

Aproximou-se da cama de Syreena, inclinando-se para tocar as bandagens que cobriam seu couro cabeludo. Sentia sua pulsação estável, forte, e o cheiro das ervas usadas para tratá-la e banhá-la. Era um forte perfume de lavanda, um de seus favoritos.

Sentou-se na beirada da cama para uma inspeção mais detalhada. Syreena tinha hematomas horríveis no rosto e no pescoço. A perda de sangue retardava sua recuperação, normalmente rápida, ou já estariam quase prontos para voltar para casa.

As mãos dela estavam envoltas em curativos e faixas, e ele removeu as bandagens de uma delas para descobrir o que havia acontecido. Ao ver os ferimentos que penetravam profundamente as mãos delicadas, não conteve um grunhido furioso.

A cadela doente não havia apenas arrancado as penas da princesa, mas também cortara suas asas. Os ferimentos não durariam um décimo do tempo pelo qual perdurariam as lembranças de sua aquisição.

Tocou as feridas com delicadeza. Sentindo que a pulsação dela sofria uma imediata alteração, fitou o rosto pálido. Os olhos de Syreena estavam abertos. Ou melhor, quase abertos. Era impossível erguer completamente as pálpebras inchadas.

— Bem-vinda de volta — ele murmurou.

Ela não respondeu. Em vez disso, olhou em volta, obviamente confusa.

— Veio atrás de mim?

A voz soava rouca, resultado da tentativa de estrangulação que arrebentara muitos vasos no interior da garganta.

— Sim, quando percebi o que havia acontecido.

— Obrigada. — Suspirou, fechando os olhos e tentando se mover. O gemido de dor foi suave, considerando o sofrimento físico que devia estar enfrentando.

— Não precisa se mexer. Está recebendo cuidados e tratamento. Vai se recuperar.

Ela abriu os olhos novamente.

— Onde estamos?

— Brise Lumineuse.

Sabia que ela conhecia o lugar e seus habitantes. Windsong salvara Siena do envenenamento por luz solar pouco mais de um mês atrás. Pelo olhar dela, percebeu que tinha consciência de que estava aos cuidados da generosa mistral.

Syreena olhou para a mão que ele ainda afagava, e Damien sentiu uma incrível tristeza ao ver de novo os terríveis ferimentos.

— Sinto muito — ele disse.

— Por quê?

— Por ter demorado tanto a encontrá-la.

Ele não tinha motivo para se desculpar. Tanta sensibilidade e preocupação vindas de uma fonte tão improvável a enchiam de uma emoção que não conseguia explicar, e que mantinha sob rígido controle desde que todo aquele tormento começara. Lágrimas brotaram em seus olhos, mas ela virou o rosto enquanto tentava recuperar o domínio sobre os sentimentos de medo, raiva, e... e tantos outros que nem podia reconhecer.

— Não faça isso — ele pediu, tocando seu rosto para que o fitasse. — Não se envergonhe do que sente.

— É estranho ouvir esse conselho do príncipe de uma espécie que sente pouco e expressa menos ainda.

— Como pode saber? — Ele sorriu. — Só conheceu dois vampiros em toda a sua vida! O que sabe sobre nós é o que aprendeu com seus monges, e os livros não nos retratam com fidelidade.

Syreena sabia disso. Já percebera algumas diferenças importantes. Mas não gostava de se sentir vulnerável e exposta.

Notou que Damien estava despido, e só então pensou que ele podia ter sido ferido, também. Lembrava-se de uma violenta explosão e do desencadeamento de poderosa magia quando ele surgira para salvá-la. A experiência certamente havia sido dolorosa, e só alguém com a força do príncipe poderia ter sobrevivido.

— Você está bem? — ela perguntou, já que não conseguia identificar sinais de ferimentos graves. Na verdade, ele parecia saudável demais para alguém que enfrentara tantos perigos em uma só noite.

— Até agora, sim — ele respondeu sério.

O comentário deixou de ser misterioso no instante seguinte, quando as lembranças a atingiram. Sentou-se tão repentinamente, que o surpreendeu com o movimento.

— Damien! — ela exclamou chocada, examinando-o com mais atenção. — *Você está bem?*

— Sim, estou — ele garantiu, empurrando-a de volta sobre os travesseiros.

— Por que fez isso? Podia ter morrido!

— Não morri.

— Arriscou sua vida pela minha como se não tivesse responsabilidades com toda uma raça! Foi uma atitude tola e ridícula!

— Não gosto de ser criticado por meus atos, Syreena.

— Pois devia se acostumar. Eu jamais teria permitido que Siena cometesse tamanha loucura!

— É mesmo? Por isso a impediu de quase morrer para salvar o marido?

O comentário teve o efeito de um golpe físico, e Damien compreendeu que ela realmente se culpava pelo infortúnio que quase levava a irmã à morte no último mês de outubro.

— O que esperava, Syreena? Acha que eu devia ter deixado você sangrar até a morte? — ele perguntou, tentando fazê-la esquecer a dor que acabara de causar com as palavras impensadas. — Por que acha que minha vida vale mais que a sua?

— Porque não sou tão especial que toda uma raça devesse ser privada de seu monarca por minha causa!

— Para sua sorte, não concordo com isso.

Ela o encarou por um instante, como se questionasse sua sanidade mental. Depois, sem nenhum aviso, ergueu-se para beijá-lo.

Damien reagiu em choque ao ato ousado e ilógico, mas ficou ainda mais chocado quando sentiu o sabor salgado das lágrimas dela. Syreena se afastou apenas alguns centímetros, o corpo trêmulo sob as mãos dele, os olhos revelando uma terrível confusão de emoções e sensações, provocando nele idêntica resposta.

— Por que você...

— Damien — ela o interrompeu, emocionada —, isso é um conto de fadas. E nos contos de fadas, a princesa sempre beija o príncipe que a salva.

Era um comentário ingênuo e encantador. Syreena era uma mulher forte, instruída, dona de uma racionalidade que negava toda e qualquer ilusão de ingenuidade, mas tinha corrido o risco de se expor como idealista romântica para expressar sua gratidão. A revelação dessa faceta tão protegida de sua personalidade significava mais para Damien do que o mais eloquente agradecimento.

— Syreena, não sou um herói — ele disse. — Não tente me transformar em um.

Ela o beijou novamente, e Damien correspondeu com ardor. Nenhum dos dois conseguia compreender o impulso, o desejo de estar próximo do outro. Mas Syreena exibia em suas atitudes uma certeza inabalável. Sabia o que queria, e estava disposta a tornar aquele momento muito precioso Para ambos. Logo chegaria o momento seguinte. Mas esse momento...

Esse momento era de gratidão, de gentileza e, acima de tudo, um momento para sentir algo que não fosse dor, luta ou consequências imediatas.

Aquilo seria simplesmente o que era. Um beijo.

Um beijo entre um homem e uma mulher.

Não Nightwalkers. Nem príncipe e princesa. Nem vampiro e licantropo.

Simplesmente um homem e uma mulher.

Damien se sentia inundado pela pureza do ato. Percebia, de repente, que Syreena tinha sabor, calor, textura, que era líquida, sólida e macia, e todas as outras qualidades essenciais naturais à vida.

Ao mesmo tempo, percebia que ela nunca havia beijado um homem antes. Nunca, em todo o seu século de vida.

Vivi em um ambiente fechado, no claustro, privada de todas as oportunidades de formar ligações ou afeições fora do relacionamento entre professor e aluno. No início, senti falta de tudo, mas depois me senti tão entorpecida pela falta desse nutriente da vida, que nunca pensei em procurá-lo.

Esses eram os pensamentos que ele lia com facilidade, embora não pudesse analisá-los.

O beijo foi também um ato de coragem. Um desnudar da alma e de sua vulnerabilidade, uma revelação de sua total inexperiência. Devia ser desconfortável e constrangedor, mas não era. Depois de ter passado boa parte da vida como aluna, ela revelava toda a sua capacidade de aprender e se adaptar.

Os lábios se entreabriram. As línguas se encontraram para uma dança sensual e quente.

Damien perdeu a noção de tudo, tomado pela delicadeza singular daquele beijo e dominado pelo crescente interesse de seu corpo. Sentia o cheiro de lavanda e de outras essências, uma mistura que o levava a cruzar oceanos para encontrá-la e resgatá-la. Os dedos da mão cujos curativos ele havia removido acariciavam sua nuca, desafiando os sentidos e a razão. O beijo ganhava intimidade e despertava apetites mais primitivos.

Deslizou a mão pelas costas nuas de Syreena, que estre- meceu e colou o corpo ao dele. Interrompeu o beijo ao sentir os seios roçando seu peito, o calor da pele nua incrivelmente intenso e provocante. Ele se esforçava para recuperar o equilíbrio, repousando a testa na dela.

Jamais havia imaginado que pudesse existir tanta profundidade em um simples contato físico. O calor que o invadia despertava lembranças do sabor do sangue de Syreena, de como ela gemera de prazer ao sentir a invasão das presas e os lábios sugando-lhe o pescoço.

Damien gemeu, e o som traiu um intenso desejo, uma mistura de sensualidade e frustração. Ele a abraçou, colando a face à dela, respirando profundamente antes de soltá-la e se afastar.

— Não... — Syreena pediu.

— É necessário.

— Por quê?

— Por várias razões.

— E não há nenhuma razão para ficar?

— Muitas mais — ele confessou, mantendo a distância entre eles. — Já me agradeceu, Syreena, e de maneira encantadora. Mas esse é o ponto em que a gratidão deve acabar. Qualquer coisa além disso... pode acontecer, talvez, outro dia... por razões distintas.

Com um suspiro resignado, ela se deitou sobre os travesseiros.

— Há uma coisa que um vampiro de idade avançada aprecia mais do que tudo no mundo — Damien disse. — E é ser deliciosamente surpreendido. Você é uma coleção inesgotável de surpresas, doçura.

Ela sorriu. O príncipe se inclinou para beijá-la na testa e saiu de perto de sua cama.

Elijah percorria a área da cela lentamente, tentando entender o que via. Sua parceira temporária estava abaixada em um canto onde havia muitas manchas escuras de sangue.

— A princesa foi mantida nesse aposento, não há dúvida murmurou Jasmine. — Caçadores, usuários de magia... um demônio. — Encarou-o, intrigada.

— Ruth. Uma traidora.

— Ah, sim. Ela. — Damien havia lhe contado a história.

— Bem, todos abandonaram o lugar com grande pressa. E terão muitas horas de vantagem sobre nós, já que tivemos de parar para nos proteger da luz do sol.

— Vamos pensar nisso mais tarde. Damien e Syreena...

— Não consigo localizar o rastro. Ele deve ter se escondido para despistar os perseguidores. Mas sinto perfeitamente o sangue de Syreena. Ela está sangrando muito.

Elijah já havia notado as manchas assustadoras. Não conseguia imaginar como ela poderia sobreviver a tão grave perda de sangue, por mais que Damien obtivesse ajuda rapidamente.

— Estamos em território mistral — Elijah observou. — E eles estiveram aqui por um bom tempo. — Podia ver suprimentos e restos, evidências de uma estadia prolongada.

— Não parece que estavam preparados para partir — Jasmine comentou, passando ao cômodo vizinho. — Veja isto. Estavam no meio da refeição quando Damien chegou.

— Mesas longas ainda sustentavam pratos com comida e canecas cheias. — Não entendo. Por que um exército se regala com uma lauta refeição, quando mantém um prisioneiro perigoso na sala ao lado?

— Talvez nem soubessem que havia um prisioneiro. Tenho a sensação de que Ruth agia por conta própria, deixando seus tolos seguidores no escuro.

— Tem razão. Ela é mesmo lunática! Só pessoas desequilibradas fazem essas escolhas tão impulsivas.

— Não foi assim que ensinei Ruth a pensar. Sei que ela é capaz de muito mais.
— Olhou para Jasmine. — É melhor continuarmos seguindo Damien e Syreena. Por maior que seja minha vontade, não posso perseguir esses nigromantes agora. Não enquanto não tiver certeza de que os dois estão seguros.

— De acordo — ela respondeu.

Aquela capacidade de controlar o instinto e impor a lógica era a grande diferença entre um guerreiro e um líder guerreiro. Era o que a fazia ter certeza absoluta de que Elijah pegaria Ruth no final. Ruth não tinha capacidade de liderança. Desperdiçava sua energia e seus recursos para satisfazer necessidades emocionais próprias, em vez de obedecer a uma estratégia adequada.

Jasmine seguiu o guerreiro que já localizava o rastro de Syreena.

Damien estava em pé na escuridão gelada, deixando o vento frio envolver seu corpo. As rajadas sacudiam suas roupas limpas e a trança refeita.

Precisava se alimentar. Porém, deixou de lado essa necessidade. Não podia sair do chalé e abandonar seus ocupantes, mesmo que por pouco tempo. Windsong e Lyric se expunham a grande risco por eles, e não as deixaria desprotegidas depois de ter praticamente conduzido inimigos ferozes à porta da casa delas. A proteção das canções de Windsong era impressionante, mas não duraria para sempre, nem poderia manter afastada uma criatura como Ruth. Francamente, estava surpreso por ela ainda não ter aparecido.

Era evidente que Ruth havia abandonado toda noção de autopreservação, buscando apenas vingança. Enfurecida e desequilibrada, ela não tinha mais lógica ou noção de perigo. Se seus seguidores notassem o grau de loucura da líder, certamente deixariam de acatar suas ordens. Se fossem eliminados da equação, capturá-la seria muito mais fácil. A mágica era um recurso não quantificável, destituído de diretrizes, repleto de possibilidades. Até o momento, ninguém jamais soubera que um Nightwalker podia usar magia.

Essa era uma perspectiva aterrorizante. A magia negra tinha uma verdade universal: corrompia de maneira unânime. Por isso, os usuários exalavam um cheiro tão repugnante para os Nightwalkers. O aroma era a essência da corrupção da alma, da podridão da consciência.

Era a antítese do amor entre almas gêmeas.

Elijah e Siena eram almas gêmeas. O amor que os unia transcendia o tabu cultural, a independência espiritual, e desafiava todas as regras escritas do mundo Nightwalker. A magia também podia produzir essas coisas, mas a diferença estava nos efeitos.

Siena e seu parceiro eram agora um ser sincronizado. Haviam se harmonizado para criar uma força unificada impressionante e superior. Essa união destruíra rapidamente muralhas de preconceito e desconfiança; eliminava a possibilidade de guerras futuras entre as duas sociedades e construía uma possibilidade para os que viviam o presente, e para seus filhos no futuro.

Magia só criava discórdia. Doía, feria, rasgava costuras de pontos firmes e cuidadosos. A natureza sofria desequilíbrio e dor sob sua influência venenosa. Um exemplo disso era a intimação, na qual o demônio nomeado era roubado de sua vida, aprisionado em um pentagrama venenoso, subjugado pela força negra da magia. Esse procedimento os transformava em monstros sem alma e sem consciência, e representava o insulto supremo a um membro de uma espécie normalmente moral e consciente do próprio comportamento.

A magia também tinha sua maneira de atingir os vampiros. Damien os vira mortos por ela, decapitados, eviscerados e paralisados, prostrados até a chegada do sol que os transformava em cinzas.

Essa praga jamais seria erradicada até que o último livro de magia, o último pergaminho de palavras amaldiçoadas fosse queimado e destruído, até que fossem destruídos também os que guardavam essas mesmas palavras na memória.

Era uma tarefa impossível. A descoberta de compêndios de encantamento e magia na biblioteca oculta era prova disso. Por cem anos a magia fora sufocada e controlada, mas seu ressurgimento recente era a prova de que ela não seria erradicada. Não realmente.

— Damien?

Ele se virou ao ouvir a voz melodiosa.

— Syreena, devia estar descansando.

— Não consigo dormir.

Ela se enrolara no cobertor para preservar o calor do corpo, e era possível ver o tecido azul que cobria suas pernas até a altura dos joelhos. Windsong devia ter emprestado a ela um de seus vestidos para substituir o que fora rasgado. Seus pés estavam descalços sobre o piso frio.

— Sente-se aqui — ele sugeriu, apontando para um banco de pedra ao seu lado. O banco era alto, e ele a ergueu para acomodá-la. Estudou-a com interesse e preocupação.

— Só estive doente uma vez em toda a minha vida — Syreena contou.

— Isso não é doença.

— A sensação é a mesma. Ou pior. A primeira vez foi quando me tornei essa criatura... bicolor. — Ela sorriu. — Hoje nem me lembro mais de que cor era meu cabelo. Fui insuportável durante algum tempo, e agora... E engraçado como coisas que pareciam tão importantes na juventude perdem a importância com o passar do tempo.

— Também não me lembro muito dos meus primeiros cem anos — ele confessou, rindo. Era mentira, é claro.

— Não lembra? Ou prefere não lembrar? Você deve ter sido terrível.

— É, eu fui. Mas me diverti muito. Mais tarde, comecei a sentir um desencantamento que se transformou em torpor, e essa foi a pior coisa que já senti em toda a minha vida. Passei cento e vinte e um anos deprimido, encolhido em um buraco. Quando acordei, prometi a mim mesmo que seria mais gentil e comedido com minha

diversão, que saberia apreciar melhor a dádiva do tempo e do entretenimento. Desde então, nunca mais precisei me recolher para superar a depressão.

— E por isso acumulou poder e sabedoria para se tornar o príncipe de sua raça.

— Acho que sim. Nunca se ressentiu contra o fato de sua vida ter sido sempre decidida por terceiros?

— Ressentimento é uma palavra forte demais. Crianças se ressentem. Adultos ficam frustrados.

Damien entendia bem a distinção. A posição que Syreena ocupava não dava a ela o direito de ter uma crise temperamental.

— Talvez um dia você possa seguir o caminho que escolher — ele disse.

— Talvez. Quando Siena tiver filhos e assegurar a sucessão ao trono. E, mesmo então, ainda serei sua conselheira e confidente. Sou a lógica quando ela é emoção. Siena precisa de mim.

— E você, Syreena? Do que precisa?

— Preciso ser necessária. Por que me pergunta isso?

— Na verdade, a questão é "Por que não pergunta isso a si mesma?".

— De repente me conhece tão bem assim?

— Sei o que significa ter responsabilidades e ser o foco de todas as expectativas. Sei o que significa ser da realeza. Além de sua irmã, sou a pessoa mais parecida com você.

Ele tinha razão, e constatar que um estranho era capaz de interpretá-la tão bem a deixava exposta, vulnerável e furiosa. A sensação de fragilidade sempre a incomodara.

— Escute, seu dever com minha irmã está mais do que cumprido. Não precisa mais ser tão *gentil* comigo.

Ela saltou do banco, e ele a seguiu, intrigado.

— Sua irmã nem me passou pela cabeça quando decidi ir atrás de você, Syreena.

Ela parou e se virou com os olhos cheios de suspeita e raiva.

— Não se atreva a me tratar com essa condescendência paternal!

— Não é o que estou fazendo.

— Por que isso agora? Por que ainda está aqui? *Por que continua me seguindo?*

— Porque você precisa de proteção. E, como disse há pouco, precisa ser necessária.

Damien entendia a expressão de surpresa dela. Não sabia de onde havia tirado essa última colocação.

— De que maneira posso ser necessária para você?

A infinidade de respostas que inundou sua consciência teve o poder de fazer até um vampiro corar.

— Não sei. E não vou conseguir encontrar respostas se você insistir em fugir delas.

— Não precisa ter pena de mim só porque chorei nos seus braços há pouco. Não sou uma menina mole que precisa de elogios e tapinhas na cabeça.

— Todos nós precisamos de elogios. E se fosse mole, Syreena, mereceria minha aversão, não minha piedade. Não tenho paciência para gente que fica pelos cantos choramingando, esperando que alguém as salve.

Era difícil ficar furiosa com alguém que pensava como ela. Damien estava surpreso por constatar como ela era parecida com o pai nesse aspecto.

— Não sou! — ela reagiu furiosa.

— Eu não disse nada, Syreena. Apenas pensei. E não me lembro de ter permitido seu acesso aos meus pensamentos.

O que ele não disse era que estava chocado por ela ter conseguido invadir seus pensamentos. Eram poucas as criaturas que conseguiam ler seus pensamentos, mesmo com sua permissão. E como ela conseguira? Licantropos não eram telepatas. Apenas adivinhavam as coisas, valendo-se de uma coleção de dados vibratórios e de um sexto sentido muito preciso. E Syreena lera seu pensamento literalmente.

Ela também estava confusa.

— De qualquer maneira — ele prosseguiu, abalado —, eu estava pensando no seu temperamento, não na essência de quem você é. Nada que você já não saiba.

— Não preciso de um estranho me dizendo quem sou — ela protestou, mas as palavras perderam a intensidade. Estava cansada, perturbada e fazendo um grande esforço para culpá-lo por seus sentimentos.

— Precisa descansar. Ainda não se recuperou.

— Pare de me dizer o que devo fazer, por favor.

Ela caiu onde estava, tão exausta que nem conseguia mais sustentar o peso do próprio corpo. Damien moveu-se depressa, amparando-a antes que ela chegasse ao chão.

Tomou-a nos braços e encostou o rosto no dela, deixando sentir seu calor e a segurança de sua presença.

— Pare com isso — ele murmurou. — Pare de tentar me mostrar como é cheia de qualidades.

— Mas eu não... Não entendo você. Não entendo o que quer!

— Eu sei, e não estou surpreso.

— O que você quer, Damien?

— Eu quero... Quero saber o que você quer. E, como você não sabe, vou ter de esperar até poder descobrir. Agora você vai descansar. — Entrou no chalé carregando-a.

Deitada, Syreena teve de admitir que havia usado Damien como uma válvula de escape para o mau humor e a revolta que sentia contra si mesma por ter se metido nessa situação. Ele suportara tudo com paciência, sabedoria e infinita serenidade.

Sentou-se na cama e começou a remover as bandagens da mão, cansada da restrição e da sensação de invalidez. Não podia fazer o mesmo com as faixas da cabeça, mas já se contentava em poder movimentar os dedos. Ainda sentia dor, mas nada que não pudesse suportar com um pouco de concentração. Mais algumas horas, e tudo desapareceria.

Porém, levaria muito tempo para ter de volta os longos cabelos. Sentia-se como Sansão, traída e abandonada com a fraqueza resultante da mutilação. Como o personagem bíblico permitira que o amor fosse sua fraqueza, ela também se deixara enfraquecer pelo amor por Siena? Ou o amor de Siena por ela deixava a rainha vulnerável? Detestava ideia de ser uma fraqueza para a irmã. Pior, uma fragilidade que podia ser usada por inimigos.

— Pare!

Syreena sobressaltou-se ao ouvir a batida da porta. Viu a fúria nos olhos de Damien e olhou para as mãos livres das bandagens.

— Não preciso delas...

— Não me refiro aos curativos, Syreena! — Ele se aproximou e se ajoelhou ao lado da cama. — Por que insiste em se castigar? Vai se deixar influenciar pela atitude de uma louca? Se Ruth decidiu com sua lógica distorcida fazer de você um meio para atacar sua irmã, vai aceitar o papel de instrumento? Vai se sentir culpada?

— Como?...

— Você é capaz de testar a paciência de um santo! Ou está querendo se tornar santa? Não tem desejos, não tem ambições, não tem amantes... Tudo para os outros, nada para você? O que espera com esse tipo de conduta? Eu não consigo entender!

— Nem eu! Ao contrário de você, o mundo não tem sido um parque de diversões para mim. Um dia fui uma criança comum, com toda a liberdade da infância, e no dia seguinte acordei de uma febre e tudo havia mudado. Minha vida estava mapeada. Eu havia sido formatada, preparada para obedecer às ideias de outras pessoas sobre quem e o que deveria ser. E isso é tudo que sei!

— É tudo que se permite saber. Já vi você se opor à sua condição antes, no dia em que desafiou seus professores para defender Siena. Por que não pode fazer o mesmo por você?

— Quem pensa que é? Já tem muita gente me dizendo o que fazer!

— Mas foi para mim que você escolheu mostrar a criança que foi um dia, Syreena. A criança que ousa ter esperança, apesar de tudo e de todos.

O beijo.

Era a isso que ele se referia. Parte dela sabia que havia verdade por trás das palavras de Damien. Tinha mesmo mostrado esse aspecto de si mesma. Beijara-o simplesmente porque sentira vontade. Ninguém mandara, ninguém esperara aquilo dela. Havia sido um impulso, uma manifestação das carências que relegara ao final da

lista de coisas que um dia resolveria, se tivesse tempo, depois de fazer tudo o que era esperado dela.

— Pare de falar comigo como se soubesse quem sou — ela exigiu.

— Só quando admitir que nem você mesma sabe quem é.

— Cale a boca!

— Tanta educação, e essa é a única resposta que consegue me dar?

Ela resmungou uma palavra ainda menos sofisticada. Damien riu.

— Sabe, acho que seu temperamento é a única coisa que ainda resta de realmente seu.

Syreena o agrediu. Uma bofetada. Forte.

Ela gritou de dor, segurando a mão e soprando a área onde a pele fina ardia terrivelmente. Sua única satisfação era ver a impressão de seus dedos logo acima da linha da barba dele.

Também havia provocado um corte no lugar em que o lábio entrara em contato com os dentes, e Damien tocava o local do sangramento com um dedo.

— Parece que Siena não é a única explosiva na família — ele observou.

— Ora, seu...

Syreena atacou-o, atirando-se sobre seu peito sem pensar que ele era muito mais forte, e poderia tê-la detido sem nenhum esforço, se quisesse. Mas Damien caiu de costas no chão, batendo a cabeça nas tábuas com um baque ruidoso. Ela colocou-se sobre ele, tentando agarrar seu pescoço.

O príncipe a segurou pelos pulsos, e não havia nenhuma possibilidade de vencê-lo num confronto direto. Ela só percebeu que estava encrencada quando, de repente, ele rolou, deitando-a no chão e imobilizando-a com o próprio corpo.

— Saia de cima de mim!

Damien continuou onde estava. Paralisada, ela percebeu que conseguira se colocar em posição muito delicada. Literalmente.

Como se não bastasse estar deitada sob o corpo musculoso, ainda conseguira a proeza de encaixá-lo entre as pernas.

Ele a examinava, usando o olfato. Começou pelo pescoço, estimulando-a com seu hálito morno, depois passou ao ombro, ao colo, ao vale entre os seios.

Era um gesto altamente erótico. E ela não conseguia imaginar por que ele agia dessa maneira.

Damien queria mantê-la abalada. Sabia que ela não conseguia raciocinar quando era dominada pelo instinto. Em sua opinião, ela devia recorrer mais aos instintos.

Mas ele havia se esquecido de levar em conta os próprios instintos. Syreena cheirava a lavanda, e agora trazia também o cheiro da noite, tendo aquecido em sua pele o aroma pungente.

De todos os Nightwalkers, os licantropos eram os que tinham a temperatura corporal mais elevada. Sabia disso por meio de sua visão de detecção de calor. Porém, nada o preparara para estar tão perto desse calor.

— Damien, não...

— Não o quê? — Ergueu-se um pouco para fitá-la nos olhos. — O que não quer que eu faça? Ou melhor, o que quer de mim?

— Eu... Eu não quero isso!

— Isso o quê? — Ele se inclinou novamente para cheirar seu pescoço. — Não faça isto, é o que quer dizer?

— Não... — ela murmurou, fechando os olhos e tentando não reagir ao estímulo poderoso.

— Então, eu devo fazer isto? — Ele repetiu a ação.

— Damien...

— Não é o bastante? — Ele aperfeiçoou o toque, utilizando os lábios.

Ela virou o rosto, oferecendo o pescoço sem nem sequer perceber que o fazia.

Damien viu-se subitamente enredado em uma teia que ele mesmo tecera. A veia que pulsava no pescoço delicado o tentava, latejando em seu lábio com um ritmo provocante.

Obrigou-se a se afastar da tentação.

Syreena abriu os olhos ao sentir o movimento abrupto e vê-lo erguer a cabeça, praguejando. Foi nesse momento que percebeu que não era a única a reagir à manipulação dos sentidos. E compreendeu qual era a intenção dele com toda essa provocação. Ele queria fazê-la entender que havia escolha além das imposições com que se deparava. Precisava apenas ouvir os próprios instintos.

Damien soltou-a e se preparou para sair de cima dela. Em nenhum momento tivera a intenção de colocá-la em perigo. Não pretendia estimular-se daquela maneira. Devia ter percebido desde o início que aquele jogo não era seguro. Ela provocava seus sentidos com muita facilidade. Era diferente, única, e era esse tipo de coisa que o atraía.

E depois de ter provado o sabor de Syreena...

Não, espere um minuto! Essa era a novidade. Nunca se interessava duas vezes pela mesma coisa. Não quando se alimentava. Repetir a fonte de nutrientes era como jantar sobras. Sem graça, morno, sem sabor.

Confuso, ele se levantou. Ou tentou...

Não esperava que ela o segurasse pelos cabelos e o puxasse de volta. Por isso, cedeu sem resistir. Seu nariz deparou-se com o pescoço dela, e percebeu que tinha sido ali que tudo começara. Com sua boca pressionada na veia pulsante. Ela envolveu-o com as pernas.

Ótimo! Agora ela mostra ter vontade própria!

— Syreena, não...

— Não o quê?

Ela virava o jogo de forma magistral. Se estivesse assistindo à cena de longe, ele teria rido. Mas estava perto demais para se sentir confortável.

— Syreena, ainda não me alimentei esta noite.

Ela não respondeu. Damien sentiu-a virar a cabeça e passar o nariz por seu pescoço, orelha e cabelo. Quando percebeu que ela o cheirava lentamente, teve que conter um gemido.

Syreena não sabia por que provocá-lo a excitava tanto, mas não conseguia se conter. E sabia que ele estava reagindo. Podia sentir cada milímetro de seu corpo, cada ponto de contato com o dela. Ele tentara amedrontá-la, mas ela não tinha medo dele. Nem mesmo depois do aviso.

Entendeu que não sentia medo porque confiava nele. Porque ele dera dezenas de motivos para isso. Acima de tudo, dissera-lhe a verdade. Uma verdade que nem mesmo sua irmã conhecia.

— Acho que preciso retribuir um favor — ela sussurrou. Damien não sabia do que ela estava falando, mas tinha um estranho pressentimento. Tentou se afastar mais uma vez, mas ela escolheu aquele momento para colocar a boca onde sua pulsação estaria.

O pescoço de um vampiro era uma zona erógena. E tornou-se evidente pela forma como ela percorria sua pele com os dentes que ela sabia disso. Damien praguejou, ofegou e tentou se desvencilhar.

Porém, ela o agarrou, rolando com ele até estar sobre seu corpo outra vez. Ele estendeu a mão até a cintura delgada, tentando empurrá-la.

— Era você quem queria saber o que eu desejava — ela lembrou-o, esquivando-se das tentativas dele de afastá-la, e colando o pescoço aos seus lábios.

Desta vez, Damien não conseguiu refrear o ruído que surgiu em sua garganta. Ela riu de deleite quando ele emitiu um som de prazer e envolveu-a pela nuca.

— Syreena, está brincando com fogo...

— Já me queimei em suas chamas antes — ela respondeu. Ele agarrou-a pelos cabelos, demonstrando que estava envolvido a ponto de se esquecer de ser cuidadoso com seus ferimentos. Era inebriante sentir-se poderosa a ponto de ameaçar o equilíbrio do príncipe dos vampiros.

Sentiu-o acariciar seu pescoço com a língua. Logo depois, parecendo perceber o que fazia, ele tentou novamente se afastar.

— Syreena, pare!

— Por quê? Não gosta de mulheres agressivas?

— Gosto demais!

— Que bom...

De repente, as mãos dela se tornaram ousadas. Ela as deslizava por seu peito, pelo abdômen, pelo quadril. O caminho de volta foi ainda mais provocante, com os dedos pressionando a região do umbigo e as unhas arranhando os mamilos.

Damien não conseguia mais se controlar. Aturdido, ergueu a cabeça e lambeu-a no pescoço, onde a veia pulsava convidativa.

Dessa vez, não havia como deter sua reação. As presas surgiram reluzentes, e a erupção violenta o deixou tonto. O instinto assumiu o comando e, a partir desse momento nada restava de civilizado para impedir a natural sucessão dos eventos.

A mordida foi tão rápida, que ela quase nem a sentiu. Mas Syreena sentiu os lábios se fechando sobre as duas aberturas circulares. Um gemido de prazer brotou de seu peito. Seu corpo liberava endorfinas e adrenalina em resposta à invasão dos anticorpos de Damien, e a reação química a deixou aturdida. Precisou de alguns momentos para perceber que estava novamente deitada sob o corpo dele.

Ela o segurava pela nuca, temendo que ele interrompesse o contato. Enquanto sorvia seu sangue, ele pressionava, o corpo contra o seu, anunciando a incrível excitação com o súbito calor e rigidez. Estavam tão próximos, tão unidos, que ela se via pelos olhos dele. Por um momento, sentiu o que ele sentia, e pôde inclusive experimentar o sabor do próprio sangue em sua boca, a força com que sua seiva o nutria.

E também soube com perfeita clareza como ele a via.

Como uma pessoa inteira. Um indivíduo.

Quando retornou a si, Syreena foi tomada por um inimaginável sentimento de plenitude. Em um único momento, havia experimentado a fusão que buscara estabelecer entre suas duas metades durante toda a vida. Vira-se inteira pelos olhos de outro ser, alguém que não a conhecia como duas imagens distintas, estudante ou conselheira, falcão ou golfinho. Ele via tudo. Gostava de tudo. Queria tudo.

Se possível, Syreena era ainda mais doce do que da primeira vez. Mais inebriante. O mais espantoso era o tempero dos níveis hormonais elevados pela excitação. Sentia o peso de seus seios, o calor entre suas pernas. Pela primeira vez na vida, ele se tornava consciente da possibilidade da morte.

Se estivesse dentro dela, mergulhado em seu calor e partilhando o prazer que a dominava, poderia se entregar à ideia da morte sem piscar. A experiência seria o pináculo da própria vida. Mas como era pouco provável que morresse dessa maneira, ele pensou que poderia repetir a visita muitas e muitas vezes.

Como se respondesse à sugestão mental, ela arqueou as costas e gritou num êxtase incontrolável. Ele absorveu o impacto do corpo feminino, o calor que dele emanava, e gravou o cheiro almiscarado que se desprendia dela.

Só quando ela ficou quieta e sem ação, Damien começou a recobrar a razão.

E, naquele segundo de horror, ele percebeu o que estava fazendo.

Saltou para longe dela, caindo no chão com um baque surdo. Um gosto amargo enchia sua boca, e ele se deu conta de que havia esquecido a mordida final.

Tentou se mover, voltar para perto dela, impedir o que seria inevitável, se não concluísse a alimentação de maneira apropriada.

Mas estava paralisado, e era incapaz de se movimentar.

De onde estava, ele via o sangue formar uma poça aterrorizante sob a cabeça e o pescoço de Syreena.

— *Merde!*

Windsong não conseguiu impedir a exclamação ao abrir a porta do quarto e ver o príncipe e a princesa caídos no chão.

Syreena estava desfalecida em uma poça do próprio sangue, e Damien se retorcia.

— Lyric!

Windsong se ajoelhou ao lado da princesa licantropo, colocando a mão sobre a ferida em seu pescoço para estancar o sangramento.

— O que é? Por que está gritando tanto?

Lyric parou de falar ao se deparar com a cena de horror.

— Vá buscar as ervas! Depressa, menina! — ela ordenou. Enquanto Lyric corria de volta à cozinha, Windsong pressionava a mão contra o peito de Damien e começava a entoar sua mais potente canção de cura. Lyric voltou e se ajoelhou ao lado da mentora, segurando a cabeça do vampiro para impedir que, em sua agitação, ele se ferisse ainda mais. Enquanto isso, ela entoava outra melodia cujo propósito era acalmar um corpo em choque.

Lyric retirou da bolsa de ervas tudo de que precisava para preparar um bálsamo coagulante para o pescoço de Syreena. As ervas surtiram o efeito desejado, mas ela não interrompeu a canção para suspirar aliviada. Pelo contrário, continuou trabalhando, despejando na boca da licantropo um líquido para promover a formação de glóbulos vermelhos e repor o sangue perdido. A pulsação da princesa ainda era fraca, mas progredia rapidamente, e isso era tudo que importava.

Era hora de cuidar do outro paciente.

A pele de Damien tinha um pavoroso tom acinzentado, depois se tornou avermelhada, depois adquiriu uma estranha coloração castanha que lembrava o bronzeado de um demônio. Windsong não sabia o que fazer. Vampiros não, tinham circulação, pulso ou respiração que se pudesse monitorar, e os mistérios de seu sistema de nutrição eram por ela desconhecidos. Tudo que podia fazer era sustentá-lo com sua canção e encorajar Lyric a fazer o mesmo.

Syreena acordou de repente. A primeira coisa que notou foi o sentimento de vazio, a ausência de peso.

Ou a falta do peso de Damien sobre seu corpo.

Aparentemente, havia desmaiado outra vez.

Ela virou a cabeça, estranhando a dor no pescoço. Não lembrava nitidamente a primeira vez que ele se alimentara de seu sangue, mas não sentira aquela dor, disso estava certa.

Sentou-se e teve de buscar um apoio, porque o mundo girou. A mão estendida tocou cabelos macios, e ela se virou assustada. Lyric dormia na cadeira ao lado de sua cama.

— Lyric?

— Tentei acordá-la, mas ela está exausta. Pobrezinha. Syreena reconheceu a voz de Windsong, que descansava em outra cadeira ao lado da cama de Damien. Alguma coisa estava errada.

— O que aconteceu?

— Talvez você possa me dizer. Por que Damien repetiu um ato que quase o matou da primeira vez?

— Quase o... matou? Mas ele disse que... Ele falou como se fosse algo simples, comum!

— Não foi. Agora a temperatura dele está oscilando, do quente ao frio, e sei que isso não é normal. A temperatura de um vampiro cai ao longo do dia, e só volta a subir quando eles se alimentam. Quando se alimentam com normalidade, quero dizer.

— O que vai acontecer, Windsong? Ele vai sobreviver?

— Acho que sim. Ele sobreviveu da última vez. Lyric e eu interferimos em tempo.

Era a primeira vez que fazia uma escolha, que decidia que caminho seguir. E que bela escolha fizera! Piscou para deter as lágrimas. Não choraria como uma criança. Isso não traria bem algum.

Pare com isso...

Syreena riu com histeria ao se lembrar das palavras de Damien. Se ele ao menos soubesse no que estava se metendo...

Eu sei. E não me arrependo.

Ela ofegou ao perceber que ouvia a voz dele em seus pensamentos. Esforçou-se para se levantar, passou pela confusa mistral e caiu sobre a cama do príncipe.

— Damien? Pode me ouvir?

Quando o tocou, ela sentiu a pele quente, quase febril, se isso era possível entre os de sua raça, e soube que ele estava vivo.

— Syreena... — chamou a mistral.

— Shhh... — a princesa a silenciou.

Syreena...

— Damien! Por que fez isso, se ia machucá-lo? Por que não me disse?

Pare de se preocupar. Eu vou ficar bem em pouco tempo. Agradeço o fato de você não estar ferida. Fiquei preocupado de ter machucado você.

— Não, eu estou bem. Apenas cansada.

Perplexa ao ver a princesa falando sozinha, Windsong logo deduziu que ela o ouvia em seus pensamentos.

Vampiros podiam falar à mente alheia. Normalmente usavam imagens e ilusão, mas conversar também era possível, a julgar pelo que estava presenciando. O príncipe dava a impressão de estar mergulhado num sono profundo, e estava, mas só seu corpo dormia. A mente permanecia alerta, atenta ao bem-estar de Syreena.

Windsong se levantou e saiu do quarto. Daria apenas um instante aos dois, e depois os faria dormir, mesmo que não quisessem.

Quando retornou, encontrou a princesa dormindo na cama de Damien, a cabeça apoiada em seu peito e a mão segurando a dele, como se temesse que o príncipe desaparecesse. Estava tão exausta que adormecera assim que tivera certeza de que ele estava bem.

Decidiu deixá-la dormir. Sorrindo, aproximou-se de Lyric e a fez deitar na cama vazia. E como já passava do meio dia, ela mesma foi se deitar no sofá da sala para descansar também.

Já estava escuro havia uma hora quando Elijah e Jasmin finalmente chegaram à casa de Windsong, levados até ali por um emaranhado de pistas confusas e de deduções.

A mistral não se surpreendeu ao recebê-los na porta. Era como se os estivesse esperando. Ela não falava, uma cortesia com o demônio que não tinha recursos para se defender do efeito de sua voz, mas gesticulava para convidá-los a entrar. Sabendo o que os levava até ali, abriu a porta do quarto e os deixou dar uma rápida olhada em Syreena e Damien.

Jasmine não conteve o choque diante da cena. Damien ainda dormia, àquela hora da noite, e estava abraçado a uma delicada fêmea licantropo. Ela o teria acordado para pedir explicações, não fosse pela firmeza com que a mistral a removeu da porta e a levou de volta à sala.

Elijah estava satisfeito por saber que Syreena estava viva e recebendo cuidados apropriados. Pela ligação que mantinha com Siena, transmitiu seu alívio imediatamente e sentiu a resposta igualmente aliviada da esposa.

— Siena me pede para transmitir sua gratidão — ele disse a Windsong. — Ela diz que se precisar de alguma coisa algum dia...

A mistral ergueu a mão para silenciá-lo. Ela sabia o quanto Siena estava agradecida e como aquilo poderia eventualmente servir a ela, assim como Elijah tinha consciência de que talvez houvesse um dia em que o favor pudesse ser retribuído. O guerreiro se deu por satisfeito. Jasmine, por outro lado, não estava tão contente. Tinha dezenas de dúvidas e queria saber, principalmente, como podia estar na mesma casa que Damien e não sentir sua presença.

Syreena abriu os olhos, virou o rosto e se deparou com os olhos azuis, escuros como a noite, e com o lindo sorriso debochado.

— Olá — ele a cumprimentou.

— Olá? — Ela se apoiou sobre um cotovelo para encará-lo. — Olá? É tudo que tem para me dizer?

— É um começo tradicional.

Syreena se levantou da cama e apoiou os punhos cerrados na cintura.

— Damien, qual é o problema com você? Quer morrer? Por que não me disse... Por que não me avisou...

Ele sorriu novamente e ergueu uma sobrancelha. O gesto despreocupado a enfureceu ainda mais.

— Você é um maluco!

— Syreena...

— Não me venha com esse tom, como se eu fosse uma histérica desesperada com o rato que viu correndo pela cozinha! Damien, você precisa de uma babá!

Ele desistiu de se defender. Ela não o deixaria fazer isso e ele na verdade a compreendia. Não podia explicar seu comportamento insano. Cometera uma estupidez, mas não permitiria que ela se culpasse por sua irresponsabilidade.

De repente, ela parou de falar e inclinou a cabeça, alerta.

— O que é? — Damien perguntou.

— Ah, que maravilha!

Ele também havia sentido a vibração.

— Esperava que sua irmã ficasse sentada esperando por sua volta? — ele perguntou.

Syreena não disse o que ele podia fazer com o comentário perfeitamente lógico. Em vez disso, arrancou a camisola com que Windsong a vestira e a trocou pelo vestido azul emprestado pela dona da casa. Surpreendentemente, o vestido havia sido lavado e não exibia uma única mancha de sangue.

Vestida, ela se virou para Damien.

— Não quero que Siena saiba disso. Entendeu? — Ela já escondia as marcas em seu pescoço usando os cabelos e o colar da pedra-da-lua, símbolo de sua posição na casa real. — Nossa sociedade tem regras, tabus, superstições... Desrespeitamos tantas leis, que fico tonta só de pensar.

— Está tonta porque perdeu muito sangue. Desrespeitar as leis a deixa apavorada.

— E você também devia sentir uma dose saudável de medo, Damien! É uma ameaça para você mesmo, sabia? uma alegria saber que vou estar bem longe enquanto vai destruir em outro lugar qualquer!

A princesa licantropo saiu do quarto, batendo a porta.

— Gatinha?

— Hum?

— Vai abrir um buraco no tapete. Siena parou de andar de um lado para o outro e encarou o marido, que estava estendido na cama como se não tivesse uma única preocupação na vida. Sentiu vontade de espancá-lo por isso.

— Eu ouvi — ele disse, rindo.

— Tem certeza? Quero dizer, tem certeza absoluta? — ela perguntou pela décima vez naquela noite.

— Siena...

— Quero saber como ela consegue! Como a cretina pode desaparecer no ar desse jeito? Nossos melhores caçadores tentaram localizar Ruth. Os meus, os seus, os de Damien, e nenhum deles encontrou o rastro da vadia traidora! Nem mesmo Jacob! Ele é o Defensor de seu povo, encarregado de caçar os renegados de sua espécie, e nem ele conseguiu localizá-la! Quero saber como ela faz isso!

— Ruth tem um poder considerável — Elijah explicou. — Podemos estar bem atrás dela, mas ela manipula nossa mente e nos faz acreditar que está a milhares de quilômetros. Quer saber quem vai conseguir pôr as mãos nela um dia?

— Quem?

— Eu aposto meu dinheiro em Damien. Ou Magdalegna. Legna é o único demônio da Mente suficientemente poderoso para enfrentar Ruth e vencê-la usando os mesmos truques. Infelizmente, ela não pode agir enquanto não der à luz.

— E Damien? — Siena foi se deitar ao lado do marido.

— Damien é imune aos truques de Ruth, desde que esteja atento a eles. Depois de Jacob, ele é o melhor caçador que conheço.

— Mas ainda não conseguiu nada, e esse tormento começou há cerca de um ano!

— Siena, os dias de Ruth estão contados. Ela vai aparecer novamente, e então...

— Sim, eu sei que ela vai aparecer. E é disso que tenho medo. Ruth está tramando alguma coisa. E é alguma coisa relacionada à biblioteca e ao território mistral. Não gosto disso. Sinto arrepios quando penso que ela está solta por aí. — Siena se aninhou em seu peito, tentando banir do corpo a sensação de frio e medo. — É você que ela odeia, Elijah. Na mente distorcida daquela lunática, você é responsável pela morte da filha dela. Tenho medo de que ela o surpreenda e faça alguma coisa como fez...

— Não vai mais acontecer, Siena. Sei que cometi um erro que quase me levou à morte, mas pode ter certeza de que não vai mais acontecer. Não tenha medo dela. É isso que Ruth deseja. Ela quer que você tenha medo por mim, por Syreena...

— Não vou ter medo dela... não depois de rasgar a vadia ao meio e arrancar seu coração negro!

Elijah riu.

— Esta é minha garota — disse, beijando-a e conduzindo-a por um caminho repleto de outros tópicos.

Syreena se levantou depois de ter passado algum tempo ajoelhada diante do altar, onde estivera meditando pela maior parte das últimas vinte e quatro horas. Não podia jejuar enquanto se recuperava do choque físico que sofrera uma semana atrás, e lamentava que os monges insistissem na proibição. Sentia-se bem, e achava que o jejum tornaria mais frutíferas as tentativas de meditar. Sempre havia funcionado no passado.

Não... Honestamente, a alimentação não tinha nada a ver com a dificuldade de concentração.

Precisava saber como Damien estava depois de tudo que havia passado. Por não ter contado tudo a Siena, sua irmã não julgara necessário buscar mais informações sobre o bem-estar do príncipe dos vampiros.

Sabia que não havia demonstrado sua apreciação por tudo que ele fizera. Não conseguia entender por que ficava tão irritada e volátil quando estava perto dele. As lembranças voltaram a perturbá-la e, inquieta, começou a andar pelos corredores do monastério subterrâneo do Pride.

Crescera ali, e conhecia o lugar melhor do que conhecia o castelo real. De certa forma, a caverna de muitas câmaras encravada na imensa montanha russa era seu lar, mais do que o lugar onde nascera. Ao mesmo tempo, não havia amor ou ternura entre as paredes de rocha fria. Professores, aulas, disciplina, sim, mas nada que se aproximasse de carinho ou bondade genuína.

Por isso, buscara o refúgio do monastério. Ali, ninguém se interessaria por ela o suficiente para descobrir o que a incomodava. Se ficasse com Siena, acabaria enlouquecendo sob sua constante apreensão. E se perdesse o controle e revelasse o que acontecera entre ela e Damien...

Um rubor tingiu seu rosto. Por que ficava tão agitada sempre que pensava nele? Enquanto vivera no monastério, fora forçada a adotar o celibato. Como princesa, tinha de mantê-lo até encontrar o parceiro que ficaria ao seu lado por toda a vida. Entre uma coisa e outra, acabara se conformando com a situação e nunca havia considerado essa exigência um fator de grande interesse.

Damien era o primeiro a forçá-la a rever esse conceito.

Agora entendia todas as restrições impostas ao cruzamento entre raças de Nightwalkers. Siena e Elijah eram a exceção, e o ajuste não fora fácil para nenhum dos envolvidos. De fato, a corte e o povo de Siena ainda tentavam se adaptar à novidade, e havia os mais resistentes.

Mas, pelo menos, eles não causavam mal um ao outro. Estavam felizes e saudáveis. Tal coisa jamais seria possível entre Damien e ela. Então, por que não se convencia dessa impossibilidade e parava de pensar nisso? Por que, apesar de tudo, tinha esse impulso quase irresistível de ir procurá-lo?

Havia outras coisas que a incomodavam. A maneira como todos que a viam olhavam para os espaços vazios em sua cabeça, por exemplo. Se tolerasse a opressão, já teria adotado o uso do véu só para se proteger dos olhares curiosos. Mas nenhum licanthropo suportava a ideia de cobrir os cabelos. E os dela levariam anos para crescer novamente. E enquanto o cabelo crescia, o golfinho permanecia confinado, adormecido dentro dela. Era quase como se estivesse sofrendo uma punição cósmica pelo

ressentimento que nutrira contra suas duas metades. Agora que uma delas estava fora de seu alcance, removida com os cabelos cinzentos, queria desesperadamente tê-la de volta.

Ajeitou os cabelos castanhos de forma a cobrir as áreas vazias em sua cabeça. Melhor misturar as cores, ou o que restava delas, a se exibir com aquela aparência patética. Havia em sua cultura os que tinham cabelos naturalmente mesclados em duas ou mais cores. Os que não a conheciam nem olhariam duas vezes para o novo arranjo.

Infelizmente, eram poucos os que não a conheciam.

O príncipe vampiro estava carrancudo.

Jasmine suspirou ao olhá-lo da varanda da mansão. Era irritante! Normalmente, ele a observava e se preocupava com sua melancolia constante, mas agora não tinha mais tempo para ficar melancólica. Estava preocupada demais com Damien para se incomodar com o tédio.

Ele caminhava pelo jardim sob o manto da noite, dirigindo-se ao rochedo de onde passaria mais algumas horas olhando para o oceano Pacífico. Sabia que ele olhava para a Rússia. Não que ele houvesse feito confidências sobre os dias que passara com a princesa licantropo, mas... Bem, ela tirara as próprias conclusões.

A princesa podia esconder a verdade de sua irmã e de seu povo recorrendo à estética e às jóias, mas um vampiro não se deixava enganar por esse tipo de truque. A mordida de um vampiro era como a demarcação de um território por um animal, uma declaração de poder dentro de certos limites.

Um vampiro sempre sentia onde o outro tinha estado antes. Como seres territoriais, era assim que evitavam invadir o espaço alheio.

Em suma, qualquer vampiro que se aproximasse da princesa licantropo saberia que Damien estivera ali. E, como se isso não bastasse, ela os vira dormindo abraçados na casa da mistral.

Damien se deitava com muitas mulheres, mas nunca dormia com elas. E se ele a aceitava como amiga, se a admitia como presença constante em sua vida, Jasmine sabia que isso só acontecia porque não o incomodava. Nunca tinham sido amantes, nunca se apaixonara por ele, nunca fizera cobranças. Era essa liberdade que os havia mantido próximos por tantos séculos.

O envolvimento com a princesa causara uma importante modificação nele. Estava preocupada, porque mudanças eram sempre vistas como sinais de fraqueza em sua sociedade. O que quer que acontecesse, ninguém devia notar a transformação.

Ela mesma não conseguia perceber a natureza dessas mudanças, porque ele a bloqueava. Sozinho, passava horas sentado naquele rochedo, olhando para o oceano. E ela guardava segredo. Se um único sussurro sobre esses novos eventos ultrapassasse as muralhas da mansão, as consequências seriam terríveis. Vampiros ambiciosos passariam a cobiçar a coroa, certos de que o príncipe estava enfraquecido.

Jasmine não era uma criatura muito paciente. Por isso se cansava com tanta facilidade do mundo que a cercava. Ergueu os braços e flutuou sobre as árvores,

dirigindo-se ao rochedo de onde Damien apreciava o Pacífico. Aterrissou ao lado dele sem fazer barulho.

Damien inspirou profundamente. Esperava o confronto e sabia que seria impossível adiá-lo por muito mais tempo.

— Jasmine, por que não desiste?

— Se parar de se arrastar pela mansão como se carregasse o mundo nas costas, não farei mais perguntas.

— Não estou me arrastando.

— Está melancólico, deprimido... Conheço você, Damien. Sei, por exemplo, que esse comportamento pode levá-lo a pôr em risco coisas que são importantes para você.

— Talvez não sejam mais tão importantes.

A situação era mais séria do que ela imaginava. Damien nunca questionava suas prioridades e seus objetivos!

— Damien, sou sua melhor amiga. Por que não me conta o que está acontecendo? De onde vem esse sofrimento?

Ele se sentiu envolvido pela ternura de Jasmine. Sabia que ela o via como era agora, um ser transformado e atormentado, alguém que nunca mais seria o mesmo. Não tinha o direito de preocupá-la dessa maneira sem dar explicações que pudessem confortá-la.

— Lembra-se de 1562? — ele perguntou.

— A revolta na França?

— Antes disso.

— Ah... A rainha sardenta da Inglaterra.

— Sim. Pouco antes de eu descobrir que ela havia contraído varíola. Foi a última vez que estivemos todos juntos.

— Simone, Racine, Lind, Jéssica...

— Dawn.

— Menina tola! Entregar-se à morte em um campo de batalha na França! Transformar um banquete em um funeral!

— Foi um erro. Todos nós os cometemos. Infelizmente, o dela foi fatal. Deve lembrar que foram muitos os erros daquele grupo no século seguinte. Enfim... eu a havia rejeitado naquela noite na Inglaterra. Sempre achava que haveria tempo...

— Damien, ela aquecia sua cama, não seu coração.

— Eu sei, mas ela é o exemplo de tudo que sempre pensei poder retomar mais tarde, mas nunca mais tive oportunidade de recuperar.

— Por que está falando nisso agora?

— Porque há algo que preciso retomar. Não amanhã. Não daqui a uma semana. Agora.

— A princesa licantropo — ela deduziu, incrédula. — Damien, ela não significa nada para você!

— Tem certeza?

Jasmine o encarou.

— Não tenho certeza de mais nada que esteja relacionado a você. O que aconteceu? Quero entender. Não posso apoiá-lo sem entendê-lo. E se está pensando o que acho que está pensando, vai precisar de muito apoio!

Damien refletiu por um instante, o olhar perdido no oceano. Depois, falou em voz baixa:

— Sabe por que não nos casamos, Jasmine?

— Porque precisamos de variedade. Não acreditamos em práticas tolas e ultrapassadas como as que são adotadas pelos demônios e licantropos.

— Ou porque não fazemos o que é necessário para encontrar esse tipo de parceiro.

— Não entendo.

— Sou o mais velho membro de nossa espécie. Em todo esse tempo, nunca vi um vampiro se apaixonar, casar, ou se unir a alguém para sempre, por toda a vida. E acho que entendi por quê.

— Damien...

— Porque não nos alimentamos de Nightwalkers.

— Não entendo o que isso tem a ver com...

— Talvez possamos encontrar explicações na biblioteca. A história dos Nightwalkers está contida naquela caverna, e existem ali explicações muito mais antigas do que eu ou qualquer outro ser da noite ainda vivo nesse planeta. Talvez lá esteja a verdadeira explicação para a proibição de bebermos sangue de outros Nightwalkers. Pense nisso. Pense em como somos, em tudo que nos falta. Por exemplo, por que você não me ama?

— Que pergunta ridícula!

— Não é ridícula! Nós nos conhecemos há séculos. Você veio morar em minha casa há quinhentos anos. Somos os dois vampiros mais próximos do planeta. Jamais conheci em nossa cultura alguém que me desse tanta amizade, compreensão e companheirismo. Então, por que não existe amor entre nós?

— Porque o amor não funciona desse jeito.

— E como funciona? Já se apaixonou, Jasmine? Por que experimentamos todos os outros sentimentos que existem, tanto para humanos quanto para Nightwalkers, mas desconhecemos o amor? Conhece algum vampiro que já tenha amado?

— Não. Somos egoístas demais para...

— Que desculpa conveniente! Até os humanos, que pensam estar apaixonados e depois mudam de ideia, achavam que amavam. Nós nunca cometemos nem mesmo esse engano! Simplesmente afirmamos que não fomos feitos para isso. Você mesma

disse há pouco que eu nunca amei Dawn. Como se acreditasse na possibilidade do amor para um vampiro. Agora diz o contrário, afirma que esse amor não é possível. O que é isso, afinal?

— Está me confundindo, Damien. Qual é sua intenção? Justificar o desejo de voltar para a mutante?

— Se fosse apenas desejo, eu poderia ignorá-lo, como bem sabe. É obsessão. Não consigo pensar em mais nada. Não quero mais nada. Minha mente se limita a repetir certos... incidentes que ocorreram conosco.

— Paixão.

— Um rótulo conveniente para encobrir os verdadeiros sentimentos daqueles que desejam justificar comportamentos inusitados. — Ele se levantou. — Mas eu já senti essa paixão a que se refere. Sei que é intensa, mas passageira.

— Então...?

— Jasmine, isso é o que acontece quando um vampiro absorve em seu corpo o sangue de um licantropo.

— E o que é? Amor? — Ela riu. — Tem ideia de como isso soa ridículo?

— Tem outro argumento a propor? Para os demônios, um simples toque é suficiente para ativar a conexão com a alma gêmea. Para os licantropos, é o ato sexual. Até os mistrais e os habitantes das sombras possuem gatilhos semelhantes. E nós? O que temos?

— Está dizendo que o gatilho para nós é sorver o sangue de um Nightwalker? Mas nós... bebemos uns dos outros!

— Mas nunca nos alimentamos de *outros* Nightwalkers.; Nunca. É um tabu, um limite que nenhum vampiro ousa ultrapassar. Mas não por temermos a morte que essa prática poderia acarretar, como é certa a morte causada pela ingestão do sangue envenenado de um praticante de magia negra. Então, de onde vem esse medo? Como ele foi plantado em nós?

— Onde quer chegar, Damien?

— Não sei. Não tenho provas, não há argumentos lógicos... São apenas suposições. E só conheço duas maneiras de encontrarmos essas respostas.

— E uma delas obviamente requer um encontro com certa princesa...

— Não vou negar. Ela se tornou parte de mim. Já me alimentei de muitos seres, mas o sangue da princesa permanece no meu sistema. E disso eu tenho prova. Não notou nada em mim, Jasmine?

Ela fechou os olhos e tentou estudá-lo com os sentidos desenvolvidos e aguçados. Havia muito desejava realizar esse exame e, por isso, aceitou o convite sem questioná-lo. Um segundo mais tarde, abriu os olhos, que exibiam um brilho chocado.

Podia sentir em Damien o cheiro da princesa. *Dentro* dele.

— Como pode ser? Nunca guardamos a marca da presa. Ela leva nossa marca.

— E quem caça o predador, Jasmine? Quem corresponde ao perigo para nós? Acho que cada um de nós enfrenta um risco diferente. Para mim, o perigo é uma mulher de olhos de cores diferentes e que agora está do outro lado do mundo.

— E nunca pensou que pode ser assim simplesmente por ela ser uma mutação? Ela é anormal, Damien! É veneno para você! Vi em que condição se encontrava quando chegamos à casa da mistral. Doente, cansado, fraco...

— Veneno é algo que mata. E eu ainda estou vivo.

— Alguns venenos matam lentamente, outros causam necrose...

— E outros nos tornam mais fortes, Jasmine.

— De que maneira sente que está mais forte? Só vejo insegurança, dúvida, fragilidade... E é o que todos verão quando olharem para você! E alguns não hesitarão em matá-lo diante dessa fraqueza aparente.

— Acho que não.

Jasmine não teve tempo de responder, porque, diante de seus olhos, Damien desapareceu no ar.

Apavorada, ela sentiu algo cair em seu rosto. Uma pena de corvo.

Ainda assustada, ouviu o bater de asas.

A ave sobrevoou sua cabeça e pousou na rocha ao seu lado. Houve mais um estranho lampejo, como um piscar de olhos, e Damien se materializou no lugar do pássaro.

— Minhas aterrisagens ainda deixam a desejar, mas acho que posso melhorar com o tempo e com muita prática.

— Mas isso... não é possível! Essa é uma característica do povo mistral!

— Ou o resultado do sangue de um licantropo no corpo de um vampiro.

Jasmine estava sem fala. Mesmo que conseguisse pensar, teria sido impossível expressar-se. A total impossibilidade de reação se estendeu por alguns segundos.

— E qual é o outro caminho? — ela perguntou finalmente. — Disse que só havia duas maneiras...

— A biblioteca, Jasmine. E, para isso, vou precisar da sua cooperação.

— Quer que eu encontre o Santo Graal? Um tesouro de cuja existência nem tem certeza? Quer que eu comece uma cruzada que pode ser infrutífera?

— Tem razão, talvez esse material nem exista. Mas, se existir, vamos precisar de alguém que conheça nosso antigo idioma para decifrar os textos. Alguém que defenda nossos interesses nessa busca coletiva. Sei que sempre foi determinada, mas agora quero que seja obstinada. Se não por mim, pelo efeito que essa descoberta pode ter para muitos de nós. Sei que vai se acovardar diante de tudo que puder representar uma ameaça de compromisso, mas resista! Sei que vai sentir esse pavor, porque há uma semana eu teria sentido a mesma coisa. Eu me negaria a acreditar que alguma coisa pode me ligar irrevogavelmente a outro ser, mas agora sinto essa possibilidade em mim, no sangue que permanece em meu sistema.

— Se sabe que não posso sentir o que você sente agora por que me envia nessa missão?

— Não sei. Mas espero que você possa me trazer respostas.

— Eu... raramente sinto medo, Damien, mas isso tudo me deixa apavorada.

— Confie em mim. E procure as respostas. Preciso entender o que está acontecendo ou vou enlouquecer.

— Muito bem, vou me empenhar nessa busca. Nem que seja para provar que você está errado. E se descobrir que a licantropo é a escolha errada para você, farei tudo que puder para separá-lo dela para sempre. Se ela for o veneno, não vou hesitar em administrar o antídoto. Prefiro matá-la e correr o risco de enfrentar séculos de guerra a perder você para algo que, no final, será sua destruição. Precisamos muito de você. *Eu* preciso muito de você.

A declaração não o perturbou, como era sua intenção. No passado, as palavras de carência e afeto o teriam afastado rapidamente por serem incômodas.

Mas agora ele queria saber o que era preciso para suprir essa necessidade no outro e em si mesmo. Ele desejava descobrir o que era encontrar em alguém uma alma complementar.

E isso mudava tudo.

— O que vai fazer, Damien? Está pensando em correr para a Rússia e declarar seu amor por uma estranha? — Não suportava a ideia de vê-lo agir de maneira tão irracional.

— Não. Nem estou dizendo que a amo. O que quero descobrir é se isso é possível. Se sou capaz de amá-la.

CAPÍTULO III

Syreena rolava na cama. Ainda faltava uma hora para o anoitecer. A luz do dia não penetrava nas profundezas do monastério, mas ela não queria se levantar. Estava exausta de vagar pelos corredores. A inquietação física e mental que experimentava estava ameaçando levá-la à loucura.

Era hora de voltar para perto de Siena. Lá, teria alguma coisa para fazer além de refletir sobre si mesma. Preferia estar ocupada. Sabia que os sentimentos e os problemas não desapareciam quando eram ignorados, mas pelo menos teria uma trégua, o que já seria um alívio.

Além do mais, em algum momento teria de encarar seu povo. Não podia ficar afastada esperando o cabelo crescer para fugir dos olhares que tanto a incomodavam. Já conseguira ter acesso ao falcão duas vezes por breves períodos! As penas que faltavam não impediam o voo. Na medida em que fosse superando o trauma, poderia passar mais tempo na forma da ave.

Era o que esperava.

Não confessara isso a ninguém, e chegava a lamentar ter reconhecido para si mesma, mas algo havia mudado na experiência da transformação.

Era difícil identificar ou descrever o que mudara. Formas e cores ainda eram as mesmas, o processo de concentração e o balançar da cabeça ainda eram fundamentais para a ida, como o foco e o balançar do corpo eram necessários para a volta à forma humana, e podia voar, planar e usar a voz do falcão. Em sua segunda forma, ela ainda era uma mulher coberta por penas de falcão e com longas asas. Não conseguia ter acesso ao golfinho, nem à sereia resultante da combinação entre mulher e golfinho. Mas isso já era esperado. Então, o que havia mudado?

Temia voltar para a casa da irmã sem essa resposta. Frustrada com a inquietação, ela se virou de bruços e enterrou o rosto no travesseiro. Com as mãos cobrindo as orelhas, começou a cantar, repetindo a melodia várias vezes até sentir o início de uma onda de conforto. Quinze minutos mais tarde, ela se sentiu relaxar e cochilou.

Damien sorriu ao ouvir Syreena cantar e cochilar repetidas vezes. A aproximação de uma nevasca escondera o sol mais cedo, mas ela não podia saber disso com o rosto enterrado no travesseiro, escondida nas profundezas do monastério. Fora fácil encontrá-la. Depois de ter passado o dia como hóspede de Noah na Inglaterra, usara a tempestade para transportá-lo até ali.

A vantagem do corvo em que de repente podia se transformar era que nenhum licanthropo questionaria a presença da ave nos subterrâneos do monastério. Quase todos ainda dormiam, mas os poucos pelos quais passara nem haviam olhado em sua direção.

Gostava de ser uma ave, pensou, aproximando-se da cama de Syreena. Além da leveza, seu novo corpo era capaz de atingir impressionante velocidade. A forma aerodinâmica era incrível, apesar da aparente vulnerabilidade.

De repente, entendia como era a vida de Syreena.

Liberdade e velocidade, mas, em troca, vulnerabilidade.

Sempre havia uma troca. Quais seriam as vulnerabilidades da terceira forma da princesa?

Parou para apreciar o corpo esguio e atlético sobre a cama. Ela estava deitada de bruços, e era possível ver as curvas perfeitas e sinuosas sob a colcha de tecido fino.

Podia também sentir o calor daquele corpo. Considerando a temperatura de suas mãos àquela hora da noite, quando ainda não havia caçado, se a tocasse ela certamente pularia alto o bastante para tocar o teto.

Mas o momento não era propício para esse tipo de truque. Uma brincadeira dessa natureza naquela fase de sua vida poderia lhe custar a cabeça.

Ela cantava, e o canto incerto e entrecortado expressava a dificuldade para adormecer, um problema que ele compreendia perfeitamente bem. E que o confortava. Era o primeiro sinal de que ele não era o único enfrentando dificuldades.

Ao ver os cabelos dela espalhados, mais castanhos do que cinzentos, experimentou uma forte onda de pesar. Ruth merecia que ele se vingasse simplesmente pelo que ela fizera com Syreena. Pensar na vadia ensandecida tocando-a fazia seu sangue ferver numa reação de ultraje possessivo. Era um sentimento que o fortalecia e enchia de vigor e, por isso, nem tentava evitá-lo.

Paixão. Não havia nada de frio, tedioso ou *blasé* nela, e gostava dessa efervescência. Desapareceria com o tempo? Era só mais uma delícia passageira que perderia o encanto?

Talvez, mas nesse momento, tomado como estava pela sensação, não podia imaginar seu enfraquecimento.

Ajoelhou-se ao lado da cama, debruçou-se sobre o ombro de Syreena e soprou delicadamente os cabelos que cobriam suas costas.

Ela sacudiu um ombro, mas não despertou.

Damien repetiu o gesto do outro lado, rindo.

Ela acordou de repente e levantou a cabeça. Olhos azuis como a noite a espreitavam.

— Damien — ela murmurou, inundada por um inexplicável entusiasmo. Não sabia de onde vinha, mas não lutaria contra o sentimento. Era a melhor coisa que experimentava desde... bem... desde a última vez que o tocara. — Damien...

Ele não esperava essa reação. Havia imaginado que ela se zangaria, e que talvez resistisse a vê-lo novamente. Afinal, no último encontro, gritara com ele, tomada por uma mistura de frustração e medo.

Medo por ele.

Era isso. A alegria em vê-lo significava que Syreena estava aliviada com sua recuperação. Emocionado, ele não conseguiu falar nem para cumprimentá-la.

Ela se sentou, segurando-o pelos ombros para inspecioná-lo. Damien sentou-se sobre a cama, e ela se ajoelhou, examinando-o atentamente. As mãos seguiam os olhos, tocando os ombros, o rosto, o peito.

— Você está bem? — ela sussurrou aflita.

A resposta foi um beijo ardente. Syreena emitiu um som que não traduzia surpresa, mas que expressava todo o seu alívio. Damien estava aliviado, também.

Segurou-a pela cabeça, de forma que ela não se afastasse. As mãos dela se ergueram e o tocaram na face, e Syreena entreabriu os lábios, acariciando-o com a língua.

A atmosfera no quarto mudou rapidamente. Sons ofegantes ecoavam nas paredes de pedra, e a cama rangeu quando ela se moveu para colar o corpo ao dele.

Damien sentia novamente o torpor, aquela sensação de embriaguez que havia experimentado da primeira vez em que se alimentara dela, mas, no momento, seu único alimento era o néctar dos beijos doces e íntimos.

Foi quando ele percebeu que não havia sido o sangue de Syreena que causara aquela reação anterior. Havia sido ela. Ponto. A química, o movimento... a paixão.

Interrompeu o beijo de repente, de forma a poder fitá-la nos olhos. Examinando-lhe os traços, logo percebeu qual havia sido seu erro.

Como nunca havia conhecido a paixão, ficara paralisado pelos sentimentos que Syreena libertara em sua alma. Paixão ou amor? Amor ou um incrível desejo? Não sabia dizer. Tudo que sabia era que nunca tinha sentido nada parecido, e que a dor de abrir mão daquilo era insuportável.

De repente, ele riu, uma gargalhada de compreensão e alívio depois do turbulento período de confusão.

— Eu sabia — Damien murmurou. — Sabia que devia confiar nos meus instintos. — Antes que ela pudesse fazer perguntas, beijou-a novamente. — Eu sabia que você nunca poderia me machucar — ele sussurrou com os lábios roçando os dela. — Apenas lamento ter ferido você.

— Você não me feriu. Pelo contrário. Nunca senti nada parecido em toda a minha vida.

— Quase sangrou até a morte.

— Isso só aconteceu porque você não estava preparado para o que sentiu. Não é isso?

— Como você pode saber? Se eu só consegui entender isso agora.

— Não sei como, Damien, eu apenas percebi.

— Ah, bem... De qualquer maneira, já me sinto melhor.

Syreena riu e o abraçou. Porém, quando ele tocou-a nas costas, ela não conteve um grito de choque e desconforto, mexendo-se com tanta força que foi parar no chão.

Damien imediatamente percebeu o que acontecera e praguejou em uníssono com ela conforme se virava para ajudá-la.

— Desculpe, eu esqueci — ele disse com sinceridade. — Estou gelado porque há uma nevasca lá fora, e ainda não tive oportunidade de caçar. Perdoe-me.

— Isso seguramente desperta uma garota à noite. — Ela aceitou a mão estendida, deixando-o erguê-la enquanto ele ria de sua observação.

— Com certeza. Sinto muito.

— Eu sei. Não precisa se desculpar. — Expirou e pôs a mão sobre o peito. — Dê-me apenas um instante para recuperar o fôlego. — De repente, ela voltou-se para olhar ao redor. — Damien, não sei se percebeu, mas... está no monasterio do Pride.

— Eu sei. Já estive aqui e fui bem recebido pelos monges.

— Talvez, mas não no quarto da herdeira real, uma monja de quem se espera o celibato.

— Bem, depois do encontro das minhas mãos com suas costas, celibato não vai ser problema — ele debochou.

Syreena riu, compreendendo que seria fácil se entreter na companhia do príncipe, se conseguissem passar um tempo razoável do mesmo lado de um interesse qualquer.

— Mas, se minha presença causa desconforto ou apreensão, posso ir embora.

— Não! Quero dizer... bem, sim. Não, o que quero dizer é que...

— Talvez — ele a interrompeu, depositando um beijo em sua mão —, talvez eu saia para caçar e a encontre mais tarde fora do monasterio.

Ela ficou um silêncio por um momento, e Damien teve de fazer um grande esforço para resistir à tentação de invadir seus pensamentos.

— Por que veio até aqui?

— Você sabe por que, Syreena. Por você.

— Mas... Damien, eu não posso... Não tenho a liberdade que você tem. Sou da família real, e isso significa...

— Eu sei o que significa — disse com firmeza. — Isso significa que vamos nos encontrar mais tarde para discutir a questão. No momento, ouço passos nos corredores. Os monges estão despertando. Como não quero desrespeitar nenhuma regra, prefiro encontrá-la mais tarde na casa de sua irmã. Não acha que é melhor assim?

— Sim — ela murmurou, assentindo enquanto ele a acariciava nos cabelos destruídos. O toque era terno e cativante, como se ele visse um atrativo adicional, em vez da mutilação que todos os outros, incluindo ela mesma, viam.

Depois, Damien afastou-se e, para choque de Syreena, metamorfoseou-se em um corvo e voou para fora do quarto.

— Ele fez o quê? — Siena murmurou atônita.

— Tomou meu sangue. Duas vezes.

— *Duas vezes?*

Sim. E acabei de ver Damien se transformando em um corvo. Nunca ouvi falar em vampiros se metamorfoseando!

— Eu já.

As duas irmãs olharam para Elijah. Estavam reunidos no quarto de Syreena na casa real.

— E você também já — Elijah disse a Siena. — É uma lenda dos humanos. Vampiros que se transformam em animais...

— Os humanos também pensam que uma estaca no peito de um vampiro é suficiente para matá-lo — Syreena argumentou.

— E não estão completamente errados. Um trauma dessa magnitude levaria um vampiro a sangrar até a morte, se ele não conseguisse repor a perda. Como qualquer um de nós.

— É verdade — Siena concordou. — Mas metamorfose? Sempre ouvi dizer que essa era uma característica dos licantropos e dos mistrais, apenas.

— E dos demônios. E dos habitantes das sombras também, para ser mais preciso.

— Elijah — Syreena interrompeu —, está dizendo que vocês se tornam o elemento de que se originam, e que os habitantes das sombras se transformam em sombras para esconder a substância de seus corpos?

— Ah, vejo que um século na escola serviu para alguma coisa — ele brincou.

— Então, os vampiros são a exceção — Siena concluiu. — Nightwalkers que não mudam de forma.

— Nos antigos escritos dos humanos, há relatos sobre vampiros se transformando em morcegos, aves, lobos, névoa e sombra. Eu acho que deve haver outras formas, mas não sou o estudioso aqui, por isso não posso dizer quais são. Mas vou perguntar à nossa estudiosa o que ela pensa dessa lista em particular.

— A lista representa várias formas de cada espécie de Nightwalkers — Syreena respondeu. — Mas... se Damien tomou meu sangue e se transformou em ave, o que aconteceria se ele tomasse o sangue de um habitante das sombras?

— Ele teria o poder das sombras? — Siena arriscou. — E se tomasse o sangue de um demônio?

— Dependeria do demônio — Elijah respondeu.

— Água, Fogo, Terra, e Ar... Mente e Corpo. São esses os elementos do seu povo, Elijah.

— Névoa, fumaça, poeira, vento... teleporte e cura — ele prosseguiu. — Li ficção humana escrita no alvorecer da humanidade, e os vampiros já eram citados. Esses textos afirmam que eles podem fazer todas essas coisas. Então, por que os vampiros que conhecemos são diferentes? Exceto por Damien, é claro.

— Porque Damien tomou meu sangue para salvar minha vida...

— E porque eles acreditam que os Nightwalkers são o maior tabu, depois dos usuários de magia — Siena acrescentou. — Damien se alimentou de você para poder injetar os coagulantes de que precisava quando estava perdendo sangue pelo cabelo lesionado. Todos nós sabemos que, para um licantropo, uma lesão capilar é tão grave quanto cortar uma artéria, dependendo de quanto cabelo perdemos.

— Perdi o suficiente — Syreena disse melancólica, tocando a região afetada. — E, contrariando tudo que sempre soube e respeitou, ele arriscou-se para salvar minha vida.

— Um ato de grande importância — Siena concordou.

— Sim, um ato cujas ramificações são muito elucidativas — refletiu Elijah. — Fico imaginando se é apenas Syreena... Se é um efeito cumulativo, ou se há um limite, algo como um efeito por pessoa. Ele pode tomar meu sangue, por exemplo, e depois ser capaz de se transformar em corvo e em vento? Ou isso eliminaria o corvo e deixaria apenas o vento? Ou agora é só o corvo e nada mais? Aposto que Damien também tem essa dúvida.

Por alguma razão sombria, Syreena não gostava de pensar em Damien mordendo pescoços aleatoriamente para acumular poder.

Na verdade, não gostava de pensar nele mordendo pescoços. Por nenhuma razão.

Especialmente pescoços femininos.

Sentia que havia prazer envolvido quando vampiros sugavam o sangue do sexo oposto, independentemente da espécie. E que eles não estavam imunes a se envolver com humanos.

— Seria interessante verificar se existe na biblioteca algum material sobre isso — sugeriu Siena.

Mas Syreena não prestava atenção. Estava tomada pelo desejo de encontrar Damien, de tê-lo ao seu lado. Sabia que não tinha o direito de sentir ciúmes, mas a lógica era insuficiente para sufocar o sentimento.

Sem dizer nada, transformou-se no falcão-peregrino, deixando cair o vestido vazio.

— Syreena!

Tarde demais. O falcão já voava pelos corredores escuros da caverna.

Damien deixou a presa adormecida no solo gelado.

Paciente, o cão esperava e abanava a cauda enquanto Damien se afastava.

— Bom menino — o príncipe disse ao animal. — Não se esqueça de dar umas boas lambidas no rosto do seu amigo depois que eu for embora, porque assim ele despertará. Não o deixe no frio por muito tempo, porque os humanos não têm pelos para aquecer o corpo.

Um animal entendia os ciclos da natureza e a relação entre predador e presa. Desde que Damien não fizesse mal ao humano, o animal não o atacaria.

Afastou-se do guarda e de seu cão, voltando às sombras do edifício que eles protegiam. Concentrado, produziu uma percepção alterada no homem de que se alimentara, confundindo a realidade e impedindo-o de ver no próprio pescoço as marcas deixadas por seus caninos. Ninguém mais as veria.

Quando fez a última verificação sensorial na área para se certificar de que animal e homem ficariam em segurança, surpreendeu-se ao detectar a aproximação de Syreena.

— Não acha que está um pouco frio para ficar voando por aí? — ele perguntou quando ela aterrissou ao seu lado.

— É engraçado que saiba disso.

Ele não se daria ao trabalho de fingir que não sabia que ela se referia ao corvo.

— Ah, sim. Você notou, é?

— Eu teria que ser estúpida como um poste no qual você não estivesse empoleirado para não perceber. Posso imaginar a teoria por trás dessa novidade, mas adoraria ouvir mais sobre o assunto.

— Podemos conversar em algum lugar mais confortável? — Ele a segurou pelo braço, puxando-a para perto do corpo quente e recém-alimentado. — Vai acabar congelando. Nua numa noite como esta... Venha, vamos encontrar um abrigo.

Ele tentou envolvê-la com os braços, mas Syreena esquivou-se. Balançando a cabeça, ela se cobriu rapidamente de penas, mas preservou a forma feminina. Asas muito grandes se abriam em suas costas, e ela se ergueu no ar, fitando-o por um momento antes de subir ao céu.

Mantendo a forma habitual, Damien a seguiu para as cavernas onde ficava o castelo da rainha licantropo. Syreena o guiou por uma entrada secundária que poucos deviam conhecer e, quando chegaram à verdadeira entrada do castelo subterrâneo, já haviam percorrido as entranhas da terra por pelo menos vinte minutos.

Syreena se deteve em uma alcova com uma piscina de água quente no centro. Novamente na forma humana, ela mergulhou de cabeça na água fumegante. A nascente era uma excelente maneira de se aquecer depois de enfrentar o frio da noite de nevasca.

Damien esperou que ela voltasse à superfície, consciente de que ela não poderia adotar sua segunda forma no momento. Porém, mesmo sem se transformar no golfinho, ainda podia permanecer submersa por quanto tempo quisesse. Para ela, a água era tão natural quanto o ar. Se fosse necessário, Syreena poderia viajar por terra, por água ou pelo ar. Era uma excelente habilidade. Capaz de alcançar velocidade vertiginosa, ela não se deixava deter por quase nada.

Damien não gostava muito de água, mas nadava bem e o fato de não precisar de ar era um grande benefício. Caminhava sobre a terra, como ela, e podia voar. E, com a mudança no tamanho do corpo proporcionada pela transformação em corvo, obtinha uma nova mobilidade que já começava a apreciar.

Syreena voltou à superfície e empurrou os cabelos para trás.

— Melhor? — Damien perguntou.

— Um pouco.

A resposta era enigmática, mas ela se afastou nadando antes que ele pudesse pedir explicações. Seu corpo molhado se retorcia e girava, imitando os movimentos de um golfinho, oferecendo deliciosas visões de pele desnuda e cintilante, de pernas longas e pés delicados. Depois de um tempo, ela nadou em direção à margem onde ele se encontrava. Apoiou-se e ergueu-se na pedra seca. A água que escorria de seus longos cabelos molhou o chão, os pés dele e a parte inferior das calças. Damien ergueu uma sobrancelha, percebendo que havia certa malícia no suposto acidente.

— Esse tipo de comportamento não combina com você — informou-a com suavidade.

— Nem ciúmes — ela disse, tensa. — E, ainda assim estou sentindo. Talvez possa me dizer por quê.

— Ciúmes? — Ele refletiu sobre o termo com ostensiva curiosidade, que continha um pouco de divertimento demais para o gosto dela.

— Não seja convencido — avisou. — Não até que tenha visto uma licantropo enciumada. — Rosnou com impaciência. — Diga-me por que me sinto assim! Mal o conheço. Não temos direitos um sobre o outro. Você parece saber algo sobre tudo isso que eu não sei. Quero que me diga o que está acontecendo!

— Sua premissa é um erro. Temos, sim, direitos um sobre o outro.

— Porquê bebeu meu sangue? Foi só uma refeição!

— Certos alimentos são especiais, Syreena. Já pensou que pode ter sido a refeição mais deliciosa que já provei? Depois de você, tudo ficou sem graça.

— E assim que me vê? — perguntou, obviamente espantada. — Eu admito que não tenho ideia. Tudo que aconteceu entre nós até agora foi provocado por necessidade ou impulso. Estou perdida, mas você parece ter um considerável conhecimento.

— É essa a sua impressão? — Tocou-a no rosto, secando algumas gotas que escorriam de sua testa. — Não, Syreena. O que tenho é a experiência de uma vida longa guiada por meus instintos. E sempre funcionou bem assim. O que você percebe como conhecimento ou facilidade de compreensão é só familiaridade de ação.

— Talvez eu tenha medo justamente disso — ela confessou, dirigindo-se à outra sala, onde ficavam seus aposentos.

Damien a seguiu.

— Você se importaria de esclarecer o comentário?

Ela o ignorou enquanto abria o armário, escolhia um vestido curto de seda verde e o colocava.

Damien aproveitou para avaliar o aposento. O ambiente era espartano, como o do monasterio. Ela não tinha damas ao seu dispor, para atender às suas necessidades, como a irmã. Siena apreciava os privilégios e, apesar das roupas que Syreena usava e do tecido de seus lençóis, que demonstravam que ela também gostava de alguns luxos, era evidente que não ia além disso.

Ela era uma pessoa reservada, como ele se tornara ao longo dos anos. Era uma pensadora, alguém que meditava a respeito de suas abordagens, pensamentos e ações, mantendo um ambiente simples que evitava distrações e perturbação.

— Sou simplesmente a mais recente escolha do seu instinto, Damien?

— A mais recente? Sim. Simplesmente? Não. Sua natureza jamais permitira que tal escolha fosse simples.

— Vampiros são difíceis de impressionar e raramente mostram sentimentos. É o que sei. Mas você está contrariando a norma, como já fez tantas outras vezes. Por quê?

— Não sei por quê. Só sei que é assim.

— E depois? Amanhã? O que vai ser? Vai tomar o sangue de outra fêmea e agir por instinto, também?

Ah! O ponto! Damien conteve um sorriso.

— Digamos que seja assim. Isso vai mudar o que você sente?

— Depende do quanto vou permitir que essa situação progrida. Não me arriscaria a tudo, como fez minha irmã. Ela apostou que fazer amor com um homem que não fosse da nossa espécie suspenderia as regras de parceria e acasalamento. E perdeu a aposta, embora, no final, tenha ganhado muito. Elijah é seu par perfeito, não há dúvida disso. Só alguém como ele poderia moderar a personalidade de minha irmã.

— E que tipo de homem moderaria a sua, princesa?

Syreena o encarou e teve certeza de que a conversa o divertia. Damien se deliciava com quem ela era.

— Se tem intenção de ser esse homem, príncipe, deve saber que, para mim, é impossível voltar atrás. Não haveria alternativas. Pelo resto da vida, eu só desejaria você, e ninguém mais. Está escrito no código genético em cada célula do meu corpo. Nenhum membro da casa real jamais conseguiu desafiar essa regra. E nem tentou ou desejou contrariá-la.

— E, se entendi bem, ela também se aplica ao seu parceiro.

— Normalmente. Mas esse é um território ainda por desbravar. Você não é licanthropo.

— Deu certo com Elijah.

— Um extraordinário golpe de sorte. Os demônios têm a marca. Nós também a temos, mas a chamamos por outro nome. Nunca ouvi falar desse tipo de elo entre vampiros.

— Vampiros nunca se transformaram antes — ele lembrou, tocando seu rosto novamente. Era quase uma compulsão, como se não pudesse manter as mãos longe dela. — Syreena, não posso garantir o que nem eu mesmo entendo. Compreendo o risco envolvido na sua escolha, e sei que não considera a minha escolha um risco igualmente elevado, mas quero que saiba que só pensei em você desde que nos separamos. Não consigo dormir, não sinto prazer quando me alimento... Jasmine diz que me arrasto pela mansão em constante melancolia. Não enfrento esse estado de desencanto há quase oito séculos, e não posso me dar ao luxo de mergulhar em uma depressão, porque preciso cuidar de toda uma espécie. Mas estou desanimado. Nenhuma outra fêmea de qualquer espécie me afetou como você. Nunca. Já tive obsessões e paixões, mas nada parecido. Era isso que queria saber, doçura? Ou quer me ouvir dizer que não vou tentar escapar de seus braços no dia em que me cansar de você? Talvez queira uma promessa de que não a levarei para a cama pelo simples prazer de conhecer na intimidade uma criatura tão singular, alguém sem equivalente genético? Não importa. Todas as juras e promessas serão insuficientes para banir sua preocupação. Sua insegurança. Precisa acreditar mais em você mesma, Syreena. — Acariciou-a no cabelo até tocar no ponto sensível atrás da orelha, fazendo-a estremecer. — Tudo que posso dizer é que, desde que a vi pela primeira vez, enxerguei beleza. Força, determinação... Vi a doçura do amor que sente por sua irmã. E vi tudo isso quando estávamos na

escuridão. Lembra? Não vi seus olhos nem seus cabelos, não vi sua coroa. Não tomei nada de sua corrente sanguínea. Fiquei intrigado e desejei-a. Talvez porque estivesse ameaçando minha vida. Considero isso particularmente sensual.

— Damien! — Ela riu, estendendo a mão para tocar o peito largo e forte.

— Seu coração é um arlequim, como o restante de você. Cinzento em algumas áreas, natural em outras. Gostaria de conhecer todas elas, se puder. E embora não negue minha intenção de passar muito tempo explorando tudo em você, sei que, nesse caso, devo deixá-la decidir quando vai querer me procurar e saciar esse desejo.

Syreena fechou os olhos para saborear o beijo suave que ele depositava em seus lábios. Entendia o que Damien estava propondo. Ele se dispunha a sair de cena, dar a ela tempo e espaço para pensar. Mais tranquila, ela pôde abrir os pensamentos para possibilidades até então fora de seu alcance.

— Suspeito de que isso não seja possível — ele murmurou.

— O que não é possível?

— Aplacar meu desejo por você. Não imagino uma fome como a que sinto sendo saciada por uma pequena prova.

Syreena fechou os olhos, deixando-se abraçar e inspirando profundamente, deliciando-se com as evidentes mudanças no cheiro de Damien. Era impressionante constatar a intensidade do desejo que despertava nele simplesmente estando perto. Registrava todas as atraentes e deliciosas mudanças na química do príncipe, e elas pareciam circular por seu sangue, despertando respostas poderosas em seu sistema.

Ele estava penetrando naquele território de descontrole sobre as funções do próprio corpo. O reflexo se revelava em sua respiração arfante, na tensão muscular, em outros sinais que, estranhamente, despertavam em Syreena uma sensação de poder.

— Gosta do efeito que tem sobre mim — ele comentou.

— Sua satisfação radia como um sol aquecendo meu corpo. — Ele a beijou com ardor. — Tenha cuidado, princesa, ou vai começar um incêndio que não poderei controlar.

Quando ele a tocava e beijava como estava fazendo, Syreena esquecia as consequências.

— Não sei mais o que fazer com você — ela confessou, agarrando a camisa que cobria seu peito. — Diz as coisas certas, *faz* as coisas certas... Até as coisas que considero erros, você consegue explicar como se houvesse nelas toda a lógica do mundo. De onde tira essa certeza inabalável, Damien?

— Para mim, isso é instinto de sobrevivência. Sem essa certeza, meu trono cairia em outras mãos... e minha cabeça cairia no chão. Não posso me dar ao luxo de sentir insegurança.

— Não imagina como eu gostaria de poder dizer o mesmo.

— Você sabe que pode. Não precisa dar satisfações a ninguém. Só precisa descobrir o que tem de perguntar a si mesma. Sei que eu poderia influenciá-la com toda a facilidade.

— Para provar o que dizia, ele tocou a veia que pulsava em seu pescoço e a viu fechar os olhos, entregando-se à reação causada pelo contato. — Syreena, você permite que o mundo manipule sua vida. Não vou lhe dizer o que fazer. Só vou relacionar as opções.

— Diga apenas o que quer de mim, Damien. De nós, se é que isso é possível.

Ele fitou os olhos bicolores e soube exatamente o que ela queria ouvir. E surpreendeu-se ao perceber o quanto desejava dizer aquilo.

— Quero aprender a amar você, Syreena. E não me refiro a fazer amor com você. Isso é fácil de aprender. Quero descobrir por que e como você provocou essas mudanças dentro de mim, tanto no aspecto físico, quanto no espiritual. Quero saber como alguém como eu, tão destituído de emoção e sentimento, pode se sentir tão abalado por uma criatura delicada como você. O que estamos vivendo não é só uma fase para mim. Não é um capricho que vai passar. Vivi o suficiente para saber o que faz parte da minha natureza e o que é novo para mim, o que vai ficar e o que vai passar. Se quer promessas, encontrarei maneiras de fazê-las e cumpri-las. Se quer a eternidade, doçura, viverei com prazer mais um milênio. — Ele a soltou com evidente relutância. — Agora, é você quem deve decidir se isso é suficiente para fazer você feliz, se quer a mesma coisa que eu quero. E lembre-se de que tudo isso tem dois lados. Nós dois temos responsabilidades que vão muito além da nossa vida pessoal. Se não pudermos conciliar essas coisas, vamos ter de escolher o que sacrificaremos em prol de nossa felicidade. Nem eu mesmo tive tempo para pensar nisso. Só tive tempo para constatar que isso não é mais tão importante para mim quanto foi no passado, e talvez esse seja o primeiro passo. Entende o que eu quero dizer, Syreena?

— Sim, está falando do trono. O seu e o dos licantropos. Então, existe alguém, ou alguma coisa a quem devemos satisfações, afinal.

— Apenas se quisermos.

— Não é uma questão de vontade, Damien. Sou herdeira de Siena, e nada vai mudar essa situação.

— Só se você não quiser que mude. Mas não é essa a questão imediata. Essa é só uma consequência da resposta. Descubra uma, e depois se preocupe com a outra.

— Está sugerindo que devo descobrir o que meu coração quer, sem considerar minhas responsabilidades?

— Para você, isso pode soar irresponsável. Eu sei. Mas é a marca da verdadeira liberdade. Seguir seu coração e o instinto acima de tudo.

Damien beijou-a na testa e se virou para partir. Syreena queria agarrá-lo, saltar sobre ele, impedi-lo de ir. A pele gritava a dor de sua ausência, o coração a inundava com um fluxo de sangue excessivo, resultante do medo. Era como se ele estivesse preso ao seu espírito. Como se, ao partir, ele levasse uma parte de sua alma.

— Damien, espere!

Ela se projetou contra suas costas antes de ele cruzar a soleira, envolvendo-o com os braços. Havia em seus olhos lágrimas de alívio.

Damien fechou os olhos e segurou uma das mãos em seus ombros. Queria ficar. Mais do que tudo. Mas ela ainda tinha muitas dúvidas.

— Syreena...

— Você tem razão! A escolha é minha, e não suporto ver você partir. Por favor, Damien...

Ele se virou devagar, deixando-se abraçar.

— Em dez minutos, você vai duvidar de mim outra vez — disse.

— Não vou!

Ela o encarou, segurou suas mãos e levou-as ao próprio pescoço. Damien compreendeu imediatamente o significado do gesto.

Havia um forte misticismo nas jóias que os licantropos usavam no pescoço. Elas sempre se ajustavam à forma daquele que a usava, qualquer que fosse essa forma. Mas, ainda mais importante, ninguém sabia como remover o colar. A lenda da jóia dizia que só havia um meio de retirá-la.

Pela mão do único e verdadeiro parceiro do membro da família real.

— Se você for minha alma gêmea, suas mãos me dirão.

— Entendo. Então, não pode decidir, afinal. Mais uma vez, prefere depender de um fator externo.

Ele tentava ignorar o doloroso desapontamento, mas o sentimento era forte demais. Livrou-se dos braços que o envolviam.

— Cresça, menininha! — Ele irritou-se. — E, enquanto não crescer, não me atormente com suas provocações e seus pedidos vazios. Apesar do que dizem, eu também tenho um coração, e ele é sensível como qualquer outro. — Metamorfoseou-se violentamente em corvo e partiu.

Chocada, Syreena permaneceu onde estava, ainda com os dedos tocando o colar em seu pescoço, tomada por uma dor como nunca sentira antes. Incapaz de sustentar-se sob o peso do sofrimento, ela caiu no chão do quarto.

— Elijah, Syreena não é assim — Siena repetiu, preocupada.

— Gatinha, precisa parar de se preocupar com uma mulher que tem mais de cem anos de idade! — O gigante louro a abraçou, tentando acalmá-la. — Além do mais, ela precisa de espaço. Se quiser ajuda, sua irmã sabe onde encontrá-la. Não interfira, ou vai acabar afastando-a ainda mais.

— Mas eu me sinto perdida sem ela, Elijah! Syreena é sempre a voz prática em meu ouvido.

— Agora há outra voz, gatinha. E ela precisa ser livre para seguir o próprio caminho. Os dias de proteção e segurança chegaram ao fim.

— Ela está triste! E posso sentir que essa tristeza está ligada a Damien. Ele fez alguma coisa! Preciso encontrar o príncipe e saber o que houve, talvez enfiar um pouco de juízo naquela cabeça oca e arrogante!

Elijah suspirou e olhou para o jardim sob a varanda onde estava ao lado da esposa. Syreena continuava sentada em um banco, triste e solitária. Nos últimos dias,

ela se mostrava inconsolável. Não havia nenhuma emoção evidente, mas também não havia mais o brilho de interesse pela vida, a curiosidade, a energia.

Siena sofria com a amargura da irmã e, por consequência, como seu parceiro, ele também sentia toda essa dor. Sentira-se tentado a procurar Damien, conversar com ele e tentar entender... Ou, talvez, fosse apenas o desejo de Siena interferindo em seus pensamentos. Sabia que a recíproca era verdadeira, que ela também sentia suas emoções e, por isso, as guardava em segredo, especialmente nesse caso. Esperava que o tempo reduzisse a intensidade de sua apreensão.

— Eu não apostaria o castelo nisso — ela murmurou.

O guerreiro riu e beijou-a no topo da cabeça.

— A esperança é a última que morre, gatinha — disse.

Jasmine lia os títulos dos livros, tentando encontrar entre eles algo que pudesse ajudar em sua pesquisa.

Sua casa vivia o caos que se instalara em seu senhor. Damien não revelava a origem do conflito, mas ela sabia que o príncipe enfrentara algum tipo de rejeição por parte da caprichosa princesa licantropo.

Criatura insuportável, pensou, com forte ressentimento.

Damien não conhecia a dor da rejeição. Considerando a esperança que investia na ingrata princesa, a novidade se tornava ainda mais dolorosa e humilhante.

Sem conhecer os detalhes da situação, restava a ela apenas fazer suposições. Em sua preocupação com o bem-estar do príncipe, apesar de estar convencida de que a esnobe licantropo não o merecia, Jasmine precisava encontrar provas despidas de preconceito para sustentar as novas crenças de Damien. Era a única maneira de retificar a terrível situação. Se pudesse provar que as teorias dele estavam baseadas em fatos, a mutante teria ao menos de ouvi-lo e considerar as possibilidades.

Só lamentava não ser capaz de ler mais depressa.

* * *

Damien caminhava pelo jardim da mansão envolta pelo manto da noite, pensando em uma mulher que vivia do outro lado do mundo. Não havia caçado desde a última vez que a vira, e o frio em seu corpo combinava com o gelo que se instalara em sua alma. Distraído como estava, não seria sensato sair e expor-se aos inúmeros perigos que o ameaçavam no mundo exterior. Se não tivesse cuidado, acabaria morto.

Na verdade, já sentia poderosas presenças em torno de seu território. Eram vampiros, dois deles, e esperavam por uma oportunidade de confronto. Normalmente, já os teria enfrentado, mas estava desinteressado e sem inclinação para lutar. Eles que se arriscassem e suportassem as consequências. Para que mais vivia, se não para entreter ocasionais personificações de cobiça? Eles que cobiçassem sua posição, suas propriedades e sua casa, se quisessem.

Na verdade, podiam ficar com tudo. Nesse momento, nada o incomodava.

Jasmine ficaria bem sozinha. Ela já havia declarado várias vezes que não precisava dele ou de sua proteção. E devia estar certa. Ele apenas a estivera usando para se manter sobre a superfície da terra por todos aqueles séculos. Precisava dela mais do que ela dele.

Uma ocorrência comum entre as mulheres que atraía ultimamente.

Maldição!

Deixara Syreena havia duas noites. Em todo esse tempo, ela ainda não conseguira tomar uma decisão? E por que ele se surpreendia? Ela não fizera uma escolha pessoal em toda a sua vida! Talvez precisasse de mais cem anos para descobrir como isso era possível. Não ficaria sentado esperando por ela. Não continuaria sofrendo e se martirizando.

Não estava habituado com a intensidade dos sentimentos que o atormentavam, e isso o confundia e perturbava, sabia que estava fazendo algo que jamais fizera em toda a sua longa vida: agir contrariando os instintos. Sua bússola interna apontava para a Rússia. Devia voltar lá e aceitar Syreena como ela era, aceitar sua lógica. Que importância tinha o caminho que ela percorria, se esse caminho a levasse aos seus braços? O que importava se, no final, o resultado seria o mesmo?

Mas não seria a mesma coisa. Se manipulasse a escolha de Syreena, se a coagisse no sentido de uma decisão, daria a ela ainda mais espaço para duvidar. Se ela não acreditava nele agora, não acreditaria nunca! Tinha certeza de que tudo nela clamava por ele, assim como todo o seu ser suplicava por ela. Mas ela resistia, lutava contra si mesma, cambaleava pela vida esperando que alguém lhe dissesse qual era a escolha certa.

Ela já sabia. Como ele sabia.

Se Syreena queria garantias, só as encontraria dentro de si mesma. Ele já havia dito tudo que podia sobre o assunto. Mas, aparentemente, não havia sido suficiente. E por que seria? Se ela não confiava em si mesma, como confiaria em outra pessoa?

Sentou-se sobre a rocha que se tornara seu lar recentemente. Olhava para o oceano e sentia o vento gelado e úmido. Estava deprimido, enfraquecendo. Logo teria de superar esse estado ou ir para o fundo da terra, pois só assim poderia sobreviver. Se continuasse se expondo no estado em que se encontrava, não demoraria muito até alguém desafiá-lo. E, na condição em que estava, as chances de vitória eram nulas.

Eles que tomassem tudo enquanto ele dormia protegido pela terra. A indecisão de Syreena o matava aos poucos, mas não permitiria que os gananciosos de sua raça recolhessem seus ossos.

Quando Damien acordou, horas mais tarde, o céu se tingia de rosa com a chegada do amanhecer. Sentou-se de repente, percebendo que dormira na rocha sobre o mar e, no momento, se deparava com toda a força do sol nascente. Chocado, pôs um braço sobre os olhos, que já lacrimejavam pela dolorosa exposição. Havia dois dias, munido de toda a sua força, teria suportado essa luz matinal ainda pálida. No estado enfraquecido em que se encontrava, a história era bem diferente.

Lamentando a falta de cautela, levantou-se. Precisava correr para casa, buscar proteção... Mas, de repente, como se decidisse que tudo era só um truque da mente, ele parou.

Devagar, baixou os braços e se virou para olhar o sol nascente. Que coisa linda podia ser o sol mortal! De certa forma, também era um predador, e estava no topo da cadeia alimentar. Alimentava-se de tudo. Engolia a escuridão com uma mordida voraz. Depois, mastigava os Nightwalkers como se fossem a sobremesa. Sugava a energia dos demônios, causava bolhas fatais nos licantropos, desidratava os vampiros até transformá-los em uma pilha de cinzas.

— Damien, o que está fazendo?

Jasmine agarrou-o. O pânico a invadia como uma onda violenta, e ela usou toda a força para dominá-lo. Não foi difícil, considerando seu estado de letargia. Levou-o para dentro da mansão, para a segurança proporcionada por pesadas cortinas e janelas fechadas.

Superado o perigo imediato, acomodou-o em um sofá e se ajoelhou diante dele, agarrando suas mãos geladas e fitando-o com desespero.

— Damien, ela não merece tudo isso! Nenhuma mulher é digna de sua vida! Podia ter morrido. Por favor, pare de se machucar desse jeito!

Mas ele não a escutava. Seu olhar estava perdido na distância, vazio.

— Damien! — Jasmine gritou, à beira das lágrimas.

Abrçou-o, decidindo que não o deixaria mais sozinho. Não era seguro. Mas sua presença seria apenas uma medida paliativa. Se não caçasse, ele entraria em torpor. Mais dois ou três dias, e esse estado seria inevitável. Repentinamente, entendeu o sofrimento que causara a Damien cada vez que caíra ela mesma nesse torpor.

Ele estava frio ao toque, e já era possível sentir também o frio que emanava de sua alma. Jasmine queria matar a licantropo! Ainda abraçada ao velho amigo, murmurou:

— Você precisa se alimentar. Venha... — disse, oferecendo o pescoço.

Damien não tinha fome. Não queria experimentar as sensações que acompanhavam o momento da saciedade, especialmente com uma mulher.

Soltou-se dos braços que o envolviam e se levantou, saindo da sala sem dizer nada. Iria para o quarto e dormiria até a escuridão cobrir o mundo novamente.

A primeira coisa registrada pelos sentidos sonolentos de Damien foi o cheiro de lavanda. Chocado, sentou-se e olhou em volta. Havia ao lado da cama um vaso com flores e ramos variados, entre eles... lavanda.

Caiu sobre os travesseiros sob o peso da decepção. Furioso e frustrado, agarrou o vaso e arremessou-o contra a parede, causando um grande estrondo e espalhando água e flores em todas as direções.

Cometera tantos pecados que merecia esse amargo castigo? E quanto às compensações? Quantas vidas salvara com sua interferência? Perdera as contas muito

antes de ter salvado a vida da rainha inglesa que reinara soberana por setenta anos. Sempre achara que a herança do Renascimento Elizabetano havia sido extraordinária, uma contribuição valiosa para o desenvolvimento da raça humana. E aquela era poderia nem ter existido, se a rainha houvesse morrido de varíola no ano em que a conheceu.

Não merecia uma recompensa por isso?

O ataque de fúria só servira para tornar ainda mais intenso o perfume de lavanda no quarto. Levantou-se e caminhou até o guarda-roupa, disposto a vestir-se e sair para caçar. Era perigoso fazer isso guiado apenas pela emoção, mas não se importava com mais nada. Melhor arriscar a vida tentando recuperar a saúde do que continuar afundando em autocomiseração e melancolia.

Mas, antes de sair, queimaria as malditas flores e baniria o perfume de sua casa. Vestido apenas com a calça, virou-se para recolher as flores e quase caiu em cima de Syreena.

— O que faz aqui? — ele perguntou em tom furioso, sem saber se devia ou não acreditar no que via e sentia. O calor do corpo sinuoso o envolvia, o perfume invadia seus sentidos e, de repente, experimentava uma forte necessidade de tê-la nos braços. — Não tenho as respostas que procura. Vá embora. Teve três dias e três noites para falar comigo, mas perdeu a chance.

Ou perderá, assim que eu puder sair de perto de você e obter um pouco de calor para meu corpo.

Syreena entendia o motivo de toda aquela fúria. E ele tinha razão. Passara dias insegura a respeito de algo que, de repente compreendia, não era realmente uma questão de escolha.

Damien sabia disso desde o início. A única escolha que tinha era ignorar as demandas do coração e do espírito, o que certamente tentara fazer. Mas, no final, tivera de reconhecer que não havia opção.

Pertencia a ele. E ele era dela.

— Damien... — ela protestou, precisando dizer que compreendia tudo agora. Entendia o que ele tentara dizer, o que ele aceitara baseado na fé e no sentimento enquanto ela se debatera, causando-lhe o que devia ter sido uma insuportável agonia.

— Já disse para não falar comigo! — ele rosnou, avançando com violência.

Ela recuou um passo, mas logo repensou a ação e aproximou-se outra vez, chocando-se com seu corpo.

Damien hesitou quando ela não cedeu, insinuando-se em seu espaço pessoal. O calor, o aroma e a presença dela o invadiram como um vírus, fazendo ressurgir seu desejo. Ela ergueu a mão, tocando-o no peito. Ele agarrou-lhe o pulso, torcendo-o para dissuadi-la da proximidade.

—Pode quebrá-lo, se quiser. Isso não vai me deter.—Tocou-o com a outra mão, estremecendo ante o frio de sua pele.

Ele sorriu com amargura.

— Eu não cacei desde a última vez que nos vimos. Está me oferecendo uma refeição? Como pode ver, seria bom que eu me aquecesse um pouco. Uma mulher ou outra não fará diferença.

— Tem certeza?

— Absoluta. Seu sangue poderia me aquecer, Syreena, mas meu coração permaneceria frio para você como está no momento.

— Certo. — Ela ofereceu o pescoço. O colar de pedra da lua cintilou na escuridão. Seus olhos estavam fechados e o corpo pulsava, emanando um calor que, para Damien, era irresistível.

Mas, em vez dos lábios, foi a mão do príncipe que tocou seu pescoço. Ela abriu os olhos ao sentir a pressão que a sufocava.

— Perdeu a razão? — ele perguntou num sussurro ameaçador. — Se quer brincar com fogo, princesa, sugiro que vá procurar outra chama. Não vou morder a isca, se me permite um trocadilho!

— Por que não? É só mais uma refeição, não é? Você tem, uma necessidade; eu posso supri-la. É simples. Lógico.

— Lógico? — Tudo para ela se resumia a razão, lógica, praticidade. — A lógica determina que, quando um vampiro está furioso, é melhor fugir, porque ele pode rasgar sua garganta!

— Cachorro que late... não morde! — provocou.

Ele a empurrou contra o guarda-roupa com tanta força que, por um instante, Syreena ficou sem ar. O quarto girou, e ela experimentou uma forte vertigem. Antes que pudesse recuperar o equilíbrio, ele a pressionava com o corpo. Não era um abraço. Era uma punição, uma ameaça, mas... Não podia deixar de ver no contato uma recompensa. Sentir novamente o corpo de Damien contra o seu era a realização de um sonho. Mesmo com a mão apertando seu pescoço e dificultando a respiração, não tinha medo. Sabia que ele jamais faria qualquer coisa que pudesse prejudicá-la.

E esse era o centro de todas as recentes revelações.

Damien jamais a machucaria. Nem no aspecto físico, nem no psíquico, nem no emocional. Mesmo que ela o houvesse ferido tão profundamente nessas três esferas.

Era hora de compensá-lo por não ter sido tão gentil com ele.

Com firmeza, segurou-lhe o punho e passou uma perna por trás de seu joelho, empurrando-o. Quando ele caiu, ela deitou-se sobre seu corpo. Com uma das mãos em seu pescoço e um joelho entre suas pernas, ela não teve dificuldade para imobilizá-lo. E, antes que ele pudesse falar, protestar ou tentar reagir, inclinou-se e aproximou a boca de seu pescoço.

O contato causou um choque violento em Damien. O calor o invadiu antes mesmo de sentir a mordida surpreendente. Mas não se deixaria manipular. Não cederia às exigências do corpo. Não permitiria que ela o dominasse quando quisesse para, em seguida, mudar de ideia e deixá-lo entregue à dor e à desolação. Não daria a ela mais poder.

Agarrou-a pelo cabelo, tentando mantê-los entre os dedos, apesar da resistência dos fios que se contorciam com vida própria. Syreena levantou a cabeça, sufocando um grito de dor. O movimento repentino expôs seu pescoço e a veia que nele pulsava, convidativa. Era difícil resistir. Não podia negar o efeito que ela exercia sobre seu sistema.

Desesperado, ele a jogou para longe, e a violência do gesto a fez deslizar pelo chão até o outro lado do quarto. Syreena balançava a cabeça, tentando superar a tontura, quando ele se levantou.

— Pare de se comportar como uma tola, Syreena! Você é uma princesa, pelo amor de...

— Ah, e de repente isso é importante? — ela gritou furiosa, levantando-se e investindo contra ele. Sua aproximação era tão explosiva e agressiva, que Damien teve medo de que ela encontrasse uma maneira de tocá-lo novamente. Sem saber se poderia resistir a um novo contato, ele recuou.

Até deparar-se com uma parede.

Syreena continuou avançando até colar o corpo ao dele. Determinada, beijou-o com os lábios úmidos e entreabertos. Depois de despertar seus sentidos e sua memória com o hálito quente, ela afastou-se um pouco e deslizou as unhas por seu peito nu com violência.

Damien urrou de ultraje e dor, e o som ainda morria em sua garganta quando ela o beijou novamente. Era um beijo agressivo e dominador. O estímulo o levou rapidamente àquele território entre sua porção civilizada e seu lado selvagem e incontrolável.

Por um instante, ele se esqueceu de que a ensinara a beijar. Ela usava os instintos de uma forma que não se relacionava com o que haviam aprendido juntos. O contato era selvagem e inebriante, roubando-o de sua vontade e resistência, como ela sabia que aconteceria. Ela puxou-o pelo cabelo para afastá-lo, e ele emitiu um ruído estrangulado que era um misto de pesar pela ausência dos lábios dela e fúria pelo tratamento agressivo.

E então ela o esbofeteou com força.

Dessa vez, quando a encarou, ele já exibia as presas ameaçadoras. Descontrolado, segurou-a pelos braços e alterou suas posições, empurrando-a contra a parede sem desgrudar o corpo do dela.

Syreena o levava até onde desejava. Para além do limite. Para além da razão, da dor, da capacidade de fazer qualquer coisa que não fosse instintiva. Precisava desse descontrole para alcançá-lo através da fúria teimosa com que ele se protegia.

Ela virou sua cabeça, expondo o pescoço. Os dentes perfuraram sua pele. Os lábios começaram a sugar. Assim que sentiu o primeiro contato da boca faminta, ela soube que Damien não se deteria antes de saciar a fome dos últimos três dias. Ela pegou as mãos contraídas e conduziu-as até seu corpo, levando-as aos seios, ofegando ao sentir o toque frio nos mamilos.

A sensação do corpo quente e dos seios arredondados em suas mãos penetrou a névoa da voracidade com nitidez chocante. Combinava-se ao efeito narcótico e erótico

da química invadindo seu sistema, levando-o a um novo patamar sensorial, provocando uma excitação que começava dentro dele e explodia para o exterior com uma força avassaladora. Syreena gemia, e a voz rouca em seu ouvido alimentava o desejo.

Enquanto mantinha uma das mãos sobre o seio firme, a outra deslizava pelas costas e descia lentamente, passando pelas nádegas perfeitas, explorando uma coxa musculosa e retornando pelo mesmo caminho. O calor que o invadia era revigorante.

Syreena sentia seu corpo se aquecer e se contorcia sob as carícias ousadas. Tocou-lhe as costas com uma mescla de desespero e sensualidade. E, durante todo o tempo, os lábios sugando seu pescoço a enlouqueciam, provocando arrepios e um fogo abrasador que não poderia ser removido de seu corpo, por mais que ele a sugasse. Afagou-o no peito, tomando o cuidado de recolher as garras dessa vez, porque não queria causar dor. A pele dele era macia e firme, e a frieza ia sendo banida rapidamente. Cada carícia fazia subir a temperatura, cada gota de sangue era uma gota de poder recuperado.

A experiência de senti-lo passar de fraco e gelado a forte e quente era inebriante, inesquecível. Sentia os contornos dos músculos na ponta dos dedos e na palma das mãos, gravando na memória cada detalhe da escultura de rara beleza e perfeição. Acariciá-lo era um prazer. Quanto mais o tocava, mais o queria.

Depois de subir e descer pelo peito largo e pelas costas musculosas duas vezes, introduziu uma das mãos no cós da calça, traçando o contorno da nádega firme e alcançando uma coxa poderosa, contorcendo-se para esticar o braço sem interromper o contato da boca com seu pescoço.

Damien se sentia como se ela o tivesse incendiado. As chamas o consumiam. As mãos que até então afagavam suas nádegas agora buscavam a parte frontal de seu corpo com ousadia. No momento em que ela encontrou o que procurava, ele a mordeu pela segunda vez.

Syreena gemeu ao sentir o calor agora familiar invadir seu pescoço e um calor desconhecido em suas mãos curiosas. Ele estava totalmente excitado, e o membro ereto implorava por seu toque. Damien finalmente afastou a boca de sua pele e inclinou a cabeça para trás, gemendo com a intensidade do prazer provocado pela carícia íntima.

Colados um ao outro, dominados pelo desejo, eles escorregaram para o chão num emaranhado de braços e pernas. Ele a desejara por tempo demais, a queria mais do que tudo. Agora ela o invadia de todas as maneiras, pondo em prática uma irresistível magia feminina para a qual não havia possibilidade de resistência. Ajudou-o a remover a calça que a impedia de tocá-lo com total liberdade.

Depois, deitada de costas, Syreena o convidou a cobrir seu corpo com o dele e o enlaçou com as pernas, tocando o rosto parcialmente coberto pela barba e acariciando orelhas, pescoço e nuca. Erguendo a cabeça, buscou a boca úmida e quente. Damien ardia com um fogo que era inteiramente dela, de uma forma ou de outra, e correspondia ao beijo com uma paixão violenta e voraz.

Syreena precisava respirar. Enquanto ela tentava levar ar aos pulmões, ele se banqueteava sorvendo o sabor de cada centímetro de pele acetinada, beijando ombros, colo, seios, ventre e coxas numa sucessão lenta e provocante. De repente, ele capturou um mamilo intumescido entre os lábios, sugando-o até ouvi-la gritar de prazer.

As presas ainda salientes arranhavam sua pele, amplificando a sensação e acrescentando um novo estímulo ao contato já tão erótico. Ela gritou, agarrando-se aos ombros largos, arqueando-se em uma reação selvagem.

— Damien, me perdoe, por favor...

Ele se deteve para fixar os olhos repletos de paixão e ansiedade.

— E se eu não perdoar, Syreena?

— Então... apenas faça amor comigo — ela sussurrou. — Mesmo que seja só esta vez. Não importa. Eu sei o que eu quero. E eu quero você.

— Que parte de mim, doçura? — Enquanto a encarava ele se posicionou para penetrá-la, deslizando o membro ereto pela fenda úmida e quente. — Esta parte?

— Damien! — Arqueando as costas, ela foi ao encontro dele sem reservas ou hesitação.

Ele rangeu os dentes e emitiu um rugido baixo e rouco que brotava do fundo de seu peito, causando uma vibração intensa e envolvente. Com uma das mãos apoiada no chão, a outra segurando uma coxa de Syreena, ele fez exatamente o oposto de tudo que pretendia.

Planejara manter-se afastado, garantir o espaço necessário para ouvir as respostas que ela não dera. Mas era tarde demais para isso. Não podia mais deixá-la, nem se manter fora dela. Penetrou-a com um movimento determinado, invadindo um espaço estreito, ainda menor por causa da tensão dos músculos que reagiam à presença nova e inesperada.

Ela ergueu os ombros e a cabeça ao sentir a penetração, percebendo, de repente, que sabia muito pouco sobre a realidade desse momento. Era algo indescritível. Para um homem sem circulação, era impressionante como ele pulsava dentro de seu corpo. O encaixe era perfeito, como se ele houvesse sido desenhado para suprir suas necessidades, como se fossem duas metades de um todo.

— Boa Deusa, eu devia estar louca — ela murmurou, contorcendo-se de prazer.

Damien sorriu, compreendendo exatamente o sentimento. Ela era preciosa e perfeita para ele, e nada que ele fizesse ou sentisse poderia alterar essa realidade.

Aprofundou um pouco mais a penetração, deliciando-se com a experiência sublime. Beijou-a, absorvendo seus gemidos, e começou a se mover. Desse momento em diante, perdeu a noção de tudo que o cercava, exceto dela e do corpo pulsante e quente sob o seu.

Com alguns movimentos, Syreena passou do prazer intenso ao êxtase. O que Damien fazia com ela era quase místico. Era mágico. Não a magia perversa que envenena e destrói, mas o encantamento dos contos de fada e dos anjos, a mágica boa, doce e limpa.

Uma magia que era muito mais forte por sua pureza.

Damien observou o rosto dela se tornar um mapa de belas reações. Sabia que vivia uma experiência única.

Ele a amava.

Amava-a com loucura, e esse sentimento fazia toda a diferença.

— Syreena — murmurou, emocionado. — Doce Syreena...

Quanto mais se movia, mais sentia que passava a fazer, parte dela. Se alguém podia realmente possuir outra pessoa, ela o possuía nesse momento e para sempre. Tudo nela se misturava a ele. Syreena se encaminhava rapidamente para uma explosão sensorial anunciada por gemidos cada vez mais intensos e gritos sufocados, um êxtase que ele não podia nem sequer começar a entender. Mas, em instantes, descobriu que estava enganado. De repente, eram uma só consciência, uma única sensação resultante da mistura dos corpos ferventes, dominados por emoções de intensidade espantosa.

Damien não podia mais se conter. Fazia amor com ela com uma paixão selvagem que beirava a brutalidade, e ela o encorajava a prosseguir, acompanhando-o naquela viagem de intensa sensualidade e ardor, uma experiência que desafiava a sanidade.

Ele alcançou um auge nunca antes imaginado, perdendo todo o senso de realidade e equilíbrio, todo o centro e todo o foco. E dali, do pico do mundo, mergulhou para o abismo de um clímax pulsante e poderoso. Enquanto isso, Syreena implodia no êxtase mais ruidoso e prolongado que ele jamais presenciara em uma fêmea. Era como se ela fosse uma vampira, como se bebesse dele com voracidade insaciável. Agora, Damien era a presa, e encontrava imenso prazer nessa troca de papéis. Mesmo que ela o sugasse até o esgotamento, não protestaria. Nem agora, nem no futuro. Nunca. E, como poderia, se arriscar a sua vida por ela antes mesmo de conhecê-la?

Finalmente, caiu sobre o corpo dela com um gemido de incrível satisfação. O poder que ela exercia sobre ele era completo. Syreena ainda suspirava e gemia, perdida em algum trecho do caminho de volta ao mundo real. A conhecida dormência dominou os braços dela, e ele sentiu as mãos deslizando por suas costas até caírem inertes ao lado de seu corpo. Exausta, ela mergulhava em um estado de semiconsciência.

Damien levantou-se e tirou-a do chão. Depois de deitá-la em sua cama, acomodou-se ao lado dela. Não se lembrava de ter estado tão aquecido em toda a sua vida, e não queria perder o confortável e delicioso calor.

Virou-a de lado, de costas para ele, e a abraçou, acomodando-a contra o peito. Com um braço em torno de sua cintura, ele pensou que Syreena nunca mais poderia deixá-lo ou se afastar sem que ele soubesse.

Damien acordou assustado, surpreso por ter dormido, e a primeira coisa que notou foi que Syreena não estava mais em seus braços. Ela conseguira se virar na cama de forma a manter os pés bem perto de seu rosto.

Beijou um pé delicado, contente por tê-la ali. Ela mudou de posição e voltou a dormir.

Tocou a sola do outro pé, e quase foi atingido por um chute na cabeça. Syreena, a herdeira do trono licantropo, tinha cócegas!

— Encoste no meu pé mais uma vez, e arranco sua cabeça — ela ameaçou de onde estava.

— É importante demais para ter cócegas, princesa?

Syreena gritou ao sentir a mão em seu pé. Virando-se, tentou chutá-lo enquanto ria.

— Estou avisando... — disse entre uma gargalhada e outra.

Para escapar, ela se jogou no chão. Damien teve a ousadia de olhar para baixo, como se a procurasse.

— Esse tipo de conduta não condiz com uma princesa — ele provocou.

— E um olho roxo não condiz com um príncipe. Não é um companheiro de cama muito atencioso.

— Não me lembro de ter ouvido queixas ontem à noite.

— Talvez porque estivesse roncando alto demais para ouvir alguma coisa. — Riu ao vê-lo franzir a testa. — O quê? É importante demais para roncar, príncipe?

— Por que quando você diz "príncipe" dessa forma, eu me sinto um pastor de ovelhas?

— Se a carapuça servir... — Ergueu-se e ajeitou os cabelos com um movimento digno da realeza. Depois, sentou-se na cama, fitando sua expressão divertida. — Sabe, eu nunca pensei nisso antes... — Interrompeu-se, como se estivesse refletindo.

Ele não se deixou enganar. Reconhecia uma armadilha quando via uma. No entanto, permitiu que ela prosseguisse.

— Pensou no quê?

— Nunca imaginei que você pudesse ser *divertido*. E eu achando que o sexo seria meu único entretenimento...

— Bem, suponho que deva se considerar uma criatura de sorte. Já eu...

Syreena sorriu com malícia ao vê-lo devolver a provocação.

— Você o quê?

— Acho que tenho ainda mais sorte.

A seriedade da resposta a surpreendeu.

— Por quê?

— Porque ninguém jamais teve condição de me informar que eu ronco, e é delicioso ouvir isso.

— Não entendi.

— Nunca dormi com ninguém, Syreena. Acho que é uma questão de confiança...

— Eu... nunca pensei nisso antes.

— Mas eu tenho de pensar nisso sempre. Gosto de ter a cabeça bem firme em cima dos ombros. E já a teria perdido se não fosse tão desconfiado.

— Mas Jasmine...

— Jasmine? — Ele riu. — Ela teria preferido correr nua sob o sol a dormir com uma criatura como eu! Jasmine é muito mais sensata que você.

— Estou começando a acreditar nisso. — Ela inclinou-se sobre o peito dele até seus narizes quase se encostarem. — Agora, deixe-me perguntar outra coisa... Pode me devolver? Damien piscou, confuso por um instante, e depois sorriu.

— Ah... não pensei que tivesse percebido.

Syreena riu e estendeu a mão. Damien pegou sob o travesseiro o objeto que ela reclamava.

Ouro e pedras-da-lua foram depositados na palma de sua mão.

Jasmine estava sentada no sofá do salão, folheando um grande livro um pouco embolorado. Virava as páginas lentamente.

— Isso é da biblioteca?

Ergueu os olhos ao ouvir a voz de Syreena e fitou-a com evidente reprovação. A licantropo usava uma camisa de Damien, que a cobria até a altura dos joelhos.

Percebera a presença estranha na casa assim que retornara da visita à biblioteca. A julgar pelas vestimentas da princesa e pelas gargalhadas que ouvira no quarto de Damien, eles haviam conseguido se reconciliar. Era bom saber que o príncipe estava feliz, mas ainda não havia esquecido os dias de desespero.

— É, sim. Sua irmã designou uma bibliotecária para orientar a seleção dos volumes. Ela está trabalhando há dois dias, e já conseguiu facilitar as pesquisas. Agora podemos retirar os livros e estudá-los em casa.

— Quem ela escolheu?

— Uma morena delicada e sexy com uma marca muito singular no pescoço.

— Jinaeri.

— Se não se importa, eu estava estudando. — Voltou ao livro e virou a página, embora nem houvesse concluído a anterior.

Syreena não era estúpida. Sabia que a fêmea de vampiro não gostava dela. Normalmente, não teria se incomodado. Mas, como Jasmine era importante para Damien, precisava se preocupar. Haveria tempo para melhorar a relação entre elas mais tarde. Por isso, retirou-se e deixou-a em paz com sua leitura.

Ainda havia várias coisas para ver na mansão do príncipe dos vampiros. As janelas eram todas escuras, exceto as da cozinha e da biblioteca. A cozinha, como não era muito utilizada, tinha os vidros apenas um pouco escurecidos, caso alguém precisasse ir até lá. Na biblioteca, no entanto, apesar de o caso ser o mesmo, havia uma varanda de onde era possível ver o jardim. Damien a prevenira do perigo ao vê-la sair do quarto.

A princesa tocou seu colar. Ao contrário da irmã, conhecia o segredo para devolvê-lo ao pescoço. Não devia ter essa informação enquanto não se casasse, mas a encontrara em um manual no monastério. Só não sabia como retirá-lo. Não tinha importância. Agora, só precisava pedir a ajuda de Damien.

Sua escolha fora feita. Não havia mais como voltar atrás. Existiam cerimônias para formalizar tais coisas, mas, no minuto em que Damien rompera sua virgindade, ele se casara com sua alma.

Como se o ato sexual tivesse alguma coisa a ver com isso, refletiu com humor. A alma de Damien capturara a dela muito antes disso. Ele a conquistara com sabedoria, palavras perfeitas, gentileza, compreensão. Como resistira a tudo isso e por quê... Não conseguia compreender.

Foi até a cozinha para procurar alguma coisa para comer. Estava exausta e fraca depois da noite de amor e de ter dado seu sangue para fortalecer o parceiro. Não que se arrependesse... Pelo contrário. Havia sido erótico, místico... incrível! E mais tarde, quando tinham feito amor sem o bônus da alimentação, seu prazer também havia sido pleno.

— Com fome?

Ela se virou, assustada, ao ouvir a voz do príncipe. De posse de seus poderes mais uma vez, ele recorria ao velho truque de se mover pairando no ar e surgir de repente atrás dela.

— Precisa me ensinar como faz isso — ela comentou admirada, sorrindo ao sentir o braço em torno de sua cintura e o beijo na nuca.

— É um truque da mente. Seria interessante descobrir se você consegue realizá-lo. Não duvido que consiga.

— Nem eu — ela concordou com petulância, fazendo-o rir.

Damien beijou-a, estimulando-a. Em poucos minutos, ele segurava seu corpo como se manipulasse argila macia, fazendo dele o que bem entendia. Ela correspondeu com paixão, sabendo agora o que o agradava. Uma lambida, uma mordida... Um desejo incomparável por ele que o afetava por sua intensidade e abandono. Ela aceitava com alegria as carícias, encorajando-o, emitindo sensuais ruídos de prazer.

Quando ele finalmente se afastou da boca convidativa, não foi muito longe. Ela o agarrou, envolvendo-o com uma das pernas, os braços ao redor de seus ombros.

— Syreena... — ele murmurou com voz rouca, abraçando-a.

Ela conhecia cada sentimento não verbalizado que acompanhava o gesto. Sentia-se da mesma forma.

— Sou uma mulher de muita sorte — sussurrou em seu ouvido. — Agora entendo. Desse momento em diante, sempre encontrarei o caminho de volta para os seus braços, Damien. Saberei que seus beijos, seus abraços e sua gentileza estarão sempre esperando pacientemente por mim, como meu coração será sempre sua casa, um lugar para onde poderá voltar. Se algum dia nos separarmos por um desentendimento qualquer, se me magoar, ou se eu voltar a magoá-lo, como já fiz, saberei onde encontrá-lo ou ficarei esperando por você. E farei qualquer coisa por nós. Pela nossa felicidade.

Damien engoliu a emoção que desabrochava em seu peito. Não esperava uma declaração como essa, uma manifestação de total confiança e entrega.

— Eu jamais a magoaria.

— Não deliberadamente, eu sei. Mas também sei que vamos discutir, vamos ter desentendimentos. Se eu achasse que experimentaríamos apenas um mar de rosas e sexo glorioso, eu seria uma fêmea tola e ingênua.

— O que você não é — ele assegurou, com uma risada. — Glorioso, hum?

Ela riu, mordiscando-lhe o pescoço sensível.

— Como se o seu ego precisasse de afagos...

— Na verdade, eu não estava pensando no ego... — Deslizou as mãos por suas costas até segurar as nádegas firmes e arredondadas de maneira insinuante.

— Damien! — Ela riu. — Estou com fome. — Os dedos continuavam acariciando sua pele, se esgueirando pela barra da camisa de seda. — Damien...

Ele deslizou as mãos sob o tecido, tocando-a no ventre, nos seios, detendo-se nos mamilos, prosseguindo até o pescoço e a nuca. Quando ele começou o caminho de volta, Syreena gemia, ofegante. Segurou-se aos ombros dele, sentindo os músculos sob seus dedos conforme ele se movia para afagar seu corpo.

— Também estou faminto — ele murmurou, parando para beijar a ponta de sua orelha. — Acho que meu apetite por suas guloseimas é insaciável, doçura.

— Eu já percebi.

Quando tocou novamente suas nádegas, ele a tirou do chão e colocou-a sobre um balcão encostado a uma parede, acomodando-se entre seus joelhos. As mãos continuavam passando por seu corpo, descendo pelo ventre até tocar a pele suave e sedosa entre as coxas. Ela tentou protestar, mas estava presa.

Ele deslizou os dedos pelo calor úmido de sua intimidade, estimulando a região sensível de forma incrivelmente habilidosa.

— Vamos aplacar sua fome, princesa — ele murmurou em tom sensual e debochado.

Ela riu, um som rouco que era uma mescla de divertimento e prazer.

— Hum... Ainda está com fome? Vamos tentar outra coisa, então...

A mão livre se fechou em torno de sua nuca, segurando-a de forma a impedi-la de desviar os olhos dos dele. Syreena sentia a invasão de seus pensamentos e percepções. Por um momento, foi como se ele existisse dentro de sua cabeça, mas logo sua consciência o acolheu como parte dela, oferecendo-lhe livre acesso.

No mesmo instante, Damien plantou dentro dela a percepção de ser tocada em todas as partes do corpo ao mesmo tempo. Era como se o sentisse em toda a extensão da pele, uma carícia gigantesca e provocante. Estremeceu. A boca dele apoderou-se da sua, sufocando seus gemidos com beijos ardentes. Ele a manipulava como se esculpisse uma obra de arte, demonstrando conhecer de maneira íntima lugares que até bem pouco tempo atrás jamais haviam sido tocados. Misturava com perfeição os mistérios do toque, do beijo e da fantasia, envolvendo-a em sensações que eram leves o bastante para desafiar a lei da gravidade. Habilidade, ele se despiu e invadiu o santuário de seu corpo trêmulo.

Tê-lo dentro de si levou-a a um prazer explosivo. Gritou, agarrando os ombros dele. Damien grunhiu, movendo-se com ímpeto até também alcançar o ápice, no instante em que sentiu os músculos se contraírem em torno de seu membro. Foi um clímax poderoso, duradouro e mútuo.

Logo, ela apoiou-se nele, tentando recuperar o fôlego. Riu quando ele a retirou do balanço e sentou-se com ela em um banco, mantendo-se dentro dela e acomodando-a sobre as pernas.

— Que recanto mais aconchegante — ela provocou.

— Muito acolhedor, mesmo — ele respondeu com malícia, movendo as sobrancelhas com lascívia.

Syreena riu até perder o fôlego.

No corredor, do outro lado da porta da cozinha, Jasmine continuava apoiada a uma parede. Ela se virara um momento antes de ser vista, quando Damien mudara de posição. Ele estava tão envolvido com o novo brinquedo, que nem notara sua presença.

Começava a perceber que pagaria um preço muito alto pela felicidade do monarca. Talvez não imediatamente, mas no futuro próximo, seria forçada a deixar aquela casa. E era egoísta demais para se preocupar mais com a felicidade dele do que com os próprios interesses. Em um piscar de olhos, a licantropo invadira seu mundo e mudara tudo.

Um piscar de olhos, contra cinco séculos de amizade.

E a piscada venceria sem fazer nenhum esforço.

Se ficasse, acabaria promovendo um confronto com Syreena, e não seria uma cena bonita de se ver. Damien a amava, mas estava *apaixonado* pela licantropo. Sendo assim, qualquer coisa que as duas fizessem para ferir uma à outra acabaria por magoá-lo também.

E essa era uma consequência inaceitável.

Jasmine não conseguia conter as lágrimas.

O que faria sem ele?

Damien andava pela casa procurando por Jasmine. Syreena saíra em busca de algo para comer, mas prometera voltar logo. Ele seguiu o sentido que o impelia a ir procurar na adega, um lugar encravado na rocha e totalmente seguro, caso sentissem necessidade de garantir proteção durante o sono. Só havia uma entrada, que era invisível aos olhos humanos. Também era necessária grande força para remover e recolocar o portal de pedra que dava acesso ao local.

Ficou desapontado ao constatar que Jasmine havia decidido dormir ali. Entendia a desconfiança provocada pela nova presença na casa, e sabia que faria o mesmo, se suas posições estivessem trocadas, mas não conseguia impedir certa tristeza. Resolveu deixá-la descansar. Teriam outras oportunidades para conversar.

Voltou ao salão, fechando a passagem para a escada que conduzia ao subterrâneo da mansão. Sozinho, sentou-se no sofá e viu sobre a mesa central o livro que ela estivera estudando. Com tudo que havia acontecido, praticamente esquecera a

biblioteca. E essas mesmas distrações o impediam de folhear o livro naquele momento. Preferia tomar um banho e trocar de roupa antes do retorno de Syreena.

Jasmine esperou até Damien entrar no banho. Então, correu até a sala e resgatou o livro que ele nem chegara a abrir.

O volume era três vezes mais velho que ele e continha explicações para muitas questões complexas. Sim, essas dúvidas deviam ser esclarecidas nos outros livros da Biblioteca Nightwalker, mas a diferença era que Damien não apareceria por lá tão cedo. Ele não se mostrava mais interessado nessas informações, não precisava mais delas e, por isso, não se sentia compelida a divulgar o que estava descobrindo. Se ele perguntasse diretamente, a situação seria outra. Mas, por enquanto, guardaria com zelo o velho compêndio e seu conteúdo.

O que Damien desconhecia não podia atingi-lo ou fazê-lo sofrer.

CAPÍTULO IV

A penumbra garantia sua segurança, e Syreena seguia a estrada para a cidade situada alguns quilômetros ao sul pelo litoral. Teria sido uma jornada menos demorada, se não fosse forçada a caminhar. Damien e os mistrais conseguiam realizar a metamorfose sem se despir, porque as roupas acompanhavam as novas formas, mas com os licantropos isso não era possível. Por isso, tinha de ir andando, ou correria o risco de aterrissar no meio de uma loja cheia de humanos... completamente nua. Usava as roupas que Damien havia tirado do armário de Jasmine, e se sentia pouco confortável na calça comprida e na blusa de seda. Como se não bastasse, Jasmine era mais alta que ela.

Com passos vigorosos e uma determinação inabalável, logo chegou à cidade litorânea, e lembrou por que preferia evitar as metrópoles humanas.

Eles eram muitos! Tudo era sempre cheio, barulhento... sufocante. E a população humana crescia assustadoramente, como sua ganância e a necessidade constante de consumo. O planeta estava em risco. O que poderia proteger os Nightwalkers desse tipo de efeito avassalador? Essa era uma pergunta que nem os monges haviam conseguido responder.

Na Rússia, a política e o clima inóspito haviam mantido a tundra e outros sistemas protegidos. Mesmo assim, algumas espécies desapareciam rapidamente de suas terras, como era o caso do tigre siberiano. Se uma criatura tão linda era

desrespeitada e assassinada sem clemência, o que os humanos poderiam fazer com os Nightwalkers que consideravam perigosos?

A consideração dos Nightwalkers pelos humanos não era correspondida. Os caçadores que atormentavam o povo de Damien e de Syreena eram um exemplo disso. A única defesa à disposição dos Nightwalkers era seu enorme e variado poder. Infelizmente, havia em contrapartida uma fraqueza que podia ser explorada com facilidade: a vulnerabilidade à luz do dia. E tudo ficava pior graças a séculos de folclore e mitos que os humanos tinham criado sobre eles. Havia um fundo de verdade em cada uma dessas histórias, o suficiente para causar grandes danos.

Quando entrou no mercado, percebeu que tudo isso a preocupava porque, pela primeira vez, estava considerando o que aconteceria em seu futuro. Suas apreensões sempre tinham se limitado ao que os outros esperavam dela. Esse círculo se ampliara para incluir os interesses de Siena e seu bem-estar havia quinze anos. Agora, Damien também fazia parte disso, e com ele vinham outros. Eles eram partes indeléveis de sua psique e de suas emoções e, por isso, se voltava para coisas relacionadas à segurança de todos eles. Não era uma pessoa fria, como muitos pensavam. Era apenas inexperiente com determinados sentimentos.

Munida de uma cesta de compras, começou a percorrer os corredores do mercado. Sentia falta dos sistemas de iluminação e refrigeração. Os licantropos apreciavam os confortos da vida moderna, embora vivessem em cavernas, mas, desde que embaixadores dos demônios e dos vampiros haviam se mudado para o território licantropo, Siena ordenara que tudo voltasse a ser como antes, com iluminação a gás e sem nenhuma conveniência tecnológica. A química desses dois grupos não combinava com tecnologia. Os aparelhos queimavam, explodiam, entravam em curto ou simplesmente não funcionavam. Agora que o demônio Elijah morava na corte licantropo, e considerando que seu novo parceiro era um vampiro, ela supunha que só se aproximaria de eletricidade em ocasiões como a que estava vivendo agora.

Fez escolhas rápidas, devorando duas maçãs de uma embalagem pré-pesada antes mesmo de chegar ao caixa.

Dinheiro era um conceito interessante para ela. Estava habituada ao estilo real, uma vida na qual todas as necessidades eram supridas e dinheiro se resumia a números em uma folha de papel. Entregou o que Damien lhe havia dado e recebeu olhares intrigados quando riu ao sentir o frio das moedas na palma da mão. Quando saiu do mercado, ainda inspecionava a textura e a forma dos estranhos pedaços de metal.

De repente, todos os seus sentidos entraram em alerta.

Alguém a seguia.

Não devia ficar alarmada. Não era assim que Ruth e sua gente costumavam agir, dando à presa a oportunidade de perceber sua presença. Mas estava desconfiada, porque sentia que não era um humano que se esgueirava pelas sombras atrás dela.

Também não era Damien. Ela o teria reconhecido imediatamente, agora que eram como uma extensão do outro.

Tensa, jogou as moedas na sacola e testou o cós da calça. Se tivesse de se transformar rapidamente, como se livraria das roupas?

Seguiu caminhando, deixando o perseguidor rastrear seus passos. Quanto mais o levasse para perto do território de Damien, melhor seria.

Era alguém do sexo masculino, e se aproximava. Estava quase ultrapassando os limites da propriedade de Damien, quando sentiu a presença invadindo seu espaço pessoal. Ainda faltava um bom trecho até a porta da casa, e era evidente que ele pretendia confrontá-la antes que pudesse entrar. O significado dessa urgência era claro: quem a seguia sabia bem onde estava.

Ela parou e se virou.

— Sei que está aí — disse.

Ele saiu das sombras imediatamente. Era alto e magro, pálido e ruivo. Sorriu e ergueu as mãos num gesto eloquente.

— Não quero lhe fazer mal nenhum. Estava apenas observando...

Um vampiro. Não o vira antes, mas podia reconhecê-lo pela falta de calor e pelos traços clássicos. Além do mais, ele não tinha pulsação discernível.

— Damien o mandou?

— Bem, de certa forma... Ele não me disse exatamente para ir atrás de você, porque sei que ficaria ofendida com a ideia...

— Tem razão. E, mesmo sabendo disso, decidi correr o risco de ofender-me?

— Não intencionalmente. Só estou fazendo o que qualquer amigo do príncipe faria para proteger seus outros... amigos.

Ninguém além de Damien e Jasmine sabia sobre seu relacionamento com o príncipe. Então... Alguém havia mandado o tal vampiro segui-la. Damien? Ou Jasmine?

Jasmine mal reconhecia sua presença na casa, então...

Doía descobrir que Damien não confiava nela, que não a considerava capaz de cuidar de si mesma. Era essa a impressão que dava? Sim, sabia que ele fora forçado a resgatá-la, e que não demonstrava grande capacidade para fazer escolhas, mas acreditava que ele a conhecia um pouco melhor.

— Quem é você?

— Nicodemus. Mas todos me chamam de Nico.

— Bem, Nico, estou curiosa para saber até onde levaremos essa brincadeira.

— Brincadeira? — Seu desconforto era evidente.

— Sim. Vamos entrar juntos, ou vamos fingir que meu príncipe conseguiu me proteger sem que eu percebesse?

— Seu... — Ele relaxou e sorriu. — Seu príncipe ficaria aborrecido se nos visse entrando juntos na mansão.

— Nesse caso, creio que deve voltar para as sombras. — Ela se virou para entrar.

— Mas... — Nico a segurou pelo braço. — Mas eu não gostaria de mentir para ele.

Syreena olhou com ar de reprovação para os dedos sobre sua pele sensível. O vampiro não entendeu o olhar e continuou segurando seu braço. Ela sorriu, encarou-o e acertou seu nariz com o punho fechado, empregando tanta força no golpe que foi possível ouvir o som do osso se quebrando. Em seguida, largou a bolsa de compras, usando o braço que ele segurava para torcer o dele, girando o corpo em sentido contrário até o vampiro gritar e cair de joelhos. Concluiu o ataque com uma joelhada na nuca da vítima. Nico caiu, e ela pisou em suas costas para imobilizá-lo.

— Agora, preste atenção: posso arrancar sua cabeça do pescoço com um movimento simples e rápido, se eu quiser, mas prefiro lhe dar a chance de explicar por que estava me seguindo.

— Já disse, eu...

Ela aumentou a pressão. Sentiu as mãos segurando seu tornozelo, mas ele teria uma ingrata surpresa, se acreditava ser capaz de superá-la.

— Estava seguindo a mulher do príncipe vampiro, e decidi abordá-la pouco antes da entrada da casa, quando ainda podia mantê-la fora da área de telepatia de Damien? Ele poderia sentir minha presença e a sua, mas não saberia que estava me ameaçando. E tudo isso foi só uma coincidência?

Mais pálido que antes, o vampiro a encarou com surpresa.

— Você não é humana!

— Uau! — ela exclamou, zombando da constatação, vampiro devia ser jovem demais para perceber a diferença entre humanos e licantropos com sua visão de infravermelho. E juventude sempre andava de mãos dadas com ambição. E estupidez. — Achou que o príncipe estava fraquejando, não é? Mas ainda estou curiosa. O que esperava obter de mim? Não pode ser o trono. O que planejava fazer? Usar-me para bater na cabeça dele? — Era evidente que ele não tinha um plano. — Em dez segundos, você estará livre. Em seu lugar, eu levaria em consideração alguns fatores. Primeiro, posso correr muito mais do que você. Segundo, se me pegar, eu não serei tão gentil outra vez. E terceiro e último fator, se eu encontrar uma única maçã amassada naquela sacola, posso mudar de ideia e arrancar sua cabeça. Por isso, sugiro que corra. *Muito*.

Ela removeu o pé, e o vampiro se arrastou para longe, levantando-se com grande dificuldade e olhando em sua direção como se pretendesse dizer alguma coisa. Mas ela já se abaixava para pegar a sacola de compras.

Nico correu muito.

— Crianças... Não se pode viver sem elas, e não se pode matá-las até que cresçam...

Syreena se virou ao ouvir o comentário em voz grave. Um momento depois, um segundo vampiro a agarrava pelo pescoço com força descomunal. Ele era muito mais alto que Damien, e a tirou do chão para erguê-la até a altura de seus olhos. Ela tentou se libertar, mas não conseguiu. O vampiro que a atacava agora era adulto, dono de indescritível poder.

— Precisa perdoar meu filho — ele disse com um sorriso gelado. — Ele tem a ambição do pai, mas é fraco como a mãe. Felizmente, foi astuto e se apresentou com

meu nome. Você teria dito ao príncipe que Nico a seguiu. Damien teria vindo atrás de mim, enquanto ele se esconderia em algum lugar. Uma licantropo? Escolha interessante...

Nico a puxou para mais perto, e as pernas dela se chocaram contra o corpo do vampiro, que a inspecionava como se examinasse uma boneca de pano.

Syreena sabia que não poderia passar muito mais tempo sem respirar. Tinha de se salvar, e não podia superá-lo usando força bruta, como fizera com o filho. Teria de recorrer à inteligência e ao conhecimento acumulado em décadas de estudo.

— Isso mesmo. O que um licantropo aprende sobre como matar um vampiro?

Droga! Ele podia ler sua mente. Tinha de ser mais cuidadosa. Se podia ler seus pensamentos, também seria capaz de manipulá-los.

— Caso esteja curiosa, não pretendo usá-la para bater na cabeça do príncipe — Nico continuou com serenidade. — Só para atraí-lo para fora da casa. Posso cuidar de Damien. Mas de Damien e de Jasmine já é uma situação bem diferente. Infelizmente, ela não desgruda do príncipe. Suponho que poderia tê-la usado e poupado você de tudo isso, mas ela é uma praga. De qualquer maneira, o que ela quer é poder. A identidade do príncipe não importa, desde que ela faça parte da residência real. E Damien deve tirar proveito dessa ambição desmedida... entre uma paixão e outra, quero dizer. Entre ligações como a que mantém com você.

Syreena não entendia por que as pessoas gostavam de falar tanto quando estavam tentando matar alguém. Ela levantou os dois pés e usou o peito do vampiro como base para executar um salto mortal para trás.

Segurar um objeto em rotação certamente quebraria seu pulso e, por isso, ele a soltou. Syreena aterrissou em pé, respirando pela primeira vez em vários minutos.

O vampiro se recuperava rapidamente da surpresa. Ela agarrou o objeto mais próximo, sua sacola de compras, e girou-a, acertando-o na cabeça com força.

Nico oscilou ao receber o golpe, chocado com sua velocidade e com a força de seus músculos. Mas Syreena sabia que não tinha chance de vencê-lo num confronto direto, e teria ainda menos oportunidades se desse a ele a possibilidade de brincar com sua cabeça.

Por isso, ela correu. Enquanto corria e sentia a presença do oponente cada vez mais próxima, decidiu recorrer a uma medida desesperada. Sem se deter, rasgou a blusa e saltou de dentro da calça já no meio da transformação. Quando agarrou seu braço, o vampiro segurou apenas um punhado de penas. Ele levitou, ganhando altitude, mas, sendo menor e mais veloz, ela conseguiu aumentar a distância que os separava. Mas sabia que seria por pouco tempo, considerando o grande poder do adversário.

De repente, sua asa direita se chocou contra um objeto sólido. A dor dominou o falcão, girando-o no ar. Syreena percebeu que havia batido contra uma árvore. O vampiro manipulava sua mente, convencendo-a de que ganhara mais altitude do que realmente havia alcançado, induzindo-a a ir de encontro a um galho. Mesmo assim, ela conseguiu se manter no ar com a asa íntegra, mas girava em círculos descendentes em função da imobilidade de seu lado direito.

Desequilibrada e ferida, caiu sobre o leito de folhas secas do bosque em torno da mansão. Nico também aterrissou. A princesa nem conseguiu se mover antes de ser alcançada.

E dessa vez não teria nenhuma vantagem. O vampiro a invadia com o pavor que podia plantar na alma da presa. Syreena relaxou e se deixou dominar pelas reações naturais provocadas pelo pânico. Uma forte descarga de adrenalina invadiu seu sistema, alterando o equilíbrio químico do organismo.

Damien foi atingido em cheio pelo pavor de Syreena. Chocado, ele se virou com tanta violência que derrubou uma estátua de mármore, causando forte estrondo. Havia em sua mente um terror tão absoluto, que por cerca de vinte segundos ele não conseguiu enxergar nada.

Mas, recuperado, compreendendo o que acontecia, correu para fora da mansão, atravessando o bosque como uma sombra negra.

Não devia ter se descuidado. Sabia que eles estavam por perto.

Mas não imaginara que incomodariam Syreena, uma vez que ninguém tinha conhecimento da importância da licantropo em sua vida. E agora ela pagava caro por sua falta de cautela.

Furioso, ele saltou sobre Syreena e usou a força do corpo para atingir o vampiro que a atacava. Os dois caíram no chão longe dela, o que havia sido sua intenção inicial. Nico caiu de costas, e Damien não perdeu tempo. Ágil, fincou um joelho no peito do inimigo, pressionando-lhe as costelas e imobilizando-o.

— Nico, seu bastardo miserável, vou matar você por ter tocado nela! — As presas explodiram e ele rugiu, enterrando um punho no pescoço do adversário. Sua intenção era arrancar a cabeça do vampiro com as mãos, mas Nico era poderoso demais para permitir isso. Ele reagiu, jogando o príncipe contra o tronco de uma árvore. O som da madeira golpeada ecoou por toda a área.

Nico levantou-se e avançou, tomado por uma fúria insana, exibindo os caninos alongados, urrando. Porém, antes que pudesse alcançar o príncipe, foi atropelado por um raio de cabelos castanhos e cinzentos. A mulher de Damien era forte para o tamanho que tinha, e, mais importante, era astuta. A licantropo o atingiu na parte de trás dos joelhos, derrubando-o. Nico caiu em cima dela, e aproveitou a confusão momentânea para tentar agarrá-la pelos cabelos.

Porém, suas mãos continuaram vazias, exceto, talvez, por duas mechas, que ele soltou para investir novamente contra Damien. O príncipe estava em pé e pronto para enfrentá-lo.

Nico tirou do cano da bota uma faca curta e encurvada e atacou o adversário.

A mão de Damien se moveu com velocidade imperceptível, desarmando o oponente antes que ele pudesse cortar sua garganta. A lâmina feriu sua mão, mas agora ele estava armado.

Nico sabia que a quantidade de sangue derramado determinava vencedores e perdedores, e já conseguira tirar o precioso líquido do corpo do príncipe. A mão dele sangrava. Muniu-se de outra faca que levava na outra bota e atacou com velocidade espantosa.

Damien sentiu a perfuração no lado esquerdo do corpo, no baixo-ventre, mas não se deixou deter. Na verdade, permitiu o ataque para poder passar um braço em torno do pescoço do oponente. A lâmina penetrou ainda mais profundamente em seu corpo quando ele puxou o inimigo contra o peito, enterrando a faca em suas costas.

Nico grunhiu de dor, mas os dois vampiros se afastaram ainda armados. Damien sentia o sangue ensopando a camisa e a cintura da calça, mas ignorava a ferida. Em uma batalha entre vampiros, o perdedor era sempre aquele que cedia ao medo de perder sangue. A distração prejudicava as habilidades de luta, e era difícil de evitar.

Damien não vivera até os 974 anos cedendo a essas fraquezas. Essa era a parte principal de seu poder: não sentia medo. Não se preocupava com a possibilidade da morte.

Os vampiros se chocavam em múltiplas investidas, arrancando sangue um do outro. Damien olhava fixamente nos olhos de Nico. Manipular a mente do inimigo era um grande feito nesse tipo de batalha. E também era praticamente impossível, porque todo oponente se mantinha atento a essa possibilidade.

Mas Damien não era um vampiro normal.

Nico atacou, mas o príncipe desapareceu diante de seus olhos. Sentindo um truque, ele se virou, tentando quebrar a ilusão e localizar o adversário. Tudo que viu foi o falcão voando sobre sua cabeça.

De repente, Nico sentiu o corpo explodir das costas para o peito, dominado por uma dor inimaginável. Chocado, viu o galho que brotava de seu peito provocando um jato de sangue.

Virando-se, ele arrancou a outra extremidade do galho das mãos de seu atacante. A licantropo ainda tinha entre as mãos algumas folhas, e seu sangue manchava a pele nua e acetinada.

Nico olhou para cima, tentando localizar o falcão. A ilusão se desfez, e ele identificou Damien no corvo que sobrevoava o local, atraindo sua atenção para que a licantropo pudesse atacá-lo pelas costas.

Derrotado, correndo risco de morte, Nico bateu em retirada. O galho que atravessava seu corpo ia se chocando contra troncos de árvores e outros galhos, provocando uma dor horrível até ele se erguer acima das copas frondosas. Mas ele não se detinha. Damien também havia desaparecido, e sabia que ele não o deixaria escapar com a cabeça sobre os ombros, se o pegasse.

Mas ele não precisava ter se preocupado, porque a principal preocupação de Damien era Syreena. Ela perdera mais algumas penas e fraturara um braço, mas ia ficar bem. Carregando-a, ele a levou para casa.

— É uma fratura — disse Gideon, um velho demônio do Corpo e médico competente. — Como sabe, não posso curar licantropos, mas posso imobilizar a fratura e deixar seu organismo cuidar do resto.

— Fico feliz por tê-la trazido para casa, Damien — Siena confessou aliviada.

— Bem, com dois de nós três feridos, achei que essa era a melhor alternativa — disse o vampiro, sentando-se ao lado da cama de Syreena.

— Isso é ridículo! Ele está muito mais ferido que eu — Syreena protestou.

— E perdeu sangue da Califórnia até aqui — Jasmine acrescentou em tom seco.

— Gideon já conteve a hemorragia.

— Mas você precisa caçar — insistiu Jasmine. — Está frio como a morte e fraco como uma criança!

— Iremos assim que Gideon terminar seu trabalho por aqui. Até lá, não quero sair de perto de Syreena.

— Ela não vai morrer se você sair de perto.

— Chega, Jasmine.

Ela se calou, constrangida e furiosa com a atitude incompreensível e pouco prática do príncipe. Syreena atacara um dos mais temíveis inimigos de Damien, literalmente com um braço atado! Embora o mito da estaca no peito fosse inverídico, porque não causava a morte instantânea, havia nele um fundo de verdade. Ao remover o galho que o atravessara, Nico poderia sangrar até a morte. A princesa provavelmente o eliminara. Sendo assim, ela não era uma criatura frágil ou delicada. Nem poderia, porque Damien não teria se encantado com uma mulher desse tipo.

Sacrificar sua saúde por causa de um braço quebrado era ridículo.

— Se não quer sair daqui, pelo menos se alimente — ela disse, afastando os cabelos do pescoço.

— Jasmine.

O aviso de Damien veio apenas um segundo antes que um grunhido predatório e ameaçador surgisse da mulher deitada na cama.

Jasmine olhou para a princesa e leu o aviso em seu corpo tenso. Ela a expulsava do território que delimitara e marcara como dela.

Sua propriedade.

Como se atreve a interferir? Quem ela pensa que é? Apoiei e sustentei Damien durante toda a minha vida!

— Faça como quiser — Jasmine disparou irritada antes de se retirar.

Assim que ela desapareceu, Syreena olhou para o parceiro.

— Desculpe. Não sei por que fiz isso.

— Sabe — Siena interferiu. — Eu faria o mesmo se uma mulher se oferecesse para Elijah na minha frente. Ela foi insensível.

— Não. Ela foi prática, apenas — Damien a corrigiu. — Como sempre. Syreena e ela têm em comum essa característica, essa objetividade. Além do mais, ela está confusa com tudo que aconteceu nos últimos dias. — Decidiu encerrar o assunto. — Tem certeza de que ela vai ficar boa, meu amigo?

— O braço sofreu uma fratura. O hematoma é feio, eu sei, mas vai desaparecer quando o osso colar. Se não confia em mim, talvez deva procurar um dos monges que praticam a cura.

— Confio em você. Foi só uma pergunta, e você também se preocuparia, se tivesse de colocar a saúde de Magdalegna em outras mãos. Todos os Nightwalkers protegem suas esposas com a própria vida, se for necessário.

Elijah assistia à cena em silêncio. Se a união entre um demônio e uma licantropo havia sido difícil, entre uma licantropo e um vampiro seria praticamente impossível!

Siena também estava preocupada.

Nosso povo aceitará dois consortes de raças diferentes para a rainha e a princesa? Ainda nem sei se você foi completamente aceito!

Minha preocupação vai além disso, gatinha. Os vampiros podem tentar matar o príncipe, quando souberem que ele tomou uma licantropo por parceira.

Por quê? Os vampiros não têm nada contra nós!

Vampiros têm poucas regras na vida, Siena, e por isso respeitam as que têm. Por alguma razão, essas leis proíbem que Damien se alimente de sua irmã. Junte a isso a imensa ganância por poder e pela posição que Damien ocupa, e vai perceber que a segurança do príncipe está em risco.

Então, se ficarem aqui, eles enfrentarão censura e hostilidade. E se forem para lá, enfrentarão o mesmo ou pior.

Elijah olhou para o piso de pedra, sem poder consolar a esposa naquele aposento cheio.

Se me tocasse agora, eu começaria a chorar como uma criança.

Eu sei. É a única coisa que me mantém afastado de você.

Siena virou a cabeça, sentindo as lágrimas arderem em seus olhos.

— Gatinha, vamos deixar o médico cuidar dos pacientes — Elijah disse de repente.

O casal saiu do quarto. Do lado de fora, Elijah abraçou Siena e deixou-a chorar em seu ombro toda a angústia que ela enfrentava pelo futuro da irmã.

Syreena dormia com a cabeça apoiada no peito de Damien. Nesse momento de tranquilidade, o príncipe refletia sobre as duras escolhas que teria de fazer. Jasmine, por exemplo. Não seria a corda em um cabo-de-guerra entre as duas mulheres mais importantes de sua vida. Precisava encontrar uma solução para esse confronto, e tinha de ser rápido. Sabia que Syreena jamais o pressionaria para que escolhesse entre ela, seu grande amor, e Jasmine, sua melhor amiga. Mas Jasmine não estava acima disso. A natureza dos vampiros era basicamente egoísta. O que não entendia era por que a vampira se sentia ameaçada agora, depois de terem convivido durante cinco séculos. O que a levava a pensar que tudo mudaria de repente?

Também havia percebido a que tipo de perigo estava expondo Syreena. As ações agressivas de Nico abriram seus olhos para a realidade. Estava habituado a lutar pelo trono, porque esse era um fato da vida, mas não podia mais se dar ao luxo de ser indiferente quanto a isso. Não tinha medo de morrer. Mas agora precisava considerar os interesses de Syreena também. Não suportava a ideia de fazê-la sofrer. E, apesar de ela não ter dito nada ainda, sabia que ela o amava.

Além disso, como telepata que era, sentira o intercâmbio ocorrido havia pouco entre Elijah e Siena. Sabia que a rainha temia pela felicidade da irmã e antecipava certo descontentamento de seu povo. Essa possibilidade era a raiz do maior conflito de Syreena nesse momento.

Cansado e faminto, Damien decidiu aproveitar que ela dormia para caçar. Voltaria o mais depressa possível, revigorado e pronto para apoiá-la em sua recuperação.

Nico estava furioso. Transtornado. Se conseguisse pôr as mãos naquela versão licantropo de meretriz, não hesitaria em usar sua faca mais afiada para cortá-la em dezenas de pedaços.

Infelizmente, para isso teria de sobreviver à remoção do galho cravado em seu corpo.

Depois da luta, refugiara-se no deserto de Nevada, porque ali encontraria areia em quantidade suficiente para preencher o buraco que a remoção do galho abriria. Depois disso, encontraria um abrigo para escapar do sol e de humanos e animais, e se entregaria ao torpor durante o período de cura.

Sangue fresco era sempre um excelente fortificante, mas não poderia caçar naquelas condições. Teria de se contentar com o torpor. Dormiria e refletiria sobre o que dera errado. Havia algo de muito estranho na situação.

Um vampiro se deitando com uma licantropo era inusitado, mas Damien havia bebido o sangue da Nightwalker. Mais de uma vez, se interpretara bem as marcas no pescoço dela. Havia muitos vampiros que tirariam proveito dessa informação. Talvez pudesse explorar essa vantagem mais tarde.

Mas havia algo além disso. Era velho e experiente demais para não perceber quando coisas estranhas estavam acontecendo. O truque do falcão e do corvo, por exemplo. Como era possível?

E Cyril... Seu próprio filho o abandonara. Fugira como um humano covarde. O rapaz era ambicioso, mas não tinha intelecto ou coragem. De onde havia tirado a ideia de que poderia superar Damien, o príncipe dos vampiros?

— Precisa de ajuda?

Ajoelhado no chão de areia, segurando o galho com as duas mãos, Nico olhou para cima. Estava tão esgotado e depauperado pela dor e pela perda de fluidos essenciais, que nem ouvira a aproximação da desconhecida que o abordava. Ela era alta, jovem, loura e muito bonita. A pele bronzeada atestava que não era vampiro, mas a atitude indiferente diante de sua condição sugeria tratar-se de uma Nightwalker.

Ela o fitava com olhos azuis e frios, demonstrando inteligência e total falta de temor. A mistura o intrigou.

— Posso ajudá-lo — ela sussurrou.

— E certamente vai querer algo em troca. Obrigado, mas posso cuidar de mim mesmo.

— Não me referia só a essa bobagem. — Ela riu, apontando para o galho atravessado em seu peito.

— Então, fale de uma vez o que quer, e seja rápida. O tempo é importante aqui.

— Posso ajudá-lo a conseguir o que quer. Posso lhe dar a cabeça de Damien em uma bandeja de prata. E com o coração de uma licantropo ao lado.

— Quem é você? — perguntou, intrigado.

— Apenas alguém que sabe como Damien o derrotou. Alguém que pode torná-lo mais forte do que jamais imaginou ser possível. Sou seu verdadeiro anjo, Nico.

Ela agarrou o galho e o puxou com força.

Nico gritou, e seu urro foi ouvido por todas as criaturas do deserto. Tomado pela dor, ele agarrou a mulher e a jogou no chão de joelhos. Perdia sangue suficiente para morrer em poucas horas, mas antes a espancaria por tê-lo surpreendido daquela maneira.

Ela riu. Depois, tocou com dois dedos a ferida aberta e começou a sussurrar palavras que ele não compreendia. A mulher misturava latim, árabe, e mais três idiomas que ele identificou imediatamente. O restante era desconhecido para o vampiro.

Nico sentia a ferida se fechando sob seus dedos, começando pelo coração e seguindo na direção da pele.

— Você é um demônio — ele acusou.

— Humm...

— E está usando magia. Não é censurada por isso? — Ao vê-la rir, prosseguiu: — Ah, já sei. Seria censurada... se eles soubessem.

O encontro era muito interessante do ponto de vista de Nico. Pelo que a desconhecida revelara até aquele momento, era evidente que ela queria se vingar de Damien ou da licantropo. Provavelmente assistira ao confronto entre eles e o seguira até ali procurando por um aliado. E, aparentemente, estava disposta a tudo para conquistá-lo.

Como se pudesse ler seus pensamentos, ela o segurou pelos cabelos, beijando-o na boca com uma voracidade espantosa. Esfregava o corpo no dele de forma provocante, tentando-o, até que, tomado pela sensualidade natural dos vampiros, Nico reagiu e correspondeu. Então, ela se afastou.

— Quer saber como Damien conseguiu tanto poder de repente?

— Eu adoraria...

Ela afastou os cabelos e inclinou o pescoço, chamando-o a mordê-la.

— Bom apetite — Ruth murmurou com um sorriso transtornado.

Jasmine olhou em volta, certificando-se de que não havia esquecido nada. Eram poucas as coisas que desejava levar. Ao lado da bolsa com algumas roupas estava o livro que tomara da biblioteca. O título escrito em *vampyr*, o idioma mais antigo de sua raça, dizia apenas *Razão*.

Um título tão modesto para um tópico tão profundo. Nas últimas quarenta e oito horas, não fizera nada além de examinar e reexaminar a própria razão, tomada pela sensação de estar pensando em círculos, dilacerada entre lógica e emoção. Sentia-se como uma criança chorando porque outra criança pegara seu brinquedo, enquanto um adulto a censurava e explicava por que ela devia compartilhar.

Havia dividido Damien com suas mulheres antes. Por que dessa vez era tão difícil?

— Porque ela não é vampiro e não entende o nosso jeito — ela explicou para o silêncio da mansão.

Uma licantropo podia entender como vampiros compensavam tédio e solidão com uma intimidade de toque que nada tinha a ver com sexo? A princesa aceitaria que ela e Damien passassem o dia todo trancados em um cômodo, simplesmente conversando, como costumavam fazer antes?

Se terminasse de fazer as malas e partisse, quem estaria ferindo? Damien e ela mesma, apenas. Syreena jamais compreenderia a profundidade dessa mudança na dinâmica da casa. Sua partida em nada a afetaria. A menos que sofresse com o sofrimento de Damien, o que significaria que ela realmente se preocupava com ele.

E isso era o que Jasmine não queria aceitar.

Sua mente cansada focou o segundo dilema de ação e consequência. Dentro daquele livro estava a prova que Damien queria, as razões e as consequências pelas quais vampiros evitavam, ou melhor, eram veementemente contrários a se alimentar de outros Nightwalkers. Parte do que lera confirmava as suspeitas de Damien e resumia tudo que ele queria ouvir. A informação o ligaria ainda mais à licantropo, se isso fosse possível.

Mas todo esse material também explicava por que se envolver com outros Nightwalkers se tornara tabu em sua sociedade. A lógica do argumento era tão incontestável, que poderia afastar Damien de seu suposto amor e, com sorte, conduzi-los de volta à pacata rotina de antes.

Mas Jasmine odiava rotina e normalidade. Havia duas semanas se preparara para buscar o subterrâneo e lá ficar por um século. Agora estava diante de inúmeras possibilidades de aventura. Mas devia pôr em risco o bem-estar de Damien pelo próprio entretenimento? Não que o perigo fosse definitivo. Se fosse, ela não hesitaria em agir. Afinal, Damien estava acima de tudo.

Morreria por ele.

E essas perigosas verdades e consequências também poderiam morrer. Por exemplo, se a biblioteca desmoronasse, se queimasse até virar cinzas, e se nela estivesse o livro que agora repousava sobre sua cama... Uma tocha perto de um livro...

Todos os segredos retornariam à tumba de onde nunca deveriam ter saído. E ninguém perderia nada. Se haviam sobrevivido por tanto tempo sem eles...

Sobrevivido. Meramente sobrevivido.

E o volume tão cheio de informações poderia levá-los a uma existência muito mais plena e bela do que a sobrevivência vazia que conheciam.

Estava de volta ao início. Círculo completo. De volta ao zero.

Com toda a sua idade e experiência, não conseguia decidir o que fazer com um livro estúpido e uma mulher pequenina? Se Damien se casasse com Syreena, ela seria sua *rainha*! Jasmine seria súdita de uma criatura que nem imaginava como poderia beneficiar a raça dos vampiros.

E, casado com ela, Damien não poderia prescindir de sua ajuda. Deixá-lo o tornaria domesticamente vulnerável. Stephan, chefe das forças de luta de Damien, era muito competente para lidar com outras raças e caçadores humanos, mas não o julgava capaz de matar os de sua própria raça, e em massa, caso eclodisse uma guerra civil. E mesmo que conseguissem evitar um levante interno, ainda haveria os intermináveis desafios pelo trono. Damien precisava de alguém confiável ao seu lado. Alguém que fosse capaz de matar por ele.

Alguém que não teria o bracinho quebrado no primeiro confronto. Mas, se ficasse, teria de apoiar rei e rainha. Teria de aguentar a Madame Delicadeza.

Não suportava essa ideia.

Por que não matava logo a vadia e acabava com isso?

Um estalo em sua cabeça a fez olhar em volta. Havia alguém na casa. Um intruso. E não era vampiro.

Jasmine se virou para a porta no exato instante em que a pressão no quarto sofreu uma violenta alteração. Quando Ruth se materializou, ela já exibia as presas e rugia furiosa.

— Que medo... — Ruth comentou com um tremor teatral. — Sentada, menina — ela disse, como se lidasse com um cachorro. — Não quero machucar você.

— Nem poderia, se quisesse.

— Se você diz... Só vim trazer um recado para seu príncipe, a vadia que o acompanha e todos os outros miseráveis, inclusive o guerreiro que matou minha filha. Diga a eles que tudo vai mudar de agora em diante. Se eles pensam que criei problemas antes, que esperem para ver o que vou fazer agora. Meu poder só vai crescer, garanto. Como minha fúria e minha sede de vingança. É extraordinário, Jasmine. Ah, mas você já sabe disso agora. Não sabe?

A fêmea de demônio estudou Jasmine por um momento e, de repente, explodiu em sua mente. Toda a força da vampira era nada comparada ao poder que invadia seus pensamentos.

— Pobre menina confusa... — Ruth murmurou. — Aqueles licantropos são mesmo um problema, não são? Por que se martiriza tanto? Você sabe o que deve fazer. E eu posso lhe mostrar como tê-lo de volta. Ninguém jamais vai desconfiar. Eu posso... — De repente, olhou para a cama e arregalou os olhos. — Onde conseguiu aquilo? —

Pegou o volume com as duas mãos, fascinada. Jasmine queria detê-la, mas estava paralisada. Ruth começou a gritar. — Uma biblioteca? Uma Biblioteca Nightwalker? Mas esse deveria ser o *meu* tesouro! Passei meses cavando aquelas malditas terras geladas! Você viu o Tomo Negro! — exclamou. — Sabia que estávamos perto. Posso senti-lo!

Jasmine sabia sobre o que Ruth estava falando. Havia um livro na biblioteca, um volume que ficava sobre um pedestal central, com capa preta e páginas infinitas de encantamentos e magia em todos os idiomas imagináveis e, como outros livros escondidos naquelas prateleiras, alguns até inimagináveis.

Estava furiosa e impotente. Sentia raiva de Ruth, mas, acima de tudo, sentia raiva de si mesma. Sua mente se tornara uma mina de diamantes para o demônio, que a escavava, extraindo dela tesouros valiosos. Devia ter sido capaz de impedir a invasão.

— Ah, mas eu não sou um demônio qualquer. Não ouviu falar de mim? Na verdade, acho que posso dizer que nem sou mais um demônio. E por que desejaria ser? Toda aquela hipocrisia, todo aquele clima de perfeição e santidade... Aquilo me enjoa! E sabe... Creio ter as respostas que está procurando. Como foi muito útil para mim, vou retribuir com generosidade. Há muitas perguntas perturbando sua paz, Jasmine. Podia ter a vida excitante que sempre quis e todas as respostas. Juro, todos os dias aprendo alguma coisa nova. Vejo coisas nas quais você não ia acreditar. O mundo é minha pérola, e você não imagina o que Pérolas como esta — afagou a capa do livro — podem fazer! E a maior de todas, o Tomo Negro... O que não faríamos com ela! Apreendi muito sobre magia. Estava sempre procurando um nigromante humano poderoso para juntar-se a mim. Agora sei que isso não existe! Por isso, sempre os derrotamos. A magia não é para eles. É para nós! Não há limites para o poder que podemos ter. Eu já tenho meu braço direito, mas você pode ser meu braço esquerdo. Pode ocupar o lugar da minha filha. Comigo, você nunca sentirá falta de nada. Nem será abandonada ou trocada por outro, porque não sou volúvel como os homens. Não vai enfraquecer pelo sofrimento. Pelo contrário, terá mais poder do que jamais teve! Sei que está pensando nisso. Eu sinto. Vamos, deixe-me mostrar as verdades que transformam em mentiras tudo que você aprendeu.

Jasmine não conseguia falar. Quem ela poderia ser sem Damien?

Era desanimador perceber que estava presa em outro círculo sem fim.

Syreena acordou com dor no braço, mas feliz por estar cercada pelo calor de seu parceiro. Virou-se para ele, aconchegando-se com um suspiro. Ele despertou do sono, buscando sua face com os lábios e os dedos gentis.

— Eu poderia facilmente me acostumar com isso — ela sussurrou.

— Acho que vai ser obrigada a se acostumar — ele respondeu, com um riso baixo. — Não despertará ao lado de mais ninguém em toda a sua vida.

— Essa é uma promessa bastante prolongada, príncipe Damien.

— Que eu pretendo manter, princesa Syreena. — Ele a beijou para selar o juramento solene. — Precisamos conversar sobre alguns assuntos, mas mal sei por onde começar.

— Vamos começar por Jasmine.

— Certo. O que posso fazer para satisfazer vocês duas. Honestamente, eu não sei.

— Posso dizer o que prefiro que não faça. Não se alimente dela de novo. Eu não suportaria o aroma em você. Nunca achei que eu fosse ciumenta, mas acho que sou.

— Não mais do que eu seria. Não pretendo me alimentar de outra fêmea de novo. Seria como permitir que outro vampiro sorvesse seu sangue. Tenho certeza de que minha reação seria possessiva e provavelmente violenta.

— Bem, então concordamos quanto a isso. O que mais posso dizer? Não vou pedir que deixe de ser seu amigo. Ela se sente ameaçada e teremos de encontrar uma forma de fazê-la entender que não é minha intenção excluí-la.

— Não, você não faria isso. Seremos amigos, mas ela terá de decidir se vai ou não ficar sob meu teto. Odiaria perdê-la.

— Ela poderia ajudá-lo a proteger nosso território. Acho que vamos precisar.

— Logo terei que receber meu séquito. Teremos privacidade em nossos aposentos, mas a casa terá uma dinâmica diferente assim que eles voltarem.

— Bem, acho que não faremos amor na cozinha durante algum tempo. — Ela riu.

— Eles não se importariam. Por falar nisso, as coisas talvez sejam um pouco liberais para o seu gosto. E bastante conservadora, para um licantropo.

— Então, teremos que nos adaptar. Contanto que eu seja aceita, o restante são detalhes.

— Concordo. Quando à aceitação, acredito que os que são leais a mim acabarão aceitando. Aqueles que se opõem apenas por prazer, irão criar polêmica, mas isso logo vai passar. O que me preocupa são os que se ressentem do meu poder. Teremos de nos manter atentos. — Ficou em silêncio por alguns instantes. — E, quando vier governar comigo, meu amor, o que será da herdeira de sua irmã?

— Ela vai renunciar a isso. Os licantropos nunca aceitarão dois machos de outra espécie casados com a realeza em seu território. Não arriscarei o trono de Siena com o potencial para uma rebelião. Se eu me casar em solo estrangeiro, isso pode ser usado como... um tipo de propaganda. Se eu não tiver um pé em seu trono, eles acharão fácil celebrar nosso... nos celebrar.

— Você pode dizer — falou suavemente. — Nosso casamento. Pode falar nisso como um fato consumado, pois nós dois sabemos que é.

— Vampiros não se casam — lembrou-o.

— Vampiros não se casam agora — ele corrigiu. — Nós nos casávamos antes. Porém, nos tornamos muito mimados e caprichosos em nosso egoísmo para encontrar necessidade e sentido nisso. Eu encontrei as duas coisas, amada.

— Você é meu amado, Damien. Sinto isso no fundo do meu coração.

— Eu sei. Eu senti seu coração em cada beijo, em cada toque. Seria um tolo se confundisse isso.

— Gostaria de ter a sua confiança. — Suspirou. — Tive dificuldades em expressar meus sentimentos e, ainda assim, você acreditou neles com tanta certeza. Você pareceu saber antes de mim.

— Apenas porque durante minha vida aprendi a discernir a verdade da confusão. Você também aprenderá, um dia, quando tiver vivido bastante. — Hesitou por um momento, beijando-a no rosto. — Ainda não disse se quer se casar comigo.

Para seu desconforto, ela riu.

— Onde está o sr. Confiança agora? O que aconteceu com o "fato consumado"? — Ela não conseguia parar de rir.

— Você é uma menina ingrata.

— Porque eu ousou rir de você, meu príncipe? Sofrerá esse tipo de coisa se pensa em casar com uma princesa que não se deixa impressionar por um título. Mas você causa impactos de outras maneiras, meu amor. Eu não me preocuparia muito.

Ele sorriu ante aquelas palavras.

— Diga de novo — exigiu em um sussurro. — Se soubesse como eu adoro escutar...

— Meu amor — ela repetiu, corando. — Eu não teria futuro sem você, Damien. — Beijou-o com afeto. Ao afastar-se, perguntou: — Há algo mais que gostaria de discutir?

— Sim. Quero falar sobre Ruth. Ela escapou do que fez a você, assim como tem se esquivado das consequências de toda a dor e morte que está provocando. Ela precisa ser punida. Acho que é hora de fazermos um esforço conjunto dos Nightwalkers para combatê-la.

— Concordo totalmente com isso. Ela perdeu a razão. Loucura e maldade formam a pior combinação.

— Acrescente a isso inteligência e grande poder, e chega-se ao motivo pelo qual ela tem escapado repetidas vezes.

— Acredito que ela é a maior ameaça — Damien opinou no Salão Principal do castelo de Noah. — Se nos dividirmos para procurá-la, e ainda dividirmos nossos esforços entre ela e os nigromantes, vamos nos enfraquecer e ficar vulneráveis. Acredito que é isso que nos impede de capturá-la de uma vez por todas. Ela se aliou a outras espécies, e por isso agora tem muito mais poder. Nós também devemos combinar culturas.

Os líderes Nightwalkers o ouviam com grande atenção. Aquela era uma reunião sem precedentes. Todas as espécies estavam representadas no encontro organizado às pressas.

Lá estavam Siena e Elijah, rainha e consorte dos licantropos; Noah, rei dos demônios; Hawk, o mistral bardo, e Windsong, a mistral sereia, ambos entre os mais idosos e respeitados da espécie; Isabella, a primeira druida a emergir do estado de dormência; e, para surpresa de todos, Malaya e Tristan, os dois altos chanceleres dos habitantes das sombras, que não costumavam se relacionar com as outras espécies.

Por causa deles, a iluminação era amena, restrita ao fogo brando na lareira e a algumas velas espalhadas pelo salão. Todos conheciam sua sensibilidade à luz, e eles eram os que mais despertavam curiosidade entre os dignitários visitantes. Seus traços combinavam o exotismo do Oriente Médio com a força dos ameríndios, e ambos tinham cabelos negros e lisos que brilhavam como ônix polido. Vestiam-se com elegância e sofisticação.

— Nós também devemos combinar culturas — Damien repetiu. — Não só uma ou duas, mas todas. Todos os Nightwalkers correm o risco de ser atingidos pelas tramas de Ruth. Ela já atacou demônios, druidas, licantropos, e foi vista em território mistral.

— Ontem ela esteve no território dos vampiros. Damien e todos os outros olharam para Jasmine, autora da declaração.

— O que aconteceu? — perguntou o príncipe.

— Esteve com Ruth? — indagou Noah.

— Passei boa parte da noite com ela. Ruth chegou por volta das onze e partiu uma hora depois do amanhecer. Deve ter planejado o horário da partida de forma a me impedir de segui-la.

— Oh, Deus! — exclamou Isabella.

— Jasmine, por favor, conte-nos o que aconteceu — insistiu Damien, estranhando que Jasmine houvesse escapado ilesa de um encontro com Ruth. Estava aliviado, sim, mas ainda lembrava o que Syreena havia sofrido nas mãos daquela criatura diabólica e transtornada.

— Vou começar dizendo que tudo que você me disse sobre Ruth era mentira, Damien. Pelo menos é agora. Ela é dez vezes mais poderosa do que me disse. Usando apenas a força da mente, ela me fez prisioneira durante todo o tempo que passou comigo. Tudo que eu sabia, agora ela sabe. E isso inclui... a localização da biblioteca.

— Pela Deusa! — Siena exclamou. — Jinaeri está desprotegida! Existem apenas alguns guardas, e os Nightwalkers que lá estão agora...

— Por isso vim assim que pude. Pode ficar calma, Siena — Jasmine a tranquilizou. — Estive com Anya, a general de seu exército, e ela está cuidando do assunto. Ela me disse onde eu poderia encontrá-los. — Olhou para Damien.

— Não sei o que aconteceu depois disso. Se Ruth é capaz de viajar sob a luz do sol ou teleportar-se por grandes distâncias talvez seja tarde demais.

— Nenhum de nós pode fazer nada agora — Elijah manifestou-se. — Ruth teve o dia todo para agir. Sei que ela é forte o bastante para enfrentar a letargia que nos domina durante as horas de luminosidade, mas não pode resistir por muito tempo. Ainda podemos esperar que ela tenha esperado pela noite para causar problemas.

— Elijah, não posso ficar aqui sentada e...

— Siena, isso pode ser o que Ruth quer. Correr para a biblioteca como uma maluca é o mesmo que pular na ratoeira. Ela deve ter tido um bom motivo para permitir que Jasmine chegasse aqui ilesa. Talvez a razão seja exatamente essa: ela

quer que o alarme seja dado, porque assim vamos correr todos para as armadilhas que ela já preparou.

— Não entendo — Malaya falou com sua voz melodiosa pela primeira vez, atraindo a atenção de todos. — Por que um demônio renegado está atacando vampiros e licantropos?

— Malaya, essa é uma longa história que envolve o raciocínio distorcido de uma mulher desequilibrada — disse Noah.

— Não — Jasmine o contrariou. — É um erro pensar que não há método na loucura de Ruth. Quando falou comigo, ela revelou lógica e inteligência assustadoras, apesar da risada enlouquecida. Talvez antes ela tenha feito ameaças vazias, mas agora está claro que ela tem um plano traçado com astúcia.

— Jasmine está certa — disse Elijah. — Nós a encontramos acidentalmente nos últimos meses nos lugares menos esperados, nos momentos menos prováveis fazendo coisas para as quais não tínhamos explicação. Se unirmos tudo isso...

— Ela está procurando alguma coisa — deduziu Syreena. — Sabíamos que ela procurava a biblioteca quando a encontramos escavando território licantropo.

— O Tomo Negro — revelou Jasmine. — É isso que ela quer.

— E já deve ter conseguido pegá-lo! Pela Deusa! — Syreena reagiu com pavor e ultraje. — Você tinha razão, Noah! Devíamos ter queimado o livro!

Noah olhou para Isabella, única que se opusera à destruição do livro, e leu a culpa em sua expressão. Precisava aliviar sua consciência.

— Podemos queimar o livro agora, se decidirmos. Esta lá embaixo.

— Está... *onde*?

— Na biblioteca dos demônios. Siena e eu discutimos o assunto há algum tempo e decidimos que, depois da abertura da biblioteca, o Tomo Negro estaria mais seguro aqui. Especialmente com Ruth perambulando pelo território licantropo. Depois do que aconteceu com você, Syreena, achei melhor agir rapidamente.

— Mas eu vi o livro no pedestal há poucos dias — argumentou Jasmine.

— É claro que viu. Não seria sensato revelar a todos os frequentadores da biblioteca o que havia acontecido com o tomo, caso Ruth encontrasse o lugar e comesse a invadir seus pensamentos. Conheço o inimigo, Jasmine. Deixei no lugar dele um compêndio de aparência idêntica, mas cheio de poemas de demônio. — Ele sorriu.

Todos riram, reconhecendo a inteligência do ato.

— Então, essa Ruth levou um verso de rimas inocentes em vez do poderoso compêndio que esperava — comentou Tristan, sorrindo.

— Só espero que ela tenha percebido a troca depois de levá-lo, e não antes — Noah comentou, preocupado. — Não quero pensar no que Ruth pode fazer durante um ataque de fúria.

— Temos de tomar providências para manter o livro fora do alcance dessa criatura — Jasmine opinou. — Ela acredita que o uso da magia é direito dos

Nightwalkers, que os humanos são fracos demais para dominá-la, mas que nós, seres da noite, podemos usá-la sem sofrer nenhuma influência do Mal.

— Ela não deve sentir o próprio cheiro — disse Elijah. — É possível sentir de longe a mácula da magia negra e do Mal.

— Agora ela faz parte do Mal, por isso não sente o cheiro em si mesma — disse Siena.

— Há mais alguém com ela — Jasmine revelou.

— Mais alguém? Quem? — Noah agitou-se.

— Quando me convidou para fazer parte de seu grupo de seguidores, Ruth revelou a existência de um braço direito. Ela conseguiu aliciar outro Nightwalker. Não sei quem é ou como ela fez isso, mas sei que aconteceu.

— Se consegui aliciar o primeiro, ela vai tentar conquistar outros aliados — Elijah comentou.

— Sim, ela sabe que os humanos são fracos demais para nós. Sabe que precisa do apoio de Nightwalkers. Por isso ela não fez nada contra mim, Damien. Queria que eu fosse a portadora desse recado. Ela quer que todos vocês saibam que não vai ser fácil derrotá-la com os novos seguidores.

— Ela está blefando — Noah opinou. — Quer nos deixar com medo, porque o medo reduz nossa força.

— Está funcionando — Isabella confessou.

A discussão prosseguiu, mas Jasmine cochichou alguma coisa no ouvido do príncipe, que pediu licença para retirar-se por um instante com a velha amiga. Syreena os viu sair e tentou não sentir ciúme da evidente cumplicidade entre os dois.

No jardim, certa da privacidade que os cercava, Jasmine não perdeu tempo.

— Damien, tenho uma confissão a fazer. Sei que vai ficar muito zangado comigo, mas preciso falar, porque há muitas coisas importantes em jogo.

— O que é?

— Ruth levou o livro que eu estava lendo.

— Eu já imaginava. E ela terá acesso a todos os outros que existem na biblioteca, se Anya não a detiver.

— Sim, mas não sei qual é a importância dos outros livros. Já o que eu lia... Bem, reconheci sua importância há algum tempo, e não posso ignorar seu potencial de dano.

— O que quer dizer?

— Você me incumbiu de procurar por um precedente para sua relação com aquela... com Syreena. E eu encontrei o que buscava nas páginas daquele livro.

— Há quanto tempo?

— Há dias. Desde que Jinaeri foi designada bibliotecária. Mas você já estava reconciliado com a... com Syreena. Disse a mim mesma que você não precisava mais da explicação, mas cometi um erro, agora eu sei. Há coisas... coisas terríveis e maravilhosas que você precisa saber.

— Jasmine, vamos direto ao ponto, está bem?

— Muito bem. O livro relata outras uniões entre vampiros e licantropos. Na verdade, ele relata cerimônias estritamente designadas para esses casamentos. Há milhares de anos, a ocorrência era comum e, como você suspeitava, foi a partir daí que surgiram os mitos sobre vampiros que mudavam de forma. E não eram mitos. Se um vampiro e um licantropo se sentiam atraídos e eram compatíveis, podiam desenvolver uma prática chamada de troca. A troca é o primeiro passo em uma cerimônia denominada união. Um casamento, em termos mais simples. A troca é exatamente isso. O vampiro se alimenta da parceira. Ao sorver seu sangue, ele absorve um aspecto da parceira e o incorpora definitivamente em sua estrutura.

— O corvo, no meu caso.

— Sim, mas isso ainda vai mais longe. É um círculo completo. Ela precisa do seu sangue para concluí-lo. Quando esse círculo se fecha, ela absorve um aspecto seu. Não sei qual, mas é alguma coisa com a qual nossos ancestrais ficaram muito impressionados e preocupados. Também descobri que há um bom motivo por trás dos tabus que herdamos. Embora só possa haver uma união entre um vampiro e outro Nightwalker, pode haver dúzias de trocas. Você entende? Seu coração vai estar ligado ao daquela mulher por toda a eternidade a partir do momento em que ela se alimentar de seu sangue. Nada, nenhuma força na terra vai poder mudar essa situação. Só a morte. O mesmo vale para ela. Ela estará unida a você até a morte.

— E o que...

— Ainda não terminei. O terror vem do vampiro, Damien. O vampiro que se alimenta de Nightwalkers pode colecionar poder como uma criança acumula brinquedos, aumentando seu estoque a cada mordida, absorvendo aspectos de todos até ter dentro de si todas as criaturas. Entende o que estou dizendo? Um vampiro pode se tornar indestrutível. A escolha de não se alimentar de Nightwalkers foi moral. Nossos ancestrais se reuniram e juraram ensinar aos descendentes o pavor de sorver o sangue de outro Nightwalker. Criaram fábulas e histórias e os encheram de medo, controlando as gerações futuras para evitar o poder desmedido. Foi um sacrifício, Damien, com inúmeras ramificações. Eles conseguiram o que queriam, e assim nos transformaram no que somos agora. Quando tiraram de nós essa possibilidade de união tão especial, roubaram também nossa chance de conhecer o amor e a profundidade de emoções que o acompanha. Privaram-nos da experiência que agora você está vivendo com essa mulher que escolheu. É isso que nos faz tristes, Damien. A solidão. Não temos mais a possibilidade de nos tornarmos monstros de poder invencível, mas também não podemos encontrar nosso ser complementar.

— Entendo...

— Por isso há tão poucas crianças. Sem o amor verdadeiro, poucos se sentem compelidos a ter filhos e criá-los. Temos filhos, mas nunca os criamos. Eles simplesmente... crescem. Temos sexo, mas não amor. Não temos prazer verdadeiro, porque o buscamos de maneira constante e indiscriminada pela sensualidade. Queremos, procuramos, mas não sabemos realmente o que buscamos. Desconhecemos o medo, mas também não sabemos o que é felicidade.

— Como os demônios quando destruíram os druidas.

— Sim, mas eles não sabiam o futuro que estavam criando para eles mesmos. Nossos ancestrais sabiam, eu acho. Há muitos eufemismos no livro. Eles escreveram a história com a esperança de que um dia tivéssemos a maturidade necessária para reabrir as possibilidades. Por acidente, foi o que você fez. A troca. Pode imaginar o que outros fariam deliberadamente, se soubessem disso? E agora Ruth tem o livro. Se ela descobrir...

— Se encontrar um vampiro que possa atrair como aliado...

— Nosso problema vai ser muito maior do que enfrentar um demônio que usa magia. E ainda nem discutimos a questão da informação propriamente dita, da importância dessa descoberta para o nosso povo.

— Sim, eu sei. Devo deixar meu povo continuar melancólico e sozinho? Dou a todos a chance de procurar o amor que encontrei por acaso? Como um homem pode tomar uma decisão tão importante sozinho? Como posso selar o destino de tantos?

— Esse é seu dever de príncipe.

— Não, não é! Um governo não tem o direito de decidir se o povo pode ou não ser feliz! E não estamos falando somente do meu povo, Jasmine. Os líderes reunidos na sala que acabamos de deixar comandam indivíduos que também serão afetados. Quantos Nightwalkers vivem solitários por não poderem encontrar os parceiros vampiros?

— Ou os parceiros demônios — ela acrescentou, pensando em Elijah e Siena.

Não era a primeira sugestão que encontravam de que raças distintas de Nightwalkers haviam se ligado no passado. A biblioteca era a maior de todas elas. Um esforço combinado entre clãs que se tornaram conhecidos pela total falta de cooperação.

— Jasmine, percebe que é a primeira vez que não existe uma guerra entre Nightwalkers? Sempre existiu alguma coisa, uma diferença entre duas raças... Desde que Siena foi coroadada, restou apenas a guerra fria entre todas as raças e os habitantes das sombras. E não me lembro de nenhuma hostilidade praticada por eles ao longo dos séculos, mas havia uma desconfiança encoberta, acusações veladas... Hoje, quando olhei para os chanceleres, pensei que eles podem ter sido bodes expiatórios para muitas coisas.

— O que quer dizer?

— Talvez seja hora de deixarmos de separar assuntos de vampiros, de demônios e de licantropos, e começar a tratar tudo como assuntos de Nightwalkers. O que acabou de me contar afeta a todos igualmente.

— Damien! Não pode estar pensando em entrar naquela sala e contar isso a todos os líderes! Eles nos verão como uma ameaça quando falar sobre a troca e o poder que podemos absorver.

— Talvez. E talvez estejam certos. Mas eles têm o direito de saber que podemos estar causando a solidão de muitos em todas as raças. Sei que não se importa com essa bobagem emocional, que considera tudo isso uma grande fraqueza, mas é algo importante. Representa uma força. Amar e ser amado é a maior fonte de poder que pode existir.

— Um poder que o faz querer torrar ao sol? — ela disparou com sarcasmo.

— Ou beber veneno na cripta da família, ou trair o rei de Camelot, ou trocar pés por nadadeiras ao ver seu amor se casar com outra. Sim, todas essas coisas horríveis e muito mais. Mas, quando dá certo, quando tem uma chance de se realizar, acontece a marca, você tem a união, e passa a eternidade feliz ao lado de sua alma complementar. Você fica sobre a terra, Jasmine, e aprende algo novo todos os dias. Não há mais tédio. Não quer viver essa alegria?

— Nunca mais quero sentir a dor que conheci nessa última semana, quando pensei que estava perdendo você. Amar alguém e sentir isso... Não suporto nem pensar!

Mas havia algo nos olhos de Damien, em seu tom de voz, uma espécie de vibração nova que despertava nela o desejo de conhecer essa emoção. De repente, queria saber o que estava perdendo.

Não.

Não era de repente.

Sempre. Todos os dias de sua vida soubera que faltava alguma coisa. Mais sensível que os outros, caíra muitas vezes em desespero sem nem sequer saber por quê.

E se esse fosse o motivo?

— Droga!

O príncipe viu Jasmine se afastar, dominada por inúmeros conflitos. Passara por isso muitas vezes na última semana. Mas agora sabia que só havia uma verdade em tudo isso, uma única verdade a que tudo se resumia.

E iria ao fim do mundo para ver a amiga feliz como ele estava.

Arriscaria tudo por isso.

Estava certo desde o início. Tinha o dever de dizer a verdade e deixar cada um decidir por si. Sua responsabilidade seria conter aqueles que tentassem usar esse novo conhecimento para o Mal. Escolheria alguém para desempenhar em sua sociedade o papel que era de Jacob entre os demônios. Um Defensor. Alguém que conteria e puniria os que abusassem do privilégio da troca.

Jasmine voltou ao ler seus pensamentos.

— Stephan — ela disse. — Ele tem um exército sob seu comando, e como não estamos em guerra... Bem, podemos dar um propósito ao comandante e seus comandados. Stephan sempre escolheu e treinou seus soldados com competência e dedicação. Se os espalharmos pelos territórios certos... vampiros, Nightwalkers, humanos... Bem, seria como ter uma... uma...

— Uma rede sensorial — Damien concluiu. — Um sistema de monitoramento capaz de interceptar e deter vampiros mal-intencionados antes que possam ir longe demais.

— Melhor que isso. Uma rede capaz de interceptar Nightwalkers em geral. Não faríamos nada contra os de outras raças, mas poderíamos alertar o governo responsável sobre os crimes praticados.

— Entende agora o que digo? Se as seis espécies de Nightwalkers se unirem dessa maneira, podemos assegurar nossa proteção de criaturas como Ruth. Deve haver

uma versão de Ruth, ou várias versões, em cada uma de nossas sociedades. Os que sempre conseguem se manter fora do alcance dos nossos métodos de policiamento.

— Como Nico. Você teve sorte, Damien por ele ter morrido naquele confronto. Talvez deva formar e manter uma corte, afinal, para garantir sua proteção. E a de Syreena, também. Eles não hesitariam em capturá-la para chegar até você.

— Eu sei e, apesar de ela ser forte, prefiro não expô-la a esse desgaste. Especialmente se... — Ele parou, olhou para o chão e chutou uma pedra com um sorriso acanhado. — Especialmente se queremos começar uma família, e eu sei que ela quer. Graças a você, Jasmine, agora sei que isso é possível.

— Você me surpreende, Damien. Nunca quis ter filhos!

— Você também não.

— Não sou do tipo maternal.

— Não perca a oportunidade de mudar isso, Jasmine.

— Eu, grávida? Nunca!

— E quanto a se apaixonar?

— É para os poetas, não para mim. Quero dizer, não agora. Nem tão cedo. Tenho uma tarefa importante diante de mim. Preciso ajudar Stephan a preparar o exército, e tenho de coordenar os esforços com nossos embaixadores. Depois, vou ter de ajudá-lo a escolher embaixadores para a corte dos habitantes das sombras, porque sei que está pensando em enviá-los. Precisamos de alguém para ir viver entre os mistrais. Alguém mentalmente forte para resistir ao encanto de suas vozes, e musical, talvez, para poder apreciar o novo posto. Alguém silencioso e recatado, que fale pouco, mas que, quando abra a boca, tenha muito a dizer.

— Ah, é bom saber que vou ter uma rede de segurança. Sinto que alguém está cobiçando meu trono — ele brincou.

— Isso significa que vai ficar conosco?

— Vou ficar na corte — ela o corrigiu. — Acho que devia se instalar na Romênia, Damien. Nossa terra natal. A propriedade que mantém lá é grande o bastante para expandir sua corte como é necessário, sem perder a privacidade. E ainda vai sobrar espaço para receber todos os hóspedes que quiser. Além disso, é mais perto das terras de sua escolhida. Dessa maneira, ela vai poder visitar a irmã mais vezes. E, quanto mais visitas ela fizesse, melhor.

— Prometa-me uma coisa, Jasmine. Se Syreena provar que é digna do meu trono, vai tratá-la com o respeito que ela merece?

— Sim. Em público, sempre serei a súdita que você espera que eu seja. Mas, honestamente, nunca deixarei de pensar que ela é fraca demais para ser sua rainha.

Damien riu e abraçou-a. Jasmine suspirou, contente com a demonstração de afeto. Era como se nada entre eles houvesse mudado. Como se nada jamais fosse mudar.

Faltavam duas horas para o amanhecer quando eles finalmente receberam notícias sobre o que acontecera na biblioteca. Damien já havia revelado as recentes descobertas sobre a história dos vampiros e seus possíveis desdobramentos para o futuro, e oferecera um embaixador para a corte dos habitantes das sombras, o que fora prontamente aceito.

A mensageira enviada por Anya, Nita, abandonou a forma de coruja e curvou-se diante de Siena e de todos os dignitários presentes.

— Minha rainha, trago notícias da biblioteca. Quando lá chegamos, ela havia sido saqueada. Jinaeri é a única sobrevivente. Só se salvou porque adquiriu a forma de lêmure e escalou as estantes para se esconder em um canto alto afastado. Os monges... Todos os outros...

— Kelsey? — Damien perguntou.

— Não sobreviveu. Sinto muito. Havia quatro guardas, três monges, e uma mistral, além de Kelsey. Lamento todos.

— Prossiga.

— Jinaeri relata que Ruth não estava sozinha. Havia um... vampiro com ela.

— O quê? — Damien explodiu. — Como ela sabe que era um vampiro?

— Ele rasgou o pescoço da mistral e a deixou sangrar até a morte. Só um vampiro poderia superar o canto de uma mistral e exibir suas presas. Eles chegaram teleportados, atacaram e saquearam a biblioteca. Não há rastro que possamos seguir. E isso é tudo que sabemos.

— Eu posso ir atrás dela. Vou matar aquela...

— Não, Damien. Não pode enfrentar Ruth sozinho. E ela está acompanhada por um vampiro — Noah argumentou. — Chegou a hora de realizarmos um esforço concentrado.

— Quanto mais tempo eles tiverem, pior será — opinou Jasmine.

— Temos que correr o risco — persistiu Noah. — Precisamos nos preparar. Não vou sacrificar mais gente por causa dessa psicótica. E meu povo é o que corre maior risco com a associação desse vampiro a Ruth. Estamos todos em risco, mas são os demônios que têm o tipo de poder que os vampiros cobiçam. Por enquanto, o melhor a fazer é ficar longe dela. Vamos alertar todos os membros de nossas sociedades. Se os deixarmos espalhados e desprevenidos, eles serão como cordeiros esperando pelo sacrifício.

Damien começou a andar pela sala, impaciente.

— Não posso tolerar essa falta de ação pelo tempo que estão propondo — ele disse, subitamente. — Seria imperdoável deixar essa oportunidade passar quando Ruth pode ser rastreada agora... hoje.

— E depois faremos o quê? Lutaremos contra seu poder incomensurável assim como o do vampiro desconhecido? Um poder que matou diversos Nightwalkers de uma vez? — questionou Siena. — Sinto-me como você, Damien, mas perdi muitas pessoas boas para essa vadia assim como Noah, e aprendi que caçá-la em um impulso nunca

nos leva a lugar nenhum. Pessoalmente, voto pela sua ideia original de criar uma rede, um sistema de monitoramento. Ruth vai tropeçar nos próprios pés e...

— Com sorte antes de ela ter poder suficiente para nos matar às centenas — disse Damien, com sarcasmo. — Minha ideia se referia a futuras ocorrências, e não a ignorar o presente. Mas digamos por um momento que queiramos que esse tipo de colaboração funcione no futuro. Que melhor maneira de provar aos nossos seguidores que dará certo do que se todos nesta sala e aqueles muito poderosos tomarem conta agora de Ruth de uma vez por todas?

— E arriscar o grupo de líderes que, após muitos milênios, conseguiu a paz entre as espécies? Se algum de nós morrer, Damien, as consequências afetarão todos os povos, e essa calma é muito recente para sobreviver a isso.

Damien olhou Syreena com frieza assim que ela se manifestou. Fora algo impulsivo dizer o que estava pensando, sem se preocupar com a maneira como ele receberia o comentário. Ela se acostumara a manifestar sua opinião mesmo contra a autoridade de Siena. Até sentir o desagrado do príncipe, não tinha percebido como ele podia encarar sua posição, quando esperava apoio de sua parte. Porém, não se arrependeria do comentário, nem sequer por amor a ele. Havia muito em risco.

— Enquanto isso — Syreena prosseguiu com mais suavidade —, deveríamos levar a cabo as ações que discutimos, assim como algumas outras. A biblioteca, ou o que restou dela, deve ser transferida. Ainda há muitos tesouros no acervo, coisas que Ruth nem imagina. É assim que vamos nos proteger, guardando esse conhecimento pelo bem das gerações futuras que um dia podem precisar dele.

— Então, temos um plano — Malaya concluiu com firmeza. — E muitas etapas a realizar antes de pô-lo em prática. O primeiro passo é que nos aperfeiçoemos no policiamento, para manter a ordem entre os nossos.

— Em segundo lugar, precisamos colocar embaixadores em todas as cortes para conhecermos melhor uns aos outros. A verdade. Sem especulação ou preconceito — acrescentou Tristan.

— Em terceiro, devemos proteger a biblioteca — disse Syreena. — Ela será instalada em local comunitário onde possa ser visitada com facilidade e segurança, um lugar protegido por todos nós.

— E, por fim, temos de alertar todos os Nightwalkers sobre a ameaça a que estamos expostos — lembrou Damien. — E vamos formar uma rede multicultural. Uma versão Nightwalker das Nações Unidas, podemos dizer.

— É isso. Policiamento, preparo, proteção, e tranquilidade — resumiu Syreena, com um sorriso.

— E propaganda — Noah sugeriu. — Uma reunião mensal como essa que temos aqui, aberta, bem divulgada, de forma que aqueles que nos seguem entendam perfeitamente quais são os objetivos. Dessa vez, farei tudo que puder para manter abertos os canais de comunicação entre os Nightwalkers de todas as raças.

Todos concordaram.

CAPÍTULO V

Syreena andava pelos corredores do castelo de Damien na Romênia. Ele saía para caçar, e Jasmine fora até a mansão na Califórnia, mas retornaria em breve. A princesa estava segura entre as espessas paredes de pedra. O lugar era uma mistura de castelo e monastério, com torres se erguendo em torno de uma área retangular de onde se abriam diversos aposentos. Damien passara décadas longe dali, mas não negligenciara a propriedade. Não fosse pelo braço fraturado, ela se teria transformado no falcão para sobrevoar o lugar e apreciar melhor sua beleza. E ainda poderia fugir das teias de aranha que via nos cantos. As criaturas causavam arrepios que ela não conseguia conter!

— Eca! — reclamou ao sentir no rosto uma das armadilhas sedosas.

— Acho que você tem uma aranha no cabelo.

Syreena ofegou, levando a mão ao cabelo conforme virava para encarar Damien.

— Onde?

— Bem atrás daquela parte de sua cabeça que gosta de me contradizer diante de mais de meia dúzia de dignitários visitantes.

— Damien! — Bateu com força no ombro dele, obrigando a recuar um passo enquanto ele ria. — Não tem graça.

— A ex-monja treinada para matar com as próprias mãos tem medo de aranhas?

— É minha função contradizer egos reais inflados, especialmente quando eles querem sair correndo para ter a cabeça arrancada.

— Nunca percebi que tinha tão pouca confiança em minhas habilidades.

— Você mesmo sabe que não enfrentaria Ruth sozinho. Por que não fez isso quando foi me resgatar? Teve a oportunidade, o tempo e a força e todo o seu poder. Por que não a eliminou de uma vez por todas?

— Porque eu estava ocupado salvando seu traseiro insolente e ingrato.

— Uma vida em troca de dúzias de outras que estaria salvando?

— Uma vida muito importante para mim.

— Bom. Lembre-se disso da próxima vez que eu contrariá-lo diante de mais de meia dúzia de dignitários.

Ele suspirou profundamente.

— Lembrar-me ou me arrepender?

— Muito engraçado.

Damien sorriu, incapaz de se conter. Ela o encantava.

— Acho que nós dois podemos mesmo fazer isso dar certo a longo prazo.

— Fico feliz que *você* acredite nisso — ela disse, com um sorriso travesso.

Damien puxou-a para perto de seu corpo.

— Você vai ser feliz aqui? — Ele a abraçou. — Longe da sua casa?

— É claro que sim. Siena não precisa mais de mim. Talvez minha ausência sirva para ela superar o medo de ter filhos. O povo espera um herdeiro para o trono.

— Siena tem medo de ser mãe?

— Pavor! Ela ainda não percebeu, só isso. E Elijah também não notou que ela está adiando a procriação.

— Elijah... pai! — Damien não conteve o riso. — Ele não vai saber o que fazer com um bebê!

— Tem razão. Pensando bem, fico feliz por não estar lá. Eles me deixariam exausta!

— As crianças?

— Não, os pais!

— E você, doçura? Não quer ter filhos?

— Você quer?

— Essa é uma daquelas questões importantes que ainda não discutimos, não é?

— Sim. Eu sempre quis encher uma casa de filhos...

— Não essa casa, espero. — Ele riu.

— Não! Definitivamente não tantos para encher essa casa. — Ela sorriu. — Bem, talvez possamos procurar uma maior...

— Engraçadinha... Falando sério, Syreena, o que você quer?

— Quero ser feliz — ela respondeu com simplicidade. — Um dia de cada vez. Uma discussão de cada vez. Um filho de cada vez. A vida é muito volátil para planejarmos o futuro distante. Especialmente agora.

— Entendo. Mas não acho que devemos suspender nossa vida por medo do que Ruth possa fazer.

— Mas podemos agir às pressas e nos arriscar? Damien eu não entendo você. Seguro parte do tempo, descuidado em seguida? Você me deseja e quer filhos, e há menos de uma hora estava considerando algo próximo do suicídio. Não espero que sentemos tranquilamente enquanto outros se arriscam por nós, mas espero que você se lembre de que não o único a considerar agora. Não sabe que leva meu coração com você aonde vai?

— Assim como você leva o meu. — Inclinou-se para beijá-la na testa. — Você tem razão, e eu sinto muito. Prometo que vou ser mais cuidadoso em relação aos seus sentimentos e opiniões no futuro. Eu estava aborrecido antes. Ainda estou me adaptando a essa nova e súbita profundidade de sentimentos.

— Eu sei... Damien, você confia em mim?

— Que tipo de pergunta é essa?

— Estava apenas pensando se algum dia vai contemplar a possibilidade da troca comigo.

— Por que não?

— Porque é assustador! Dar parte de si mesmo sem saber o que vai acontecer... Eu não sabia o que estava fazendo quando você recebeu aquela parte de mim que fez de você corvo. Não tive de escolher.

— Está arrependida?

— Não. Estou feliz por tudo ter acontecido como foi. Não sei se teria sido capaz de escolher. Lembre-se, eu não era muito boa para decidir as coisas sozinha. Ainda não sou.

— Mas está melhorando. Você quer completar a troca, Syreena?

Ela hesitou, sentindo-o observá-la com expectativa. Ficara sabendo daquilo apenas algumas horas antes, e sua maior preocupação era o que aconteceria com ela. Não que tivesse muito a temer. Quando era criança e adoecera, Windsong a curara despejando nela seu espírito por meio das canções místicas, e dessa intervenção se originara sua porção ave. Os mistrais só se transformavam em pássaros. Não podia ser coincidência que ela fosse também um falcão. Depois surgira o golfinho, e agora parte de Damien se mesclaria àquela miríade que era sua personalidade.

— Damien...

— Eu sei. Sinto muito, mas a curiosidade levou a melhor. Não consegui resistir a espiar seus pensamentos.

— Então, já sabe minha resposta.

— Sim.

Damien estendeu as mãos para puxá-la para mais perto, agarrando-a na parte inferior dos joelhos para deslizá-la em sua direção. Ela escorregou com facilidade sobre os lençóis até que os quadris tocassem a parte interna de suas coxas, e as pernas bem torneadas o envolvessem. Sentavam-se face a face, muito próximos. Ele colocou as mãos na cintura delgada. Suas testas se tocavam enquanto ele a beijava diversas vezes. Estavam nus. Os mamilos roçavam seu peito, e ele se deliciava com a própria reação.

— Adoro senti-la — murmurou de encontro aos lábios inchados.

Syreena sorriu brevemente, antes de receber outro beijo sensual. Acariciou-o nas costas, encantando-se com a maciez e o calor da pele firme. Quando Damien tocou seus cabelos, as mechas envolveram os braços dele até a altura do cotovelo como cobras famintas. O cheiro combinado de suas peles inundava o aposento principal do castelo, onde se encontravam. Ela correspondeu com ardor ao beijo, sem abandonar a lenta exploração do corpo musculoso. Parecia que não se tocavam havia muito tempo.

— Solte minhas mãos — ele disse bem-humorado, puxando de leve um caracol de seu cabelo.

— Por que eu faria isso?

— Porque quer que eu toque você.

Ela não podia contrariá-lo, e então relaxou, libertando-o.

Assim que ele se soltou da amorosa prisão, afagou-a no rosto, nos ombros e braços. Com as pontas dos dedos, seguiu a trilha do pescoço aos mamilos intumescidos, antes de tomar os seios nas mãos.

Syreena sentia o corpo inteiro pulsar, sensibilizado com as carícias eróticas. Fechou os olhos, inspirando profundamente, tomada pelo calor.

— Damien, adoro sentir seu toque — murmurou de encontro aos lábios dele.

Ele capturou seus lábios enquanto percorria com as mãos sua cintura e quadris. Agarrou-a com firmeza, colocando-a no colo, posicionando-a com incrível intimidade sobre ele. Ela ofegou, surpresa, ao sentir o membro ereto pressionando-a, mas logo se abandonou à sensação prazerosa, gemendo.

— Senti sua falta — ele sussurrou em seu ouvido. — Não faz mais de um dia que estive aqui, tão perto de seu corpo, envolvido em seu calor, mas ainda assim senti sua falta.

— Você ainda não está envolvido em meu calor — ela protestou, contorcendo o corpo de encontro ao dele, demonstrando a frustração em relação a isso.

— Parece impaciente, doce — ele provocou, sorrindo, antes de morder o lóbulo de sua orelha, fazendo-a estremecer.

— Diga-me que você não está — exigiu, pontuando o pedido com um movimento provocante dos quadris.

— Estou. — Damien emitiu um grunhido ao sentir o pulsar da gruta úmida e quente que o recebia com evidente prazer.

Deliciou-se com sua reação sem reservas e com a maneira como ela inclinava as costas, promovendo um contato ainda mais íntimo. Os beijos acompanhavam a sensação inigualável daquele contato tão intenso. Nesse momento, ele sentia que Syreena confiava nele completamente. Caso contrário, não se entregaria ao ato de completa exposição e vulnerabilidade.

Syreena apoiou a mão em seu peito, empurrando-o alguns centímetros para fitá-lo nos olhos. E aquele olhar penetrante o fez lembrar por que estavam ali naquele momento.

Ela pegou a adaga de metal com uma inscrição em *vampyr* no cabo.

— *Será cravada em qualquer coração contrário ao meu* — ela leu em voz alta, impressionando-o com a habilidade de compreender seu idioma.

— É um lema de família — ele explicou sorrindo.

— Passional demais para um vampiro. — Ela deslizou a lâmina fria por seu peito. — Diga-me onde — pediu.

— Em qualquer lugar. A escolha é sua, Syreena.

A escolha era dela. Essa era a base do relacionamento entre eles.

Mas, dessa vez, ela não vacilaria. Com seus corpos perfeitamente unidos e a confiança que Damien depositava nela, não havia necessidade de escolher.

Moveu-se tão depressa, que ele quase nem sentiu o frio da lâmina no pescoço. Uma gota de sangue brotou do corte, correndo rapidamente pelo peito e pelo abdômen. O rastro deixado pela seiva da vida se estendeu até atingir o local onde seus corpos se uniam. Syreena soltou a adaga no chão e se inclinou, aproximando os lábios do pescoço de Damien.

No momento em que a boca tocou sua pele, ele teve a sensação do equilíbrio do mundo se alterando à sua volta. As presas surgiram com violência quando ela começou a sugar.

Syreena tinha consciência do efeito que exercia. O membro ereto pulsava dentro dela, e ele gemia com evidente prazer. O sabor não era o que ela esperava. Diferente da mistura de sal e metal que antecipara, era quase doce. E havia poder em seu sangue. Aquilo era diferente de tudo que ela poderia ter esperado. Era uma mistura densa, erótica, entorpecente. Não estava preparada para o fogo que explodiu em seu ventre e se espalhou por seus membros, quase como se quisesse sair pelas extremidades das unhas e dos cabelos.

Damien estava a um passo do clímax, experimentando todas as sensações que Syreena descobria e outras que ele conhecia. Ela encerrou o contato da boca com seu pescoço. Já havia sorvido mais que o suficiente. Ele a envolveu com os braços e continuou se movendo, urrando como um animal no cio, as presas brilhando intensamente.

Tonta, ela fechou os olhos e se entregou ao erotismo, deixando-se levar ao abismo de onde mergulharia para o prazer mais absoluto que já sentira. Damien cravou os caninos alongados em seu pescoço, embora já houvesse caçado naquela noite. O calor do corpo de Syreena o inundou, alimentando a luxúria. Nesse momento, Damien entendeu por que tudo entre eles tinha de ser como era. Aquele era o tempero da vida. Era emoção e paixão em forma líquida, e sabia que nunca se cansaria da sensação. Nem em um milênio. Era a união de almas, o casamento de espíritos, sangue, e corpo.

Era tudo. Ela era tudo.

— Eu amo você — Syreena arfou bem perto de seu ouvido, agarrando-se a ele. Damien selou as feridas abertas em seu pescoço e fitou-a. — Eu amo você — ela repetiu, ao ver seus olhos azuis. Ela soluçou, chorando de emoção e prazer.

Damien nunca sentira o arder das lágrimas. Enterrou o rosto na curva do pescoço dela, os cílios úmidos em resposta aos sentimentos expostos com tanta honestidade.

Quando ela chegou ao clímax, foi como se sofresse uma convulsão. Todo o corpo se enrijecia e pulsava em espasmos sucessivos, acompanhando os ritmos dos soluços que ela não podia conter.

Damien tinha a impressão de estar deixando o mundo real. Quando chegou ao orgasmo com a parceira, teve certeza de que nenhuma outra força do planeta podia ser tão intensa.

Ele caiu sobre os travesseiros, e Syreena largou-se sobre seu peito. Ambos respiravam com dificuldade, tentando se recuperar. Damien não imaginava nada mais completo do que o que experimentara.

Ela havia declarado seu amor. Sempre soubera da existência do sentimento, mas ouvir as palavras o afetara de uma maneira nova e ofuscante.

De repente, acreditava ser capaz de qualquer coisa.

Porque o amor de Syreena por ele significava muito mais do que o amor dele por ela.

Aconchegada ao parceiro, Syreena viu a luminosidade que indicava o nascer do dia. Sentia-se contente e segura. Algo que sempre fora temido por seu povo, o sol agora anunciava que os inimigos estavam inativos, e que nenhum deles deixaria a fortaleza novamente antes do anoitecer. Além disso, estar presa no mesmo aposento que Damien reforçava a sensação de intimidade e segurança.

— Eu posso ouvir esses pensamentos abstratos mesmo sem tentar — ele murmurou.

Ela sorriu e percebeu que nunca sorrira tanto em sua vida. Sempre fora uma pessoa muito séria. Descobrir o humor ao ir viver com a irmã. Mas era Damien quem provocava um sorriso atrás do outro de uma maneira que nunca imaginara ser possível. Sentia-se confortável consigo mesma pela primeira vez na vida, e isso era necessário para tornar-se bem-humorada e feliz.

— Vai sempre se tornar tão filosófica depois de fazermos amor?

Ela riu, erguendo a cabeça para fitá-lo.

— Espero que seja a telepatia a parte de você que vou adquirir. Gostaria muito de bisbilhotar seus pensamentos.

— Doçura, eu adoraria isso, pois me pouparia as preliminares — ele provocou.

— Humm, tenho certeza que sim — disse, descrente. — Acho que você ficaria aborrecido se subtraíssemos as mordidas no pescoço disso tudo.

— É verdade — ele concordou, rindo. — Sinto muito se me deixei levar. Não consigo me conter.

— Não se desculpe, Damien. Parece natural quando acontece. Não é uma invasão. Pelo contrário, amplifica as sensações.

— Acredito nisso. Nunca senti nada parecido antes. Você daria uma vampira excelente.

— Obrigada.

Syreena ergueu-se, apoiando-se nos braços, mas parou, emitindo um ruído de desconforto ao sentir o corpo protestar.

— Dolorida?

— Um pouco. Eu me sinto... Eu sinto como...

— Como se tivesse sido virada do avesso? — ele completou

— Sim. Claro, você sabe.

— Mas acredito que foi um pouco mais violento para mim.

— Permita-me discordar. Estou achando violento no meu caso. — Gemeu ao mexer-se um pouco mais.

Sentiu as mãos dele se estenderem para ajudá-la, mas então ele ficou imóvel, e ergueu o queixo como se ouvisse alguma coisa.

— O que foi?

Ele a olhou como se estivesse surpreso.

— Nada. Não, não é verdade. Não é nada mau. Relaxe, doçura, estamos seguros aqui.

— Como sabe disso?

— Estamos cercados por vampiros. Eles sabem que retornei, e nunca permitiriam que um invasor se aproximasse da propriedade.

— Pensei que vampiros não se congregassem na mesma área.

— A Romênia é nossa terra natal. Aqui é diferente. Os vampiros desse país estão ligados às minhas linhagens por gerações. Existem certas lealdades. Por isso Jasmine sugeriu que viéssemos para cá. Ela sabia que estaríamos protegidos de todas as ameaças quando eu me cercasse de aliados.

— Então, o que está ouvindo?

— Era uma mensagem telepática.

— Que tipo de mensagem? E por que sonega tanta informação?

— Acho que não estou habituado a... bem, esqueça. Foi só uma saudação. Um cumprimento muito antigo sem equivalente linguístico. — Parou para tentar pensar em uma explicação. — É uma espécie de "tudo está bem". Anuncia o amanhecer, marca a passagem do tempo e revela que tudo está sob controle. Se alguém responder, significa que há algo errado. É sempre bom ficar atento para o caso de haver uma resposta.

— Isso é tão... licantropo!

— Não somos tão diferentes quanto podem pensar.

— Estou percebendo isso. Eu... — Ela parou ao sentir o quarto girar violentamente.

— O que foi? — Damien inquietou-se.

— Nada. Só uma tontura. Aí está, essa é a parte de você à qual estou destinada. A falta de equilíbrio.

— Não brinque quando, de fato, não está se sentindo bem. Espero que não tenhamos sido irresponsáveis ao fazer essa troca com tão poucas informações.

— Mas fomos informados... — ela se interrompeu novamente, agora sacudida por um tremor.

— Syreena?—Havia uma falta de tônus em seu corpo que o preocupava. Ele a amparou, sentando-a sobre as pernas e apoiando sua cabeça contra o peito, esperando que a vertigem amenizasse.

— Vai passar — ela murmurou.

— Sabe, me ocorreu que você não tem se alimentado, desde que começou a passar muito tempo com dois de nós, que não precisam de comida. Pode ser isso.

— É, deve ser isso. Claro.

Ela respirou profundamente e desmaiou nos braços dele.

Damien estava encurralado. Numa casa vazia, com o sol brilhando do lado de fora, sem suprimentos e sem meios de obter ajuda. Syreena respirava com dificuldade. Deitada na cama, coberta por um lençol, ela perdia calor rapidamente. Ele não conseguia encontrar explicação para isso, se não aquela que mais temia.

Ele sobrevivera à sua parte da troca, mas fora por pouco. Jasmine garantiria que a troca tinha sido bem-sucedida diversas vezes no passado. Mas, e se as mutações de Syreena a tornassem diferente dos outros Nightwalkers? Se alguma coisa acontecesse a ela em função da experiência, ele não sobreviveria.

Obrigou-se a se tranquilizar. Ela estava passando por uma alteração dramática em sua estrutura fisiológica. Precisava de tempo para se recuperar. Ele mesmo levava um dia para superar o efeito. Pensar nisso o impediu de entrar em pânico, mas não o ajudou a relaxar.

Passou o dia em vigília, tão atento que sabia quantas vezes ela respirava em uma hora. Cerca de cinco horas depois do desmaio, ela começou a respirar melhor, como se apenas dormisse.

Sustentando-a contra o peito, fechou os olhos, mas não dormiu. Cerca de três horas antes do anoitecer, ela começou a ficar inquieta, piscando sem abrir os olhos e retorcendo a boca em intervalos irregulares. De repente, começou a se contorcer brutalmente, como se tivesse um pesadelo. Saber que ela mesma fizera a escolha não amenizava o desconforto que ele sentia diante de seu sofrimento.

Ela tremia, e os tremores se intensificaram até que ele teve a impressão de que sua coluna se quebraria com os espasmos violentos. Naquele momento, desejou que Jasmine nunca tivesse mencionado a troca. Nada que dissesse respeito ao amor e à união deveria ser tão doloroso, pensou com raiva. Esqueceu-se de que ele mesmo não tinha se importado tanto após enfrentar o processo. Porém, tudo que ele conseguia ver era a mulher que amava sofrendo.

Finalmente, uma hora antes do anoitecer, ela mergulhou num sono profundo. Não havia mais sonhos. A temperatura do corpo voltava ao normal como a respiração. A transpiração abundante havia cessado.

Ele trocou o lençol e, deitado ao lado dela, continuou acordado, ainda sustentando sua cabeça contra o peito. Mesmo assim, não notou a sombra cinza na linha da testa, onde os cabelos novos cresciam rapidamente, contornando o rosto de Syreena. O cinza ia ganhando um tom mais escuro e o castanho também se tornava mais profundo. Pela primeira vez desde a enfermidade que quase a matara na infância, ela adquiria um tom quase uniforme de cabelo. No final, todas as mechas eram negras,

reluzentes, embora de um tom menos intenso que o de Damien. Restavam algumas mechas cinzentas e castanhas, e o manto que começava em sua cabeça e descia pelas costas se dividia agora em preto, castanho e cinza, com o negro predominante.

Quando Syreena finalmente abriu os olhos, já era noite. Sentiu-se incrivelmente feliz ao perceber que despertava entre os braços do parceiro. Todos os traços de vertigem haviam desaparecido, mas sentia algumas áreas do corpo doloridas. Não sabia o quanto a metamorfose poderia ser precisa.

Damien sentiu seus pensamentos antes mesmo de ela se mover, e abriu os olhos rapidamente, fitando-a. A mudança e o crescimento dos cabelos eram dramáticos, e ele precisou de alguns instantes para absorver o impacto. Ainda não se havia recuperado quando viu os olhos de Syreena. Agora ambos eram negros, com reflexos cinzentos, castanhos, e de um azul-escuro.

Por um momento, foi como fitar os olhos de uma estranha. Mas ela sorriu, e ali estava Syreena, a mulher que ele amava. Suspirou, aliviado.

— Acho que tenho uma ideia do que vai absorver de mim — ele disse.

— Incomoda-se de compartilhar?

— Bem... — Ele se debruçou na beirada da cama e pegou a faca no chão. — Olhe para a lâmina.

Ela viu o reflexo distorcido do próprio rosto.

— Eu combino!

Era uma exclamação infantil de deleite, e ele ficou um pouco confuso. Imaginara que ela pudesse ficar perturbada com aquilo, e não lhe ocorrera que a nova uniformidade de cores poderia ser prazerosa para ela. E entendeu o motivo. Apesar de a cor ainda ser única, não era algo que a marcasse como um ser diferente. Ela continuava virando a lâmina para apreciar sua nova aparência de diferentes ângulos.

— Eu gostaria de saber o que significa — ela disse suavemente.

— O que significa?

— O negro, Damien. Lembra? A cor do cabelo de um licantropo representa a forma que ele toma.

— Um corvo?

— É pouco provável. Eu lhe dei essa forma. Duvido que possa devolvê-la. E meu braço... — Ela se sentou e removeu a bandagem e a tala, sorrindo ao movimentá-lo perfeitamente. — Quero voar!

— Syreena!

Mas ela já corria para a janela e a abria.

— Syreena! E se você perdeu o falcão?

— Eu saberia. Ele ainda está comigo.

Ela mergulhou no ar ainda em sua forma humana. Damien correu até a janela com o coração apertado, quase temendo olhar para baixo. Logo, avistou-a.

Seu corpo atlético descreveu um arco ascendente, passando diante da janela como uma flecha. A lua brilhava sobre os cabelos negros de sua forma mista, asas largas transportando-a pelo céu como uma criatura mítica, um anjo.

No instante em que o corvo saltou para unir-se à parceira, ela se transformou no falcão, que agora ostentava a nova cor de seu cabelo. As costas eram negras, a barriga era de um cinza suave, e todo o restante do corpo era escuro como carvão.

Falcão e corvo mergulharam com a sincronia impressionante das aves. Syreena o conduzia. Sabia que seria necessário algum tempo até ele desenvolver suas habilidades, mas já havia aprendido o suficiente para se manter no ar. Ela tomou a direção do lago e, mais uma vez, transformou-se no ar, assumindo a forma de que tanta falta sentira, o ágil golfinho. Ela cortou a superfície da água em alta velocidade e sem causar respingos. O golfinho se movia como um raio cinzento, desafiando o olhar com sua espantosa velocidade.

Damien pousou na margem do lago, retomando sua forma mais natural. Ela emergiu como mulher, sua risada exultante enchendo-o de alegria.

— Só uma semana, mas parece tanto tempo! — Syreena exclamou.

— Então, existe alguma diferença além da coloração?

— Sim, certamente, mas ainda não sei o que é.

— Não consegue ouvir meus pensamentos?

— Sim, eu escuto, mas não tem nada a ver com telepatia.

— Ela ergueu uma das mãos, chamando-o com sensualidade.

— Humm, o resultado é o mesmo — ele disse, mergulhando.

Quando ele emergiu, emitiu um chiado ofegante.

— Isso mesmo. Estamos no inverno, não?

— Deixe-me adivinhar: não está sentindo a temperatura da água?

— Não muito — ela concordou, deixando-se abraçar.

— Mas sinto suas mãos frias.

— Mas não como antes.

— Porque eu estava preparada. E porque não estou na minha forma inteiramente humana.

Só então ele sentiu uma longa cauda batendo em suas pernas.

— Ora, ora, se não é a pequena sereia. — Ele riu, acariciando suas costas e sentindo a textura da região onde pele encontrava escamas.

— Não me peça para cantar! Sou muito desafinada.

— Até mesmo com o espírito da sereia em você? Difícil de acreditar. — Beijou-a antes que ela pudesse responder.

— Achei que tivesse ouvido reclamações quanto à temperatura da água — ela murmurou, aconchegando-se ao corpo imerso.

— Sim, mas conforme perco o calor do corpo, fica mais fácil. Acho que você não pode dizer o mesmo. Imagino como vai reagir às mãos geladas do príncipe desta vez.

Ela riu e se soltou, mergulhando com surpreendente agilidade.

— Para descobrir, vai ter que me pegar! — gritou, agitando a cauda de maneira insolente para espirrar água nele.

Damien não a seguiu. Parado onde estava, esperou que ela tivesse de voltar à tona para respirar. Quando isso acontecesse, teria de aquecê-lo como penitência.

Jasmine entrou no castelo e tentou identificar a poderosa marca da presença de Damien.

Ele estava lá fora. Impaciente, suspirou ao reconhecer a presença de sua nova sombra. A mulher nunca o deixava em paz?

Teria de se resignar com isso. Damien pretendia mantê-la ao seu lado como os humanos mantinham animais de estimação. Uma comparação muito apropriada, considerando-se que ela era mais animal do que qualquer outra coisa.

Jasmine teria de se adaptar às mudanças. Consolava-se com os acontecimentos que se aproximavam tão rapidamente. Pelo menos, não ficaria entediada. Por outro lado, provavelmente haveria algumas baixas indesejáveis. E Damien tinha grande chance de estar no topo da lista.

Porém, já fizera sua escolha. Decidira ficar ali. Permaneceria ao lado do homem que era como um irmão e um pai para ela. E suportaria a presença de Syreena. Damien precisava de sua ajuda, e não o abandonaria em um momento tão perigoso.

Embora houvesse sido decidido que se esperaria pelos inimigos, Jasmine havia tomado uma decisão pessoal. Concordava com a necessidade de tempo e esforço para abordarem a situação da maneira mais apropriada, mas havia algo que podia e devia ser feito imediatamente.

Depois de pensar nisso o dia todo, decidira incluir Damien em seus planos. Ele manifestara sua opinião sobre o assunto de tal forma que, agora, tinha recursos para convencê-lo de seu ponto de vista.

Desde que sua amiguinha não tivesse oportunidade de se opor. Nesse caso, Syreena o afastaria do caminho que ela traçara. Algo que costumava fazer com uma frequência irritante.

O truque consistia em separá-los por tempo suficiente para convencer Damien de que sua ideia era boa. Tinha um plano para isso, e já começara a colocá-lo em prática. Em pouco tempo, aliados começariam a chegar, e eles reorganizariam e revitalizariam o castelo. E seriam a isca ideal para a princesinha.

Seguiu para os aposentos que sempre ocupara no castelo. Agora, eram próximos demais dos de Damien, e, por isso, escolheria outros na ala mais afastada do adorável casal.

Enquanto esperava pela chegada dos outros, começou a transferir suas coisas.

Damien interrompeu o beijo para olhar para o castelo.

— Temos companhia — ele disse.

— Vamos ver se adivinho...

— Sim, é Jasmine. — Ele riu. — Mas eu não me preocuparia com isso. Há vampiros se movendo nessa direção. Vários. Devem ser os aliados que vão ficar conosco no castelo.

— Lembre-me de dizer a ela o quanto sou grata por isso — Syreena comentou com ironia. Em uma corte cheia e movimentada, teriam poucas oportunidades para a deliciosa intimidade que viviam no momento. Depois de quinze anos sendo constantemente observada, adoraria ter mais tempo para viver em paz, sem olhos atentos acompanhando cada um de seus passos.

— Ela não é totalmente responsável. Os outros sentiram minha presença e foram atraídos por uma combinação de tradição e curiosidade.

Damien sabia que ela entendia que seria melhor assim, embora o momento fosse de perigo. A relação entre eles se tornaria conhecida, e teriam de enfrentar a opinião pública e a reação do povo. Ela devia estar preocupada. Mas vampiros não eram como os licantropos nesse sentido. Os que discordassem da ideia do relacionamento não anunciariam abertamente, preferindo guardar segredo e adequar a situação a propósitos próprios. A maioria, porém, deixaria de se interessar pela história relativamente depressa. Essa era uma circunstância em que a instabilidade dos vampiros seria conveniente.

Syreena e Damien retornaram juntos para a nova casa, onde se vestiram para receber os que logo chegariam. Ela ficou pronta primeiro e, quando estava saindo, chocou-se contra Jasmine.

A fêmea de vampiro começou a se desculpar, mas calou-se ao perceber a alteração nos cabelos e nos olhos da princesa. Syreena compreendia a surpresa em seus olhos, e via claramente que, além do choque, havia também um profundo descontentamento com a transformação.

— Pelo que vejo, vocês concluíram a troca — ela comentou finalmente. — Eu os congratulo por isso. São os primeiros em milhares de anos a realizar essa etapa da união. Se precisar de ajuda para o restante da cerimônia, não hesite em me procurar.

— É claro. — Syreena estava surpresa com a inusitada generosidade. — Damien me disse que os aliados estão chegando.

— Sim, logo estarão aqui. Suponho que esteja ansiosa.

Mais uma vez, Syreena teve a sensação de que Jasmine escondia alguma coisa e que, por isso, sentia grande prazer com uma afirmação aparentemente banal.

— Por quê?

— Agora, é a senhora desse castelo, princesa. E, como tal, terá de tomar todas as providências para que funcione perfeitamente. Sempre desempenhei esse papel, mas agora ele é seu.

— Ah, sim, entendo. Bem, estou familiarizada com isso. Administrei a casa de minha irmã dessa mesma maneira.

Jasmine sorriu. Seria divertido ver a licantropo tentando dar ordens para uma equipe de vampiros.

— Então, sugiro que vá recebê-los. Eles já estão na porta. — Segurando o braço de Syreena, ela a conduziu na direção certa. — E vão continuar chegando durante toda a noite. Você vai conseguir diferenciar os criados domésticos dos serviços de posição mais elevada, é claro. Sybil, que no passado foi nossa governanta, será a primeira a aparecer, se a conheço bem, e será uma excelente assistente para você.

Damien estava encostado a uma parede, os braços cruzados sobre o peito, os olhos escuros seguindo a parceira que, agitada, se incumbia de organizar tudo na casa. Ela orientava criados, cumprimentava hóspedes, e tratava a todos com cortesia e atenção. A casa, ela explicava, estaria em ordem em algumas noites, e então ela organizaria uma reunião para todos que desejassem prestar suas homenagens ao príncipe. Ela evitava ofendê-los recusando diretamente a companhia deles, valendo-se de uma simpatia e de uma graça que eram pura diplomacia.

Percebeu que ninguém que não estivesse muito atento diria que ela não era vampiro. Primeiro, era uma ideia inconcebível que Damien estabelecesse uma união com uma fêmea que não pertencia à raça e, portanto, não havia razão para esperar por isso. Os que estavam intrigados por ela não despertar aquela sensação que alertava os vampiros para a presença uns dos outros não iam além de um intrigado erguer de sobrancelha. Se alguém a examinasse valendo-se das membranas oculares sensíveis ao calor, saberia imediatamente a verdade, porque ela seria um lampejo fulgurante de vermelho na visão daquelas criaturas.

E nesse momento haveria uma reação. Por isso, Damien os observava atentamente, pronto para interferir em caso de alguma resposta adversa.

Logo o equilíbrio entre aqueles que ali estavam para trabalhar ou morar na casa chegou ao ponto a partir do qual Damien podia relaxar. Aquelas eram as pessoas mais leais que conhecia, seres que haviam defendido sua casa arriscando a própria vida. Do mordomo à lavadeira, suas famílias o serviam havia eras e consideravam isso motivo de orgulho. Para ele, não importava que fossem os menos poderosos da espécie, o que os limitava àquela camada social na cultura dos vampiros. Havia nesse povo aparentemente submisso um poder que superava de longe os daqueles com quem Damien se relacionava na esfera pessoal.

Era o poder do contentamento, da lealdade, da satisfação, coisas tão elusivas para os que detinham habilidades superiores. Só agora entendia tudo isso. Esse poder vinha da tranquilidade, de não terem de se preocupar com a possibilidade de, a qualquer momento, alguém os esfaquear pelas costas ou arrancar sua cabeça. Eram criaturas que haviam estado sempre limitadas à mesma terra, ao mesmo clã, aos mesmos relacionamentos. Sempre. E isso dava a eles segurança, em vez de tédio.

Damien estava fascinado.

Agora que também encontrara contentamento, ele sentia uma grande alegria em poder assistir àquela dinâmica. Evitara aquela terra e aquelas pessoas por muito tempo porque eles o aborreciam e frustravam com seus prazeres aparentemente simplistas. Antes, não compreendia a vida como agora.

Podia perceber, pela atmosfera jubilante, que todos estavam felizes com seu retorno. Tinham sentido falta da presença de seu príncipe. *Se os de posições mais elevadas o recebessem tão bem...* Mas lidaria com isso quando fosse a hora.

Quando percebeu que havia no salão pelo menos dez vampiros domésticos conhecidos, afastou-se da parede. Ninguém causaria problemas, agora que todos tinham visto que Syreena comandava a casa com sua aprovação. Os que agora a cercavam garantiriam sua proteção, caso ainda houvesse algum tolo com a intenção de desafiá-la. Era evidente que ela era a parceira do príncipe, e seria respeitada e protegida tanto quanto ele.

Ele aproveitou a oportunidade para procurar Jasmine, que havia solicitado uma audiência privada assim que fosse conveniente. Como queria fazê-la entender que ainda era importante e que valorizava muito sua opinião e sua presença, decidiu que era uma boa hora para atender ao pedido.

Jasmine instruíra Lúcia, uma criatura pequenina e delicada, sobre como ela queria que o quarto fosse mantido, e como suas coisas deviam ser organizadas, quando Damien a encontrou. Ela havia se mudado para uma ala afastada, depois de cinco séculos ocupando o quarto em frente ao dele.

Ele sentia uma intensa dor em seu coração ao observar essa resistência passiva às mudanças em sua vida, mas fizera todo o possível por ela, e agora ela fazia tudo que podia para se adaptar. Talvez o tempo trouxesse soluções melhores.

— Quería falar comigo? — Damien perguntou ao entrar.

Teve de conter o riso ao ver Lúcia fitá-lo com olhos muito abertos e assustados. Jovem, ela nunca havia estado na presença do príncipe vampiro antes, e devia se sentir intimidada por histórias e rumores que tinha ouvido.

— Damien — Jasmine o cumprimentou com um sorriso terno, correndo a abraçá-lo. — Fico feliz por ter vindo. Há algo que gostaria de discutir com você.

Com o braço entrelaçado ao dele, conduziu-o para uma antessala empoeirada e vazia.

— Está tramando alguma coisa — ele comentou assim que a porta se fechou.

— Confesso que sim. Damien, concordo com tudo que já foi debatido sobre essa situação envolvendo os renegados Nightwalkers, mas acredito que há algo que devemos fazer.

— Jasmine, está procurando encrenca.

— Exatamente! E você também deveria estar! Damien, você é o príncipe, e eu sou sua conselheira mais confiável. Sempre estive no comando dos assuntos domésticos, e você sempre os delegou a mim. Desde quando permitimos que outros decidam nossas questões internas? Temos uma responsabilidade à qual devemos nos dedicar imediatamente. O patife vampiro. Temos de descobrir sua identidade. Precisamos saber quem é o traidor, ou corremos o risco de divulgarmos informação a quem não deve tê-la.

Damien estudou-a, tentando encontrar as reais motivações em sua expressão e na linguagem corporal. O que ela dizia fazia sentido, mas era impossível ignorar a impressão de que havia motivos ocultos por trás da lógica. Por outro lado, Jasmine sempre os tinha.

— É bem provável que o traidor seja um daqueles nos quais nunca confiamos — ele argumentou.

— E se não for? Você nunca ignorou possíveis ameaças, Damien.

— Jasmine, não me sinto feliz com o que vou dizer, mas não pretendo promover um confronto com um vampiro que tem o apoio de alguém como Ruth... e de magia negra, também. Quem quer que seja, ele já matou um inocente. Isso o modificou para sempre.

— Sim, e nós dois sabemos em que pode se transformar um vampiro que atravessou esse limite. No passado, você não descansaria enquanto não detivesse esse ser. Por que hesita agora?

— Porque não penso mais somente em mim mesmo.

— Está dizendo que tem medo de preocupar sua frágil parceira?

— Estou dizendo que tenho um povo para comandar, e que sou responsável por liderar essa gente nessa era de paz. Se eu morrer agora, quem pode saber que tipo de vampiro vai me suceder?

— Provavelmente seria eu. — Ela riu. — Acha que eu não manteria suas ideias?

— Você? — Damien gargalhou, provocando sua indignação. — Jasmine, você não consegue passar mais de um século sobre a terra! Seria deposta na primeira crise de melancolia.

— Agora está sendo injusto!

— Não estou, ou você não estaria tão aborrecida. Meu bem, você não tem paciência para governar. Você sabe que a amo e conto muito com você, mas também a conheço como ninguém. No fundo, sabe que estou certo. Minha morte, condição indispensável para você subir ao trono, seria suficiente para lançá-la num poço sem fundo de dor e depressão.

— Está superestimando sua importância — ela disparou. Mas ambos sabiam que era bravata. — De qualquer maneira, não estou sugerindo que participe pessoalmente dessa batalha. Mas acho que deveríamos tentar um reconhecimento. Não quer saber quem traiu nosso povo dessa maneira tão vil? Se não está curioso, só precisa me dizer, e nunca mais tentarei convencê-lo a descobrir o nome do culpado.

Jasmine o conhecia bem.

— Suponho que já tem uma ideia de como podemos descobrir quem é o traidor?

— Devemos começar pela biblioteca. É possível que encontremos alguma coisa por lá. Se tivermos sorte, o rastro de Ruth ainda não terá esfriado por completo. Só nós poderíamos nos aproximar dela sem sermos detectados.

— E se o vampiro que a acompanha for suficientemente poderoso para perceber nossa presença?

— Ninguém tem esse poder. Vamos nos encobrir. Ninguém jamais nos percebeu nessas condições.

Damien ficou em silêncio por um momento, tentando pensar com clareza, em vez de agir por impulso. Queria descobrir o traidor e puni-lo. Se conseguissem saber o nome do culpado, teriam uma vantagem, pois ele acreditaria poder se mover por entre os de sua raça sem ser identificado pela duplicidade. Talvez assim pudesse separá-lo da fêmea de demônio, tornando cada um deles mais vulnerável. Então, castigaria o traidor de forma exemplar, como sempre fizera. E isso só seria possível nesse momento, antes de Ruth ter a chance de explorar seu conhecimento sobre a troca, ou antes de o vampiro começar a aprender os truques de magia negra com a nova aliada.

— Muito bem — ele decidiu. — Dê-me apenas um instante com Syreena...

— Não temos tempo, Damien. Os licantropos estão esvaziando a biblioteca. Logo não haverá mais um rastro a ser encontrado.

— Não posso deixá-la sozinha em uma casa cheia de vampiros que não percebem quem e o que ela é!

— Ela é tão frágil assim? Depois de ter matado Nico, imagino que consiga manter na linha um punhado de meros criados.

Jasmine tinha razão. Estava sendo superprotetor. Syreena era mais forte do que imaginava, e estava acostumada a cuidar de uma casa cheia de criados e de hóspedes estranhos. Não havia ninguém capaz de fazer mal a ela. Se conseguira derrotar sozinha e com facilidade o filho de Nico, certamente saberia se impor diante dos criados.

O desejo de saber quem era o patife era maior do que tudo, e Damien sucumbiu ao impulso. Apressado, deixou o castelo acompanhado por Jasmine.

* * *

Passou-se mais de uma hora antes que Syreena percebesse que Damien deixara a propriedade. Nesse período, estivera ocupada distribuindo tarefas e ignorando olhares desconfiados de mais e mais recém-chegados em todas as salas em que entrava. A equipe de vampiros começava rapidamente a perceber que ela não era um deles. Sabia disso, pois era cada vez mais difícil fazê-los responder às suas solicitações.

Não queria correr chorando para os braços de Damien e, por isso, se empenhara em resolver a situação sozinha, mas não tinha um único aliado, e a dificuldade começava a prejudicar sua eficiência.

Jasmine certamente esperava alguma coisa desse tipo e, por isso, tinha desaparecido.

Syreena havia esperado algumas dificuldades, mas não imaginara que Damien a deixaria sozinha em condições tão hostis. Por outro lado, estava satisfeita por ele ter

saído do caminho e deixado tudo em suas mãos, em vez de ficar tentando cercá-la de cuidados e proteção.

— Bem, não posso ter as duas coisas — ela resmungou.

Ele devia ter saído para caçar. Com ou sem Jasmine. Não tinha importância. Só queria que ele voltasse logo.

Viu uma criada que devia estar varrendo as lareiras vagando pelo salão. E era a terceira vez que a surpreendia em flagrante desobediência. Era hora de mostrar quem estava no comando.

Abordou-a quando ela entrava no salão principal, onde outros quatro serviçais tentavam pôr tudo em ordem. Ali a lareira já havia sido varrida. Respirou fundo para conter a ira.

— Oria!

O silêncio abateu-se sobre o salão. O tom de voz da nova senhora não deixava dúvidas quanto ao motivo do chamado.

— Sim? — respondeu a jovem indolente.

— A lareira desse salão já foi varrida.

— E...?

Syreena notou o interesse dos outros quatro criados.

— E... A menos que queira lavar os banheiros, sugiro que volte a varrer as lareiras que ainda não estão limpas. E, se ousar me desobedecer ou desrespeitar, será expulsa dessa casa e nunca mais voltará a ela. Fui clara?

— Não pode me pôr para fora. Você não é nada! Logo Damien terá outra mulher em sua cama, e ninguém vai nem se lembrar do seu nome.

Risadas abafadas soaram na sala, mas duraram apenas três segundos. Foi o tempo de que Syreena precisou para agarrar a jovem insubordinada pelo pescoço e segurá-la contra a parede mais próxima com um estrondo assustador. A criada emitia um som estrangulado, tentando se livrar da mão que era como uma garra de aço.

Quando os outros se aproximaram para tentar ajudá-la, Syreena os recebeu com um grunhido que os deteve.

— Tentem tocar em mim, e descobrirão exatamente qual é a importância da minha presença na casa de seu príncipe. Posso garantir que ele não vai se contentar em simplesmente expulsá-los daqui.

A demonstração de confiança os atingiu, e eles recuaram. Syreena olhou novamente para a jovem criada mantida contra a parede.

— Todos vão aprender com a sua lição, menina. Não gosto de me repetir, e só aviso uma vez. Sou uma princesa licantropo, e estou acostumada a ser obedecida sem questionamento. Não aceitarei menos dos criados que servem na casa de meu parceiro.

O aviso se espalharia rapidamente entre os vampiros. Os quatro criados que haviam assistido à cena contariam aos outros sobre a natureza volátil da princesa licantropo, e sobre como não era sensato provocá-la.

— Saia dessa casa por conta própria, ou vai ter de sair pelas minhas mãos. E não esqueça que só aviso uma vez — Syreena disse, soltando-a. Ignorando a garota quase desfalecida aos seus pés, virou-se para os outros sorrindo. — Estão fazendo um excelente trabalho aqui no salão. Quando terminarem, Sybil dará novas instruções. Lembrem-se, a voz dela é a minha voz aqui dentro, e minha voz é a voz de Damien. — Após lançar um olhar de desdém para Oria, saiu para procurar o príncipe.

Assim que Syreena se retirou, a indignada fêmea de vampiro se levantou e caminhou para os outros.

— Não é absurda a ousadia dessa forasteira? Quem ela pensa que é? Parceiro? Parceira de Damien? Ele jamais se ligaria a alguém que não fosse vampiro!

— Cale a boca, Oria — um dos homens a censurou. — O que sabe a respeito dele? O príncipe passou muito tempo longe daqui. Mais tempo do que você tem de vida.

— Se sabe o que é bom para você, menina, sugiro que vá embora — disse outro. — Se o que ela diz é verdade, Damien vai arrancar sua cabeça por ter ousado desafiá-la.

Sem aliados, Oria compreendeu que seu destino estava selado. A mutante vencera, ela havia perdido, e nada podia fazer para mudar a situação.

Ultrajada, deixou o castelo.

Uma hora se passara, e Damien ainda não tinha retornado. Syreena começava a se perguntar onde ele poderia ter ido. Não o conhecia muito bem, mas ele não devia ser o tipo de homem que prolongava uma caçada quando havia tanto por fazer. Jasmine também não havia voltado, o que só aumentava sua preocupação. Depois do incidente com Oria, a criadagem a obedecia sem questionar, e ela os deixara cuidando das tarefas que distribuía. Seguiu para os novos aposentos de Jasmine. Talvez lá pudesse descobrir alguma coisa sobre o paradeiro dos dois.

Ao abrir a porta, encontrou uma fêmea de vampiro muito jovem dobrando roupas e pendurando peças delicadas no guarda-roupa. A garota se assustou ao vê-la. Rápida, ela se curvou numa reverência, o que a fez sorrir. Era o primeiro ato de respeito de alguém da criadagem.

— Olá, minha jovem. Sabe onde está sua senhora?

— Diante de mim, alteza.

Syreena sorriu novamente.

— Certamente. Porém, Jasmine vai querer que seja mais leal a ela do que a mim, e não a culparei ou punirei se estiver em conflito. Qual é seu nome?

— Lúcia.

— Lúcia, por acaso viu meu... seu príncipe?

— Sim, senhora. Ele saiu com minha senhora há duas horas, aproximadamente.

— Sabe para onde ele foi?

Lúcia hesitou.

— Escute, só quero saber porque... estou preocupada com essa demora. Eles já deviam ter voltado. Se não tenho razões para me preocupar, só precisa me dizer. Vou acreditar em você.

— Não posso dizer isso. Eu não devia saber para onde eles foram, mas... eu sei.

— Pode ser mais clara?

— Eu estava no salão e ouvi minha senhora... Jasmine, quero dizer, conversando com o príncipe na antessala de sua suíte. Eles vão tentar descobrir a identidade do vampiro que chamam de traidor.

Syreena teve a sensação de que o coração parava de bater. Sabia a que a jovem se referia, embora ela mesma nem desconfiasse.

— Agradeço por sua franqueza, Lúcia.

— Eu é que devo manifestar minha gratidão, senhora. Os outros jamais dirão, mas todos queriam que Damien voltasse. Se ele está aqui agora por sua causa, todos devemos ser gratos.

Syreena moveu a cabeça, despedindo-se e agradecendo ao mesmo tempo. Depois se retirou, levando com ela uma avalanche de emoção e especulações.

De maneira estranha, analisou primeiramente a porção mais inofensiva da informação. Não havia percebido que Damien se mantivera longe de casa durante um período tão longo. Pelo que Lúcia dissera, os vampiros tinham se sentido negligenciados, e isso exigiria um tempo razoável. O que o mantivera afastado por tanto tempo?

Só então a questão mais séria chamou sua atenção. Damien e Jasmine haviam saído para fazer exatamente o que ele prometera que não faria! Ele parecia ter compreendido que correr riscos desnecessários seria irracional e tolo, e havia prometido refletir antes de agir.

Syreena sentia um medo incontrollável. E sentia-se traída, também. Queria acreditar que ele e Jasmine podiam se defender, mas como confiar em um homem que não mantinha a palavra? Como poderia passar o resto da vida com alguém que mentia para ela, que fazia promessas vazias e esperava pelo momento oportuno para quebrá-las? Como poderia acreditar nele?

Doía pensar que ele era capaz disso. Teria errado tanto ao julgar seu caráter? Teria um discernimento tão ruim?

Não. Não podia ser tão dura consigo mesma nem com ele. Damien estava perturbado com a ideia da existência de um traidor em seu povo. Estava habituado com a natureza egoísta dos vampiros e com sua personalidade pouco confiável, mas só até certo ponto. E depois desse ponto... Bem, era evidente que ele considerava traição uma questão pessoal. Sabia que Siena reagiria de maneira muito parecida, caso algo semelhante ocorresse em sua corte.

Mas ela sempre aconselhava a irmã a ter cautela, e sabia que suas opiniões eram aceitas com sinceridade. A rainha não fingia concordar para depois agir de maneira contrária.

Damien teria de entender que não podia tratá-la dessa maneira. Aceitaria seu estilo de vida e seus hábitos de vampiro, incluindo o tédio e os estranhos relacionamentos e entretenimentos, mas não aceitaria duplicidade.

Precisou apenas de alguns segundos para deduzir por onde eles começariam a busca. Determinada, aproximou-se da janela e saltou.

Voou para a biblioteca na caverna com toda a velocidade. Não sabia o que faria quando os encontrasse, mas estava completamente inundada por emoções e por uma determinação que direcionava seus atos. Viajaria quilômetro a quilômetro, tomando as decisões na medida em que progredia.

Chegando à caverna, notou o silêncio e a bagunça no interior da biblioteca. O lugar estava iluminado apenas por uma tocha e, pelo que se podia ver, fora destituído do que restava de seu inventário e da mobília. O que antes tinha sido organização, agora era só desordem. Era possível sentir no ar o cheiro de sangue de todos os tipos.

Hesitou na soleira, sentindo a violência das mortes ali ocorridas. Não era covarde ou supersticiosa; apenas achava que a situação devia ser tratada com respeito. Havia no ar um sentimento estranho, como em uma tumba profanada por ladrões.

Além do cheiro da morte e dos rastros variados deixados pelos licantropos que cuidavam da transferência da biblioteca, havia no ar o cheiro de vampiros. Um cheiro recente.

E um daqueles odores agora era familiar para ela.

Damien.

Chegara a ter esperanças de que Lúcia estivesse enganada, mas havia sido uma fantasia tola. Damien era apaixonado por seu povo. Muito mais do que por ela. Sufocando o desapontamento, abaixou-se na escuridão para seguir o rastro.

Damien e Jasmine haviam deixado a caverna juntos. Muito bem. Mas... Seria capaz de rastreá-los no ar?

Era a força do rastro deixado por Damien que a levava a acreditar que sim. Ou ele não fazia nenhum esforço para esconder suas ações, ou ela desenvolvera uma habilidade especial para encontrá-lo. Rastreá-los foi mais fácil do que esperara. Eles não tinham motivos para encobrir as pistas, mesmo que Ruth e seus seguidores decidissem localizá-los por alguma razão. Mas, se Ruth decidisse encontrá-los, isso significaria que ela era a vencedora no jogo, qualquer que fosse, e essa era uma ideia que lhe causava uma dor insuportável. Voou com vigor redobrado.

Sua vantagem era que seguia um rastro recente, diferente de Damien e Jasmine, que iam atrás de pistas mais antigas. Por isso, viajava muito mais depressa que eles. Só esperava poder alcançá-los antes que se metessem em alguma confusão.

Seu coração passou a bater acelerado, tomado pela ansiedade, quando percebeu que as pistas a levavam de volta à França, para território mistral. Era compreensível que estivesse preocupada, pois sofrera um grande trauma em sua última viagem àquela região. Mas não era só isso. Pensar em Damien se expondo ao risco de encontrar aquela fêmea de demônio louca e renegada a enchia de pavor.

Agora, observava tudo com mais atenção, voando baixo, usando as copas das árvores como esconderijo. Sabia que estava perto de Brise Lumineuse. Também notara

que o rastro terminaria em breve. Ruth tinha uma motivação recente para andar por terras mistrais, e era bem provável que ela ainda estivesse por ali, buscando realizar seus propósitos.

Isto é, se as informações contidas no livro que ela roubara de Jasmine não houvessem direcionado suas paixões. Afinal, ela já havia estado em território vampiro e recrutado um aliado entre eles. Quem poderia dizer que não voltaria tentando aliciar mais Nightwalkers?

Pousou num galho para orientar-se. Sabia que estava perto. Muito perto. De repente, teve medo de se aproximar mais dos dois. Jasmine e Damien possuíam habilidades mentais que os protegeriam da detecção de Ruth. Se continuasse voando, e os vampiros estivessem escondidos por alguma razão, ela os entregaria simplesmente com seus pensamentos.

Era tão culpada quanto Damien por não ter pensado antes de agir. E estava furiosa, também. Se ele precisava de ajuda, como poderia saber? Como poderia ajudá-lo naquelas circunstâncias? Se conseguissem escapar daquela situação inteiros, ela o mataria!

Fechou os olhos, respirou fundo e tentou se acalmar. Se continuasse agitada como estava, anunciaria sua localização para qualquer um capaz de percebê-la. Como falcão, era impossível distingui-la dos outros animais, a menos que alguém se aproximasse o suficiente para ver o colar em torno de seu pescoço, meio escondido entre as penas.

Mais calma, olhou na direção seguida pelos dois vampiros. Deixando o galho onde estava, voou por entre folhas e ramos até as garras encontrarem outro galho. A mudança de posição foi perfeitamente silenciosa, e o galho sob seu peso quase nem se moveu. O silêncio permitiu que ela ouvisse asas batendo no ar. Os olhos varreram a escuridão. O brilho das asas negras contra a lua prateada foi a visão mais linda que ela já teve.

O corvo mergulhava do céu em sua direção, em alta velocidade e com absoluta precisão. Porém, o balançar das asas era preocupado, agitado... Um dia, ele teria a habilidade totalmente desenvolvida, e nesse dia poderia se confundir com licantropos e mistrais que sempre haviam voado. Mas, por enquanto, ainda era possível identificá-lo como um inexperiente vampiro.

Syreena pulou do galho. Quando chegou ao chão, já havia adquirido sua forma humana.

O corpo forte de Damien se desdobrou do corvo, e ela suspirou aliviada ao vê-lo inteiro, sem nenhum ferimento.

— Ficou maluca?

— Era exatamente o que eu ia perguntar! O que está fazendo aqui, Damien?

— Depois — ele respondeu, silenciando-a com um gesto breve. — Está muito perto de Ruth. Se eu pude sentir sua presença, ela também pode. Precisa ir embora antes que...

— Antes que eu possa ver a maluca quebrar seu pescoço? Antes que eu perca a cabeça e mate você antes dela?

— Esse não é o melhor momento para isso, Syreena.

— Exatamente! Mas você veio atrás dela, mesmo depois de tudo que foi discutido e acertado. Mesmo depois de ter prometido...

— Só estou tentando descobrir quem é o vampiro traidor! Não tenho nenhuma intenção de entrar em confronto com Ruth, mas, se você não for embora agora, posso me sentir forçado a fazer exatamente isso!

— Não se atreva a me culpar! Você prometeu, Damien, e quebrou a promessa! É um mentiroso, um egoísta sem consideração!

— Damien, faça-a ficar quieta, ou eu mesma o farei.

Syreena reconheceu o sussurro feminino na escuridão. O ultraje tingiu seu rosto de vermelho. Com os punhos cerrados e a mandíbula tensa, fitou Damien com os olhos refletindo toda a intensidade de suas emoções. Os olhos dele eram frios.

— Não estou acostumado a reportar todas as minhas ações como se eu fosse criança, Syreena, e lamento se isso a incomoda, mas não creio que esse seja o melhor momento para uma discussão dessa natureza.

— Muito bem. Vá bisbilhotar território perigoso com essa encenqueira, se quiser, mas se acha que vai me encontrar esperando dócil e suplicante quando voltar, está completamente enganado!

— Pense bem antes de fazer ameaças e agir precipitadamente.

— Como você fez, por exemplo? "Faça o que eu digo, não faça o que eu faço"? Acha que sou criança? Ou um animal de estimação a ser treinado para se tornar obediente? Sempre incentivou minha independência, mas agora, quando ela o contraria, você decide que ela é indesejável? Ninguém mais vai mandar em mim! Nunca mais! Serei sua companheira, alguém digna do seu respeito, da sua consideração e da sua lealdade, ou não serei nada para você!

Virou-se de repente para partir, surpreendendo Jasmine, que se aproximava dela pelas costas.

— Encoste um dedo em mim, vampira, e arranco seu coração com minhas mãos!

— Se não calar essa boca, vou ter de pôr à prova sua força, princesa. E não será contra mim, mas contra Ruth e seus seguidores. Será que pode se controlar antes que ela apareça no meio de tudo isso?

— Que venha! Pelo menos ela é honesta em suas motivações!

— Obrigada pelo elogio, princesa.

Syreena sentiu os dois vampiros se sobressaltarem ao ouvirem a voz de Ruth. Ela, porém, manteve-se calma. Virou-se, afastou os pés e cerrou os punhos, com o coração batendo forte no peito.

— Temos uma pendência — ela sussurrou, fitando a fêmea de demônio, que sorria.

— Imagino que sim. Venha, menina, e mostre do que é capaz, se tiver coragem.

— Syreena!

O grito de Damien foi inútil, pois a princesa licantropo já investia contra a nigromante demônio. Syreena mudou de forma no meio do salto, desenvolvendo asas e garras, mas mantendo o corpo de mulher. Ruth nunca havia lutado contra as formas alteradas de Syreena antes, e o momento de surpresa deu-lhe vantagem.

Com a concentração perturbada, Ruth não conseguiu se teleportar. Porém, ainda podia se mover e agir como a guerreira que fora um dia. Mesmo assim, sofreu no ombro esquerdo o violento impacto das garras que rasgaram roupa e carne de um só golpe.

Damien e Jasmine se prepararam para lutar, mas foram detidos pela fumaça negra que explodiu entre eles e as duas oponentes. As nuvens se dissiparam rapidamente revelando uma figura conhecida.

— Nico — Damien sibilou furioso.

— Faz sentido — Jasmine opinou em tom neutro.

Nico disse uma única frase, rápida e precisa, apontando os dedos da mão aberta para os inimigos.

O chão da floresta ganhou vida sob os pés deles. Raízes brotavam do chão e envolviam os tornozelos dos vampiros, imobilizando-os com eficiência.

A solução de Damien foi rápida. O corvo surgiu de repente, escapando da armadilha mágica. Jasmine foi menos criativa e delicada. Furiosa, arrancou com as próprias mãos as raízes que a prendiam, jogando-as longe enquanto rugia.

Damien voou contra a cabeça de Nico, mudando de forma no meio do movimento para ganhar peso. O choque derrubou os dois, e eles rolaram pelo chão da floresta. Quando pararam, Damien estava em cima do inimigo, agarrando sua camisa e exibindo as presas.

— Finalmente, Nico, chegou o momento que você tanto esperava. Vamos ver quem merece meu trono!

Jasmine pairava sobre a terra, fora do alcance das raízes enfeitiçadas, perto da luta entre os dois vampiros. Damien podia cuidar de Nico. A princesa deixara sua marca em Ruth e conseguira lidar com ela até o momento. Porém, a surpresa havia sido sua principal arma, que agora perdera o efeito.

Aproximou-se das duas oponentes no exato instante em que Ruth investia contra Syreena com um grito de fúria. Syreena havia sido a primeira a arrancar sangue da adversária, e isso afetava seriamente a auto imagem da fêmea de demônio e sua ideia de invulnerabilidade. Ruth gritou um encantamento, fortalecido pela ira, e toda a floresta foi sacudida pela explosão cujo epicentro era Damien.

Jasmine e Syreena foram lançadas no ar pela força do deslocamento e se chocaram contra as árvores. Aturdida demais para usar as asas, Syreena caiu no chão e foi atingida por uma chuva de escombros que a deixou tonta por alguns momentos.

Mas Jasmine não precisava de asas para flutuar. A dor lancinante podia ser ignorada por um momento, embora tivesse certeza de que havia fraturado algumas costelas no impacto.

Seu problema imediato era calar Ruth. Como? Enquanto ela pudesse falar, não teriam como superá-la. Os encantamentos eram desconhecidos, inesperados e

indefensáveis. *Mas, Jasmine pensou, ela não poderia recitar encantamentos se sua língua fosse arrancada.*

Logicamente, sabia que nunca conseguiria se aproximar o suficiente para tanto. Precisava encontrar uma alternativa.

Damien e Nico também haviam sido arremessados longe pela explosão, e os dois estavam feridos depois de terem rolado pelo chão coberto por raízes e plantas espinhosas. Dessa vez, Nico conseguiu uma posição de vantagem sobre Damien. Ele mantinha o monarca no chão, imobilizado, valendo-se apenas do peso do próprio corpo, das pernas fortes e das mãos firmes no pescoço do príncipe. E, agora que tinha um alvo fixo, tentava usar sua adaga. Mas, quando tentou atingi-lo no coração, Damien ergueu o braço. A floresta tremeu com o som estridente de metal contra metal.

Nico tentava abrir caminho na carne de Damien, cortar o couro da jaqueta que ele vestia, mas era como se a pele do príncipe fosse de aço. Empenhado, ele tentou um segundo ataque, e dessa vez conseguiu abrir uma brecha no couro, mas não foi além disso.

Sabia que jamais venceria o príncipe num confronto direto, especialmente se Damien mantivesse mais armas escondidas sob a roupa. Ao rasgar o couro da jaqueta, ele vira o brilho de outro punhal em seu braço, sobre a manga da camisa.

O vampiro traidor não tivera muito tempo para aprender encantamentos, mas já sabia alguns truques úteis, como o rosnar hipnótico que podia imobilizar um adversário. Como o príncipe estava no chão, decidiu aproveitar a vantagem para testar o conhecimento ainda tão recente. Agora que o mantinha preso, seria muito perigoso que o príncipe mudasse de forma.

Nico começou a pôr em prática o feitiço que faria de Damien um alvo imóvel e vulnerável sob sua lâmina.

Por um momento Syreena não conseguiu respirar. Os pulmões não funcionavam, e ela continuou caída, apoiada sobre as mãos e os joelhos no chão da floresta. Finalmente, tossindo e inspirando profundamente, conseguiu expandir os pulmões contra as costelas doloridas. Com dificuldade, levantou-se e olhou em volta, buscando localizar a inimiga antes mesmo de estar completamente ereta.

A primeira coisa que viu foi Jasmine, que investia contra um alvo. De onde estava, Syreena não conseguia ver quem era. Com o impacto, retornara à forma humana. Hesitou por um instante, tentando decidir que criatura alada seria mais conveniente naquele momento, quando um baque metálico soou atrás das árvores contra as quais ela havia sido arremessada. Girou sobre os calcanhares para olhar além do tronco em que se apoiava, e viu a lâmina de Nico brilhando ao luar e buscando o coração de seu oponente. Enquanto erguia a adaga, ele pronunciou uma frase num idioma desconhecido.

Raízes brotaram do chão e se enroscaram em Damien, contornando pernas, braços e pescoço, imobilizando-o. Syreena foi imediatamente dominada pela fúria. Valendo-se de toda a velocidade, voou até onde eles estavam.

Damien sentiu sua aproximação, um petardo de cabelos escuros e instinto protetor. Ela atingiu o inimigo com toda a força do corpo. O impacto foi suficiente para mover um homem do tamanho de Nico. Na verdade, teria sido suficiente para mover uma montanha! Ela o removeu de cima de Damien, e os dois rolaram pelo chão da floresta. Enquanto isso, o príncipe se libertava do cativeiro de raízes encantadas, usando toda a sua força para arrebentar as tiras resistentes, que, pouco a pouco, cediam sob sua determinação. Quando as raízes de um membro eram rompidas, outras brotavam da terra e o prendiam novamente. As árvores em torno dele se inclinavam perigosamente em sua direção, abaladas pela interferência em suas raízes. Todo o equilíbrio da floresta era alterado pelo feitiço.

Enquanto isso, Nico aprendia a verdadeira definição de competência do ponto de vista de uma monja bem treinada no Pride. Ao derrubá-lo, Syreena o desarmara com destreza espantosa. Já no chão, ela o pressionava usando um joelho contra seu pescoço e se preparava para desferir o golpe fatal.

A adaga rasgou-lhe a pele, abriu caminho na carne e rompeu ossos e músculos, buscando o coração. Nico rugiu de dor e ultraje quando ela finalmente atingiu o órgão vital. Syreena repetiu o golpe, e o vampiro rugiu novamente, incapaz de acreditar que ela o havia atingido pela segunda vez. E dessa vez era muito pior. Ela conseguira remover a lâmina, abrindo o buraco que fizera ao cravá-la, promovendo um jato de sangue que a lavava como uma chuva redentora. E antes que ele pudesse reagir, a licantropo o atacou mais uma vez. Seus olhos tinham o brilho da ira e da loucura, sua garganta emitia um rugido feroz, e os cabelos emolduravam seu rosto e seu corpo como se tivessem vida própria, movendo-se em todas as direções. Ela removeu a faca novamente, aumentando a hemorragia.

Nico tentou detê-la, segurando as mãos que buscavam atingi-lo mais uma vez, e a resistência só a enfureceu ainda mais. Syreena lutou contra sua força, descobrindo que, apesar dos ferimentos, ele ainda era capaz de enfrentá-la. Nico a tirou da posição de vantagem com um poderoso giro do corpo, tentando selar as feridas abertas em seu corpo com a palma das mãos, rastejando de joelhos na direção da adversária. Syreena estava em pé, armada com a adaga ensanguentada.

Em outra parte do violento cenário, Jasmine se esquivou de Ruth, surpreendendo-a por um momento. Mas logo o demônio da Mente percebeu que a natureza da vampira era muito semelhante à dela. Semelhante demais, para infelicidade de Damien. Desde que não a ameaçasse diretamente, Jasmine não arriscaria o próprio pescoço por nenhum propósito que não fosse absolutamente pessoal. Seu ódio pela nova parceira do príncipe era evidente. Por que então ela tentava salvar a pele da princesa licantropo?

Ruth teleportou-se, surgindo ao lado de Damien. Depois de constatar que ele não representava uma ameaça imediata, pois lidava com as raízes encantadas, ela se teleportou novamente, aparecendo agora ao lado do aliado e da licantropo que o ferira gravemente.

— Finalmente vou pôr as mãos em você — disse Ruth com um prazer evidente.

Enquanto Nico investia contra a princesa, Ruth estendeu a mão para agarrá-la pelos cabelos, seu ponto mais fraco e, ao mesmo tempo, sua fonte de força.

Para surpresa dos dois, eles passaram direto pelo alvo e se chocaram um contra o outro. Ruth se enfureceu contra Nico; Nico a xingou e empurrou com violência, tentando localizar a criatura que conseguira escapar novamente.

Quando os dois finalmente encontraram Syreena, ela estava em pé ao lado de Damien, não muito longe deles.

— Impossível... — Ruth murmurou furiosa.

— É um truque! Uma ilusão! — disse Nico.

— *Impossível!* — insistiu o demônio da Mente.

— Certamente não é — Damien respondeu em tom firme e seco.

Ruth levantou-se para atacar o casal que a superara, certa da supremacia de seu considerável poder mental. Ela ainda nem havia saído do lugar quando foi violentamente agarrada por trás, sua cabeça puxada com tanta força que foi quase impossível se manter em pé. Gritou de dor.

Jasmine usou a outra mão para cobrir sua boca, introduzindo nela o punhado de lodo que recolhera antes do ataque, preenchendo completamente a cavidade e silenciando-a com grande eficiência.

Damien sacou o punhal que levava preso à manga da camisa, e ele e Syreena avançaram juntos contra Nico. Percebendo que estava ferido demais e muito fraco para tentar se defender, Nico fechou os olhos e desapareceu imediatamente numa nuvem de fumaça negra.

— Maldição!

— Teleporte.

— Parece que Ruth encontrou um meio de dividir seu poder com ele — Jasmine comentou. — Não é mesmo, minha querida? — ela perguntou, puxando pelo cabelo a mulher que quase sufocava com a boca cheia de barro. — Não gostaria de me contar onde escondeu meu livro? — Ela olhou para Damien e Syreena com um sorriso radiante e satisfeito. — Ops... Eu esqueci. Não pode falar... — Ela mantinha a mão sobre a boca de Ruth, impedindo-a de cuspir a pasta.

— O que vamos fazer? Matamos a desgraçada, ou a entregamos a Noah? — Damien refletiu em voz alta.

— Vamos matá-la. Acabamos com ela antes que...

As palavras de Jasmine foram sufocadas por uma violenta explosão e fumaça negra. A nuvem rolou entre seus braços, de onde Ruth havia desaparecido. Damien e Syreena ouviram o grito furioso da fêmea de vampiro, uma clara manifestação de frustração e ultraje.

O príncipe olhou para sua parceira.

— Nico... — os dois deduziram em uníssono.

De maneira geral, a missão havia sido vitoriosa, embora Jasmine ainda não se conformasse com a perda da importante prisioneira. Syreena sabia que aquela havia sido apenas a primeira de uma longa série de batalhas, e que ainda teriam de

percorrer uma longa estrada até neutralizar a força inimiga. E agora ainda tinham de considerar a força adicional de Nico. Apesar do indesejável desfecho, deviam se orgulhar do feito realizado. Superar a dupla havia sido um grande passo rumo à vitória final. E sabia que Damien pensava como ela. Nem por isso poderiam evitar a iminente discussão. Sentou-se na cama onde eles haviam completado a troca na noite anterior. Damien entrou no quarto com uma bacia de água, panos limpos e material para curativos. Sentou-se ao seu lado, deixou a bacia sobre o criado-mudo, umedeceu um pano, e só então a encarou.

— Vire-se — disse com firmeza.

Ela obedeceu, deixando-o limpar os inúmeros cortes em suas costas. Damien ficou em silêncio por alguns minutos antes de dizer:

— Tem todo o direito de estar zangada comigo. Apesar de tudo que disse, sei que deixei Jasmine me convencer a fazer o que fizemos. E ela nem precisou se esforçar muito. Estava pensando em vingança por causa da morte de Kelsey e por que um vampiro se aliara a Ruth. Não sou nenhum idiota, mas imagino que, para você, eu estivesse agindo como um.

— Não me importo se é ou não um idiota, Damien. O que me incomoda é que quebrou uma promessa que havia feito horas antes. Confiei em você completamente sem pedir nada em troca, e na primeira oportunidade...

— Eu sei, eu sei... — ele a interrompeu constrangido, beijando seu ombro num gesto carinhoso. — Não agi corretamente. Pior ainda foi tentar culpá-la pela minha decisão. Temi por sua segurança. Jasmine e eu não havíamos sido detectados, mas quando senti sua presença...

— Essa parte foi minha culpa. Agi de maneira irresponsável e impulsiva. Sei que poderia ter provocado a morte de todos nós. Damien continuou limpando os ferimentos da parceira. Eram superficiais, e estariam totalmente cicatrizados na noite seguinte, mas queria cuidar dela. Em parte para se desculpar, em parte porque estava mesmo preocupado, e principalmente por gratidão. Ela se mostrara corajosa contra inimigos que já a haviam superado uma vez, e desde então representavam uma ameaça constante e uma fonte de grande pavor para ela. Syreena era a criatura mais corajosa que ele já conhecera e orgulhava-se de tê-la ao seu lado, em sua vida.

Quando finalmente terminou de limpar os ferimentos, Syreena fez o mesmo por ele, desesperando-se ao notar pela primeira vez os anéis de laceração que marcavam sua pele.

— Damien! — O encantamento havia sido mais poderoso do que percebera a princípio, estrangulando-o em várias partes do corpo com a força das raízes. O dano parecia severo, e a dor devia ser intensa. — Eu sinto muito!

— Vai desaparecer em um ou dois dias — ele lembrou, sorrindo. — Valeu a pena, porque agora sei quem é o vampiro traidor. Eu jamais teria descoberto sem esse confronto. De certa forma, você nos ajudou a descobrir exatamente o que queríamos saber. Você os fez deixar a proteção do esconderijo.

— Na verdade, foi uma tremenda confusão, e tivemos sorte por escaparmos relativamente ilesos.

— A propósito, será que pode me dizer como conseguiu enganar Nico e Ruth? Como os fez pensar que estava em um lugar onde não estava?

— Eu.... realmente não sei. Apenas tive um impulso... Um instinto...

— Um instinto de projetar uma ilusão de si mesma enquanto deixava a área visada. — Damien sorriu. — Bem, acho que já podemos parar de especular sobre que parte de mim você recebeu na troca. Quero dizer, foi um truque bem poderoso, especialmente se considerarmos a habilidade mental dos oponentes que conseguiu enganar. E sendo você uma amadora...

—Você não é um amador.

— Não. Mas você tem várias formas, é competente em todas elas, e eu não herdei essa característica na troca.

— Talvez tenha herdado, sim. Não todos os detalhes, mas são necessárias várias décadas até que se possa mudar de forma com a facilidade que você demonstrou um ou dois dias depois da troca. E hoje você se transformou durante o voo, algo que poucos conseguem fazer.

— Certo. Então, talvez você possa projetar poderosas ilusões, mas vai precisar de tempo e prática para poder enxergar esses mesmos truques praticados por outras pessoas.

— Ah! Então, são duas habilidades diferentes?

— Sim, totalmente distintas, doçura. Mas, se me ensinar a aterrissar, eu ensino você a projetar ilusões mais fortes.

— Acho que vou gostar dessa habilidade. Por um tempo, cheguei a ter medo de me ver desenvolvendo caninos.

— Teve medo? Eu tive esperança de que isso acontecesse — ele confessou com um sorriso malicioso e sensual.

— Perverso. — Ela riu. — Você nunca pensa em nada além de sexo?

— Com você sentada do meu lado? Nua? Como poderia?

— Pare com isso — ela o censurou, batendo na mão que deslizava por sua coxa. — Estou coberta de sangue e toda machucada, e talvez ainda esteja muito zangada com você. Ainda não decidi.

— Por que acha que estar coberta de sangue a torna menos atraente para um vampiro?

— Porque o sangue em questão pertencia a um vampiro corrompido pela magia negra.

— Ah... Bem, esse é um argumento incontestável. — Ele a tomou nos braços para levá-la até a banheira.

— Damien! O que está fazendo?

— Não tente me convencer de que não quer tomar um banho. Eu sei que quer.

— Por que sempre se comporta como se pudesse desvendar todos os mistérios da minha mente? É claro que quero tomar banho! No meu lugar, quem desejaria outra coisa?

— Infelizmente, a água está fria — ele disse, deixando-a no chão para abrir a torneira da antiga banheira de pés altos. — O sistema de aquecimento precisa ser reparado, pelo que me informaram. Mas imagino que isso vai incomodar mais a mim do que a você.

— Se quiser, posso mandar aquecer água para o seu banho — ela sugeriu, entrando na banheira sem se incomodar com a temperatura da água.

Damien ajoelhou-se no chão do lado de fora, cruzando os braços sobre a borda de metal e fitando-a diretamente nos olhos.

— Lamento ter preocupado você.

Syreena suspirou, refletindo por um instante antes de responder:

— Não é esse o ponto, Damien. Você quebrou uma promessa. Isso é o que mais me aborrece, e tudo que pedi foi que não cometesse nenhuma loucura. Podia ter falado comigo, se tinha um novo propósito e um novo argumento. Eu não teria ficado feliz por vê-lo deixar o castelo com Jasmine, mas teria sido melhor do que descobrir por conta própria que havia saído sem me avisar. Se houvesse me contado aonde ia e por que, não teríamos passado pelo horror dessa noite. Você prometeu considerar meus sentimentos, e tudo que levou em conta foi que, se discutíssemos o assunto, eu me oporia e tentaria impedi-lo de fazer o que queria. E a verdade, Damien, é que eu teria visto a lógica e os riscos por trás de sua intenção. Sempre fui capaz de ver os dois lados de uma questão. Gostaria que tivesse pensado, mesmo que só por um momento, em me julgar capaz disso. Mas você preferiu agir sem me dar satisfação. Fugiu como se eu merecesse ser enganada.

— Já expliquei que não estou habituado a dar satisfações.

— Não é esse o ponto. Não tenho a menor intenção de colocá-lo numa coleira, nem de treinar sua obediência. Isso iria contrariar a própria essência do que mais me atrai em você. Tudo que quero é que nossa relação seja de fato uma parceria, uma ligação que envolva reciprocidade. Sei que é capaz disso. Vejo como se relaciona com Jasmine. Entendo que vamos precisar de tempo para desenvolver esse mesmo grau de familiaridade e conforto que tem com ela, mas espero ao menos que se lembre de tentar.

— Syreena, ainda estamos aprendendo a nos comunicar. Seu pedido é razoável, e sei que teria tido por mim mais consideração do que demonstrei por você. Contrariei uma decisão que havíamos tomado juntos, e estou pedindo desculpas por isso.

— Eu também cometi um erro grave. Agi sem pensar, fui ao encontro do perigo sem pensar nas consequências, e tudo porque estava furiosa e queria manifestar minha revolta.

— Tem razão — ele concordou apressado.

Syreena riu.

—Agora fique quieto e me ajude a livrar-me desse sangue.

— Suavizou o comando com um beijo nos lábios do parceiro.

— Acho que criei um monstro — ele comentou, rindo. — Está começando a soar bastante autoritária ao manifestar seus desejos, princesa.

— Lamento informar, mas vai ter de se acostumar com isso.

— Acho que não vai ser difícil, doçura.

— Nesse caso, sou obrigada a concordar com você. Acho que nós dois podemos mesmo fazer isso dar certo, afinal.

EPÍLOGO

Jasmine sentou-se na sombra, não necessariamente deprimida, mas afastada das festividades que se desenvolviam em toda a parte.

Damien conseguira. Ele se casara com a princesa licantropo.

Agora princesa dos vampiros, depois de prometer ao povo licantropo uma abdicação formal por ocasião do nascimento do primeiro filho de Siena. Havia sido um gesto designado para aplacar uma possível revolta diante do casamento com um parceiro de outra raça, mas a ausência de licantropos na cerimônia expressava com clareza como a união era aceita.

Havia ausências que Damien considerava razoáveis, companheiros que não haviam comparecido, apesar de próximos. Mas isso não surpreendia realmente os que almejavam desejar felicidade à união das duas casas reais de Nightwalkers. Era um rompimento de tabus arraigados e proibições antigas, de normas enraizadas profundamente na psique dos vampiros por muitas gerações. A única coisa que os impedia de promover uma guerra civil ou uma manifestação de protesto eram os textos da biblioteca. Lá estavam as confirmações do que Jasmine relatara, a história de rituais como aquele, realizados muito antes do surgimento do tabu.

Mesmo assim, o casal havia esperado a primavera para realizar a cerimônia. Só então, tranquilos na certeza da organização e da eficiência do sistema doméstico de policiamento, eles anunciaram o casamento formal. Havia sido uma sábia decisão. O momento fora escolhido cuidadosamente de forma que a informação justificando o casamento fosse divulgada apenas quando a rede de segurança destinada a conter o comportamento dos vampiros estava devidamente instalada. Todos já esperavam pela notícia, é claro, porque Damien e Syreena presidiam a corte juntos e publicamente. Porém, as reações a essas manifestações deviam ser contidas por Jasmine e Stephan. Esse era o trabalho deles, agora.

Ela sorriu. A atividade a mantivera bem longe do tédio. Era estranho como algo com que não concordava pessoalmente podia gerar um repentino sentimento de satisfação e realização. As intrigas na corte dos vampiros a mantinham em estado de alerta constante, sem mencionar a tensão crescente em todas as comunidades Nightwalkers. Toda a atmosfera política começava a mudar de maneira dramaticamente pública.

O momento era de grande volatilidade. E isso a agradava muito. O que não a agradava era o silêncio no reino dos traidores. Não havia nenhum sinal deles, como sempre. Nem mesmo com a expansão da rede de segurança pelos continentes. Não havia como saber se Nico estava vivo ou morto. Não havia como adivinhar qual seria a próxima tática de Ruth. Na verdade, eles nunca sabiam o que ela estava tramando, e Jasmine suspeitava de que a fêmea de demônio se tornaria mais cautelosa na mesma medida em que desenvolvia seu poder. Ao explorar sua fraqueza, Jasmine a pusera em guarda contra eles. No final, só conseguira piorar ainda mais a situação.

Porém, se Nico sobrevivesse mais uma vez, ele passaria muito tempo em estado de torpor antes de retornar para causar mais problemas com a nova aliada. Jasmine pensou que, com um pouco de sorte, talvez tivessem o tempo de que necessitavam para se fortalecer antes de um novo confronto com a dupla. Tinha de reconhecer que o crédito era da princesa licantropo. Suas ações e a habilidade de luta haviam garantido esse tempo de preparação.

— Se o casamento a desagrada tanto, por que veio?

Jasmine olhou para a mulher que acabara de falar. Era Malaya, a chanceler dos habitantes das sombras.

— Já superei meu descontentamento inicial — Jasmine respondeu, encolhendo os ombros. — Mesmo assim, não posso fingir que estou eufórica. Fico satisfeita com a felicidade de Damien, mas é só isso.

— Tentei me colocar no seu lugar. Como eu me sentiria se meu irmão, co-governante da nossa espécie, se casasse com alguém de outra espécie?

— Chegou a alguma conclusão?

— Sim. Percebi que, como não sou vampira, não posso me colocar no seu lugar. Mesmo que acontecesse comigo, seria diferente.

Jasmine sorriu ao ouvir a declaração de grande sabedoria. O sorriso de Malaya brilhou na penumbra.

— Sei menos sobre seu povo do que você sobre o meu, por isso também não teria mais sorte na comparação — Jasmine confessou.

— Entendo. No entanto, sei reconhecer uma união perfeita quando a vejo. Lutar contra uma força dessa natureza seria o mesmo que tentar deter uma onda do mar estendendo a mão. É enfrentar o inevitável. Tolice.

— Concordo. Sendo assim, já respondeu à sua questão inicial.

— Suponho que sim. Conheci o filho da profecia perdida do demônio — ela contou. — O recém-nascido da irmã do rei. Acredita-se que essa criança vai levar um novo poder aos demônios.

— O que significa que vai ter de ser protegido sempre. Ruth conhece a profecia, como qualquer demônio, e vai tentar pôr as mãos nessa criança. O menino e sua contraparte, uma menina que vai nascer dos Defensores. Os dois terão de aprender a conviver com o perigo constante. Por que alguém tem filhos num período tão volátil, expondo os pequenos a tão grande perigo? Não entendo!

— Aparentemente, seu governante não concorda com essa avaliação.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que a princesa está em seu ciclo de procriação, e o príncipe não se comporta como quem pretende ficar longe da parceira nas próximas semanas.

Malaya tinha razão. Damien tocava a parceira sem esconder sua paixão por ela, beijando-a sempre que tinha uma oportunidade, cochichando em seu ouvido coisas que a faziam rir. Syreena não se comportava com o habitual conservadorismo, apesar de haver dezenas de testemunhas para as demonstrações de afeto.

— É Beltane — Jasmine argumentou. — E eles são recém-casados. Todos se comportam de forma um pouco mais... liberal nessa noite.

— Está usando apenas os olhos. Eu analiso a situação com sentidos mais abrangentes. Ela está no cio, e é certo que vai haver um herdeiro para o trono dos vampiros. O primeiro em milênios. Filho de um vampiro e uma licantropo. É de se supor...

— Por favor, já estou com dor de estômago. Não piore a situação.

— Não gosta de crianças?

— Odiei ser criança. E não gosto de pensar nas complicações que um filho deles pode trazer. Mas é bobagem especular sobre o futuro. Nada é certo. Nunca. Pode ser que esse longo período de tabus tenha destruído a compatibilidade necessária para a procriação entre as espécies.

— Não se deixe desanimar por isso. Sua vida vai ser cheia de excitação e realizações, mesmo que Damien não faça parte dela.

— Chanceler, é evidente que não me conhece bem.

— Não, mas conheço o futuro como outros Nightwalkers jamais poderão vê-lo. E não faça perguntas, porque essa é uma informação que não divulgamos a seres de outras raças. Estou falando com você por uma razão. Sua tristeza tem raízes na história, em um passado mais distante do que você imagina, e sua felicidade depende em grande parte do extremo desespero de outros. De qualquer maneira, seu destino é especial, e começa aqui, hoje, com essa cerimônia. Não tenho detalhes específicos, por isso não me faça perguntas. Só pensei que olharia com mais generosidade para sua situação atual se soubesse que Damien e Syreena um dia serão inteiramente responsáveis pela vida que no futuro você vai conhecer.

Jasmine estava sem fala. Tudo que podia fazer era piscar aturdida enquanto a outra mulher se afastava dela com uma graça e uma elegância que lembravam em grande parte os movimentos de Damien.

Depois de um minuto, ela se permitiu olhar novamente para o casal feliz e apaixonado com quem convivia fazia alguns meses. Eles tinham conseguido aprender a viver um com o outro, respeitando suas contribuições mútuas.

Talvez, e apenas talvez, eles pudessem ir muito além disso com o passar do tempo.

É claro que isso dependia também de Jasmine, e ela preferia causar mais alguns problemas para a mulher que roubara dela o melhor homem que já conhecera, antes de ceder de má vontade ao impulso crescente de gostar dela.

*** FIM ***